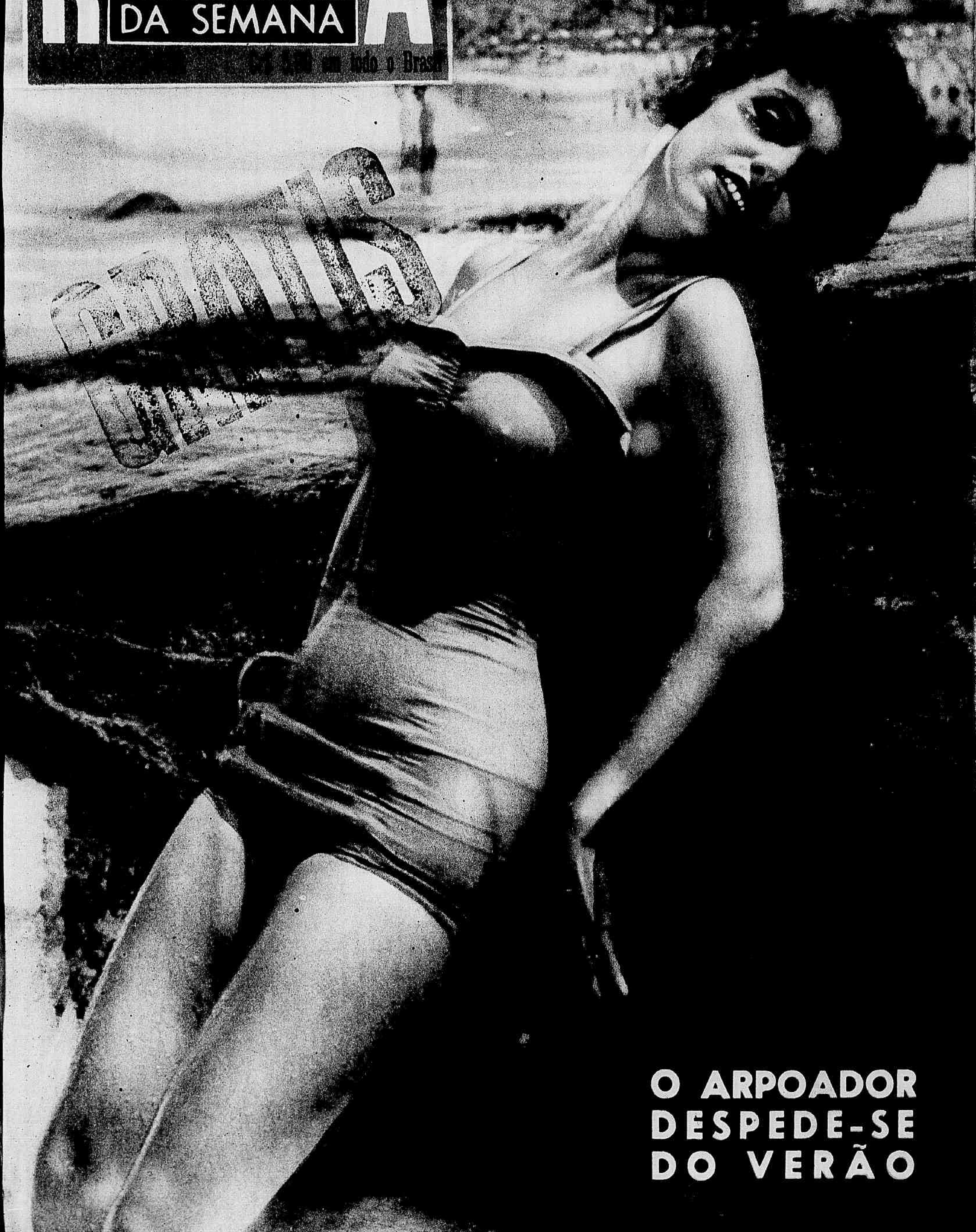
REVISTA DA SEMANA

em todo o Brasil



O ARPOADOR DESPEDE-SE DO VERÃO

A Cena Muda!

10 PÁGINAS EM CÔRES!

Segredos da Tela!

Cinema Brasileiro

Curiosidades e "Close-ups"

Novela das Imagens

Pré-Estréias

Teatro

Preço Cr$ 4,00. - Redação: Maranguape, 15. - Rio. - A venda

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 18 ★ 1-5-1954

SUMÁRIO

Todos fazem o jôdo de Ademar...... 4/9
Consagração da criança brasileira.... 12/15
Os Duarte esperam um bebê.......... 20/23
O Arpoador despede-se do verão.... 28/33
Bate-bola com Zezé Moreira 40/41
Êles querem salvar o Brasil 46/49
McCarthy na defensiva 52/57

Semana em Revista 10/11
Semana Literária 16/17
Boa Viagem 19
Noivas de maio 36/37
Femininas 44/45
Por êsse mundo de Deus............ 50
O Brasil fora da barra 51
Último flash 58

Capa:

O ARPOADOR DESPEDE-SE...
(Report. nas págs. 28/33)

● Redator chefe .... JOEL SILVEIRA
● Assistentes..HÉLIO ABREU e LEON ELIACHAR
● Paginação .... VICTOR TAPAJÓS
● Publicidade .... J. M. COSTA JÚNIOR
S. L. GUIMARÃES, A. MENDES,
S. SANT'ANA e A. NÓBREGA
● Desenho .... ALBERTO LIMA

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933. — Propriedade da

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA.

● Diretor .... GRATULIANO BRITO
● Assistente .... RENATO DE ALENCAR

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado: Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

ZEZÉ MOREIRA DEFENDE A SELEÇÃO

(Reportagem nas páginas 40 e 41)

A indústria (política) de São Paulo lança "o candidato do dia"

TODOS FAZEM O JÔGO DE ADEMAR

HISTÓRIA EM QUADRINHOS DE QUINZE DIAS ENSOLARADOS, CONFUSOS E FRENÉTICOS

Reportagem de JOEL SILVEIRA — Fotos de Norberto Esteves

NO SÁBADO DE ALELUIA o dr. Ademar de Barros estêve a noite inteira numa festa correligionária, regada a muito uísque, chôpe gelado e alimentado de «salgadinhos». Era um homem feliz, de sorriso aberto no rosto vermelho e sadio. Quando um fotógrafo lhe pediu, despropositadamente, que fechasse a carranca, para uma pose «séria», êle retrucou naquele seu jeitão suado: «Nada de seriedades e tristezas, que não há motivos para tal. Agora sou é da alegria». Não, não há motivos. A gente tôda da política, lá em São Paulo, está trabalhando para êle. Direta ou indiretamente, por miopia ou ambição, incompetência ou falta de visão e equilíbrio — todos estão trabalhando para êle. Os que se atiraram sôfregos, na ciranda dos candidatos, e recuaram vencidos ou «queimados» — apenas trabalharam para êle, Ademar; os que se pulverizam nas tricas e nas futricas da política, e os que imaginam que, não se misturando, restarão os donos únicos da vitória — também êstes trabalham para Ademar. O PTB desconfia da UDN; a UDN, heráldica, teme os contactos que julga, na sua soberba, espúrios ou semi-espúrios; o PSD acredita cegamente numa fôrça que reside na hipótese, tão desmoralizada, das estatísticas e dos cômputos teóricos — e, muito fiado em grandezas fictícias e vaidades de moça bonita, todos entram na arena sucessória certos de que voltarão dela vencedores e gloriosos. O sr. Ademar olha, vê e sente tudo isso — daí o sorriso perene que ostenta agora, daí as gargalhadas: da cabeça aos pés o seu corpanzil estremece alimentado de euforia e gôzo. Porque cada vez êle está mais convencido — não só êle, mas qualquer um que acompanhe de longe e de cabeça fria a atual farândola paulista — que quanto mais confusão houver do lado de lá, mais chance haverá para o lado de cá, o lado dêle.

Há quatro ou cinco dias atrás, falando sôlto a um jornalista, foi peremptório: «Eu ia ter, em outubro, 55% da votação; agora, com os outros candidatos que estão aí, e tudo esfarelado, vou passar dos 60%». E' medonho ouvir isso; e mais medonho ainda é saber que ISSO é verdade.

FALAMOS aí em cima de farândola — farândola, tarantela, dança de São Guido: essa a impressão que ficou com os jornalistas que, em São Paulo, acompanharam a doida correria dos candidatos, das combinações, dos avanços e recuos, e mais, atuando como uma outra espécie de fôrça política, o cochichar morno e aflito de um diz-que-diz que nascia logo de manhã cedo, escorregava pelo dia inteiro e findava alta madrugada, com o sono e o cansaço. Houve uma noite em que todos nós, repórteres, ficamos a perseguir os políticos como a um bando de loucos que era preciso prender e recolher novamente ao Juqueri; parecíamos também, metidos em táxis e caminhonetes que corriam atrás dos vistosos «cadillacs», como protagonistas de uma espetacular cena de perseguição numa fita de «gangsters». Do PSD para os Campos Elíseos; dos Campos Elíseos para o PR; do PR para a casa do doutor Cirilo; da casa do doutor Cirilo para os Campos Elíseos — a coisa durou horas. E tudo isso para quê? Apenas para ouvir pingarem das olheiras do doutor Cirilo frases de efeito ou escutar de outro prócer elogios retardados às «altas virtudes cívicas de cidadão e de paulista» do candidato que acaba de ser degolado. Líderes, escolhidos, ungidos, indigitados, todos nos recebiam com palavras graves e café pequeno. Mas também êles já tomavam pé no fluxo e refluxo daquela maré sem juízo; e enquanto falavam, tinham os olhos presos ao telefone, receiosos de que uma mensagem inesperada lhes trouxesse, como já acontecera tantas vêzes, a completa modificação do «panorama sucessório». De um se sabe — foi o sr. Borghi — que no instante em que ditava a um confrade violento xingatório contra o sr. Ademar de Barros, era chamado ao telefone e indagado sôbre uma possível união de fôrças com o chefe do PSP, e lá ficou no aparelho minutos seguidos, numa conversa mole de quem quer e não quer. Quando voltou, o xingatório não podia ser mais, e o máximo que o confrade trouxe do chalé da rua Sabará foi essa desculpa xinfrim: «V. sabe: a conjuntura modificou-se inteiramente. Vamos adiar nossa entrevista para depois de amanhã».

O FRENESI

No «Capitain's Bar», do Hotel Comodoro, «expertss» da política e profundos psicólogos da sucessão chegavam, fim da tarde, com notícias categóricas: o PTB resolveu apoiar o Cunha! Mas um outro, que entrava minutos após, modificava todo o jôgo apenas com uma incisiva anunciação: o candidato do PTB é o Borghi! E os líderes do PSD eram caçados e encontrados na casa dos líderes do PTB, que, por sua vez, estavam voltando da casa dos líderes do PR. Ninguém se entendia; era de ver a ansiedade com que certos candidatos da véspera ou aquêles que seriam os candidatos do dia seguinte punham em nós olhares da mais pura e cívica aflição: era como se estivessem pedindo a nós, jornalistas, que, por amor de Deus e de São Paulo, escolhêssemos nós mesmos o candidato melhor e impuséssemos como coisa compulsória. Outros, contudo, saltitavam naquela confusão tôda como beija-flores sôbre um vergel: iam e vinham, suavam, bebiam um uísque petebista aqui, uma laranjada udenista acolá, um chá perrepista mais adiante, e lá iam, buliçosos, versáteis, boquirrotos, o próprio «slogan» vivo do «São Paulo não pode parar». Mas podia, sim: e lá estavam, nos fofos salões do Automóvel Clube, a nobre velharia, saudosista e madraça, a se espalhar derreada pelas poltronas como galhos de uma devastada floresta avoenga e fúnebre. As manchetes dos jornais, mesmo as mais explosivas, perdiam, ali dentro, a luz, o calor e a voz; e o boato mais dramático virava, entre aquelas paredes impermeáveis, mero fuxico de circunstância, ao qual não se devia dar maior importância. Era o São Paulo parado — à espera de panacéis impossíveis, como a honestidade epidérmica dos maiorais, a respeitabilidade do conselheiro Rodrigues Alves ou o olhar autoritário (olhar de última instância) do dr. Campos Sales.

TODOS SE LAVAM

Como tomávamos notas! O pequeno caderno que levei, comprado especialmente, encheu-

acre-
zada,
lezas
sória
olha,
aí as
ntado
ão só
atual
e lá,

emp-
can-
nedo-
e.

ra e
lindo
e de
andi-
com-
quela
ver-
sque
colá,
buli-
«slo-
Mas
s do
losis-
pelas
a flo-
dos
n, ali
mais
s im-
a, ao
. Era
acéis
rmica
heiro
olhar

derno
cheu-

ADEMAR:
A vitória são favas contadas



BORGHI: Candidato dêle mesmo.

TODOS FAZEM...

de aventureiros, oportunistas e balconistas da política se inquieta, freme e se oferece, na conquista das meias porções do poder. Vem do Rio o «ultimatum» a UDN: «Retire a candidatura Prestes Maia». A UDN retruca: «Não retiro!» O PTB lava as mãos; o PSD lava os pés; o governador Garcez coça a cabeça: afinal de contas o problema sucessório, do qual êle aparentemente se livrara, volta a fazer dêle mentor e guia. Como é que estão as coisas? E o PSD — quer ou não quer Prestes Maia? O doutor Cirilo é convocado, metade da noite, mas não pode dizer muito: pede prazo até o dia seguinte. E a última edição do vespertino anuncia que continua a «cogitar-se da união de tôdas as fôrças ademaristas na base de um candidato comum». E que se êsse candidato comum não fôr o sr. Prestes Maia, será o sr. Lino Amaral; ou o sr. Renato Costa Lima.

«CHI LO SÁ?»

O dia 9 amanhece ensolarado e florido: rebentam em sangue as dálias e os «flamboyants» da praça da República. «Na iminência de ser lançada a candidatura Prestes Maia». O PTB já não está tão irredutível, «o nome do sr. Nilo Amaral não chegou a ganhar consistência e está definitivamente fora de cogitações», enquanto o sr. Jânio Quadros reafirma a sua candidatura. «Lutarei como um leão», declara, e informa que passará a Prefeitura ao vice Porfírio, na quarta-feira próxima, «mas apenas por oito dias». O confrade do matutino nos declara,



CUNHA BUENO: Chegou a fazer o primeiro comício

se mais depressa do que aquêle, similar, no qual eu fazia os meus apontamentos de Correspondente de Guerra: entrevistas, declarações, somas eleitorais, «revelações sensacionais», dados recolhidos em fontes geralmente bem informadas — tôda uma delicada coleção de frágeis florinhas que nem chegavam a resistir ao ameno orvalho das manhãs. Quando releio agora essas notas, para a manufatura da reportagem, descubro, entre surprêso e alegre, que o que elas contêm é um diário — o vertiginoso diário da talvez mais confusa quinzena já registrada nos anais da política de São Paulo. Do dia 8 ao dia 23 — exatamente quinze dias. E aqui estamos para revivê-los mais uma vez, como na reconstituição de uma bárbara matança que a tantos degolou, esquartejou e queimou.

No dia 8, o jôgo, no tabuleiro de xadrez, apresenta-se assim: o PTB renegara a candidatura Prestes Maia — «é uma candidatura udenista». Alguém adverte que o sr. Maia não é da UDN, mas do PTB. O PTB retruca: «Não interessa. A candidatura é udenista». Mas o PTB, por sua vez, não é o PTB: são os PTBS. Há o PTB do doutor Frota Moreira; há o do doutor Picchia; há o de Jango e o do doutor Barjas. E há o de Getúlio. O de Getúlio futuca de cima, o do doutor Frota futuca de baixo: e entre um e outro, duplamente futucada, uma sôfrega massa

eufórico: «Às 23 horas a nossa reportagem política manteve contacto com uma alta expressão do govêrno paulista. E pode afiançar que a candidatura apartidária do sr. Prestes Maia está mais firme do que nunca». Tomamos nota, às pressas, da dramática informação, enquanto alguém nos comunica que, àquela mesma hora, o sr. Maia está sendo visitado pelos srs. Picchia, Marzagão e Cavalcânti. Os três são bloqueados pelos repórteres na porta da casa do sr. Maia. Dá-se a palavra ao sr. Picchia. O sr. Picchia declama: «O sr. Prestes Maia conhece tão bem o programa do PTB como qualquer dirigente do partido». «Mas o PTB apoiará a sua candidatura?» — pergunta-se. O doutor Picchia faz um gesto gaiato, responde: «Chi lo sá?» Um colega não entende direito, pede que soletre. O doutor Picchia soletra.

A «POSIÇÃO DO CATETE»

O dia 10 é todo do doutor Anhaia Melo. Dizem que êle passava, sem pressa nem rumo, pela av. Ipiranga quando o pegaram pelo braço e fizeram-no candidato. O matutino afirma que êle substituirá o sr. Prestes Maia como candidato, «acima dos partidos», e informa que a candidatura do referido sr. Maia fôra, na véspera (e ninguém sabia disso) «fulminada pelos srs. Cirilo Júnior, Joaquim Canuto Mendes de Almeida e Duque Estrada, o primeiro pelo PSD e os segundos pelo PTB». Os velhos do PSD batem o pé (com cuidado, por causa da gôta): «Queremos o Anhaia». Mas a Ala Moça dá violentos murros na mesa das confabulações: «Queremos o Cunha!» E chega do Rio o boletim diário que dá a «posição do Catete»: o sr. Vargas já não apoiaria a candidatura Prestes Maia, pois receia seja a mesma envolvida pela UDN. No «Capitain's», o sr. Sales Filho, que entra enviezado e triunfante, é cercado pela reportagem, mas limita-se a tirar do bôlso um papèlzinho bem dobrado: desdobra-o, os repórteres começam a copiar números formando centenas e milhares, o dr. Sales, meio encabulado, corrige o engano, guarda o papèlzinho e aparece com um outro. E' a lista dos candidatos prováveis e em potencial: são exatamente trinta e dois. E o doutor Sales é um dêles.



JÂNIO: Candidato dois dias; prefeito, cinco.



PRESTES MAIA: Ia ser de todos. Agora é só da UDN

COMEÇA TUDO DE NOVO

O dia 11 é domingo — dia de Guarujá — na segunda-feira as coisas continuam mais ou menos sem modificações, mas na têrça, dia 13, os matutinos informam que começou tudo de novo e que o doutor Anhaia pode voltar a espairecer na av. Ipiranga que ninguém o molestará mais. O candidato do dia é o dr. Nilo Amaral, Secretário da Viação. PSD e PTB apoiam-no, «unânimemente». O governador também; e já nos jornais da tarde começa a ser divulgada a fisionomia magra e bem penteada do jovem Secretário; revelam-se coisas a seu respeito, tôdas lisonjeiras; mas um ves-

pertino denuncia, escandalizado, uma negra mancha na personalidade do doutor Amaral: é protestante! «A honestidade está acima das religiões», redarguem os seus defensores. E um ex-teólogo, agora meio ateu, que é procurado no seu gabinete no centro da cidade, ensina que «o Deus dos protestantes é o mesmo Deus dos católicos». O «Capitain's» freme. O doutor Cirilo, procurado pela reportagem, recebe-a escanhoado e de «robe de chambre» e, como sempre, exalta as «excelsas virtudes cívicas de cidadão e de paulista» do doutor Nilo Amaral. Da casa do doutor Cirilo os repórteres vão até a casa do sr. Ademar, que manda servir uísque: «O Nilo Amaral é mesmo o candidato? Está pra mim!» E gargalha.

BOMBA E COLÊTE

O dia 14 revela que a «unanimidade» em tôrno da candidatura Nilo Amaral não é tão unânime assim: o doutor Frota Moreira não quer saber dela. O doutor Moreira é dono de uma têrça parte do PTB paulista, e diz que sua parte não formará ao lado da candidatura Amaral. Diz mais que o referido sr. Amaral nada tem a ver com a política dos trabalhadores; e que sua candidatura foi tirada do bôlso do colête do sr. Lucas Garcez. Ao que o sr. Garcez responde que tal não é verdade; e que nem sequer usa colête. Volta o sr. Moreira à carga e revela que o candidato Nilo Amaral jamais contará com o apoio do Catete e do sr. Jango. O «Capitain's» freme. Emissários são enviados à Côrte: um dêles é o simpático sr. Barjas Filho, presidente bissexto do IAPC e político efetivo em São Paulo. O sr. Barjas vai e vem. Vai novamente, volta no dia seguinte.

No dia seguinte, 15, a «bomba» que estoura é de bom calibre: o Catete não é contra o sr. Amaral; Jango também não. Quanto às coisas que o sr. Frota Moreira anda dizendo do sr. Amaral, ficam por conta dêle e da sua porção do PTB. Entrementes, a pudica UDN chega ao balcão do Automóvel Clube e faz uma inesperada acusação ao governador Garcez. «O sr. Garcez ao invés de coordenar, descoordenou as fôrças políticas», grita o sr. Herbert Levy.

O dia 16 é meio neutro. Mas sábado, 17, a coisa pega fogo novamente. Firme a candidatura Nilo Amaral, o sr. Cunha Bueno cheira possibilidades, o sr. Borghi parece que cairá mesmo nos braços do sr. Ademar, o prefeito Jânio sairá no dia seguinte para o seu primeiro comício no interior e o sr. Jango Goulart manda dizer do seu quarto, no Catete, que «o PTB levará à Convenção o nome de Nilo Amaral». O sr. Barjas Filho é encontrado no aeroporto, quando ia tomando o avião para São Paulo, e, perguntado, responde: «O PTB homologará a candidatura Nilo Amaral».

Dia 18: neutro; dia 19: beligerante. Dia 20: nova «bomba» do sr. Frota Moreira. O telefone tocou cedo para o hotel: o sr. Frota Moreira convoca os jornalistas para uma entrevista coletiva, quando fará sensacionais revelações. Vi-o de perto: é um homem buliçoso, elegância «tran-chan», palavroso, cheirando a quina petróleo. Sua entrevista é um violento ataque à Comissão de Reestruturação do PTB paulista, a quem acusa de ter trocado o seu apoio à candidatura Nilo Amaral «por duas secretarias, a presidência do Banco do Estado e mais cinqüenta milhões em dinheiro. Oba! Os repórteres saem esbaforidos à procura do sr. Garcez, a quem perguntam se o negócio foi mes-

NILO AMARAL: Resistirá?





GARCEZ e CUNHA BUENO: Devolveram o problema ao governador.

mo realizado. O sr. Garcez retruca chamando o sr. Frota Moreira de «insano». E tudo isso vai para as manchetes.

No dia 21, o doutor Cunha Bueno, que já não era candidato a governador, que não queria ser candidato a vice, volta à berlinda, como provável candidato a vice de tôdas as fôrças anti-ademaristas. Os jornalistas correm atrás dêle: o doutor Cunha viajou para o Rio, voltará à noite. Volta, não confirma, não nega, não sabe de nada. O sr. Borghi dá nova entrevista: «Sou mesmo um aventureiro. E daí?». Daí, nada. E' feriado, dia de Guarujá, os candidatos descem à praia, outros vão a Ouro Prêto, onde o fidalgo Juscelino dirige, entre comes e bebes, uma desafinadíssima orquestra de governadores.

Agora estamos no dia 22 — são quatro da tarde, vamos tomar o avião de volta. No aeroporto, vamos encontrar o sr. Picchia que conversa com um homem sadio e rosado: «E então?» — pergunta o cavalheiro. O sr. Picchia faz um gesto de desalento: «Tudo encrencado». Era a última informação que anotávamos no nosso caderninho que, por coincidência, também chegava à sua última fôlha. No jornal que lemos no avião há a notícia do primeiro comício do sr. Jânio Quadros; e uma fotografia do sr. Ademar desabrochado num radiante sorriso. «Vou ganhar por cinco corpos», informa êle. E dispara, rédeas sôltas, bridão frouxo.

a SEMANA em REVISTA

Cartazes

● *O lamentável incidente entre os alunos do Colégio Militar e da Escola Técnica encheram os cabeçalhos dos jornais. Um menino perdeu a vida. Era do Colégio Militar. Procura-se, entre os alunos da Escola Técnica, o culpado. Como se o culpado fôsse êle.*

● *Era a semana santa, do que se aproveitaram todos os canastrões desta praça para reaparecerem nos palcos representando peças com temas bíblicos. Houve mesmo uma entrevista do ator Jesus Ruas, que só representa na dita semana. Jesus (o Ruas) falava ao repórter como se fôsse Jesus (o Cristo) e, como tal, explicando os milagres que faria para a recuperação do teatro nacional. Essa falta de respeito foi idéia do pseudo-crítico teatral Ney Machado; falta de respeito, aliás, perfeitamente dispensável, porque o teatro a que pertence Jesus Ruas não se salva nem com milagre.*

● *Inaugurou-se um novo estilo de acidente: bonde contra caminhão. Sòmente nos últimos sete dias, seis acidentes dêsse tipo se registraram sendo que, em três dêles, houve casos de morte. Quanto ao sr. Estrêla, continua mandando rebocar os acrros que incorrem em infração. O serviço é feito por uma firma particular, que prospera a olhos vistos. De parabéns, portanto, a indústria nacional com o aparecimento de mais êste alto negócio: a indústria da multa, regida pelo tubarão vitalício, Edgard Estrêla.*

● *No Rio, estrearam Vão Gogo e Escurinho, ambos auspiciosamente. O primeiro no teatro, com "Uma mulher em três atos", o segundo no Fluminense, com três "goals" em um jôgo.*

Cinema



Grande Otelo

★ O cinema, como o teatro, sofreu a influência da semana santa, surgindo em várias telas, dramas sacros. Alguns em primeira apresentação, outros velhíssimos, apesar de falhar, pela primeira vez depois de tantos anos, a programação de «O Rei dos Reis», fita muda dirigida por Cecil B. DeMille, com H. B. Warner no papel título.

★ O cinema nacional continua piorando. (Sempre que aparece uma nova fita o cinema nacional piora). Os dois últimos fracassos deram-se, respectivamente, nos Metros, com «Custa pouco a felicidade», e no Palácio, com «O craque». «Custa pouco a felicidade» era naturalmente péssimo, como costuma acontecer com os chamados produtores independentes, ou seja, cavalheiros que se prevalecem da caótica lei dos 8 por 1 para fabricarem os seus abacaxis e venderem aos cinemas da praça.

Quanto a «O craque», é mais lamentável ainda, pois é produção da Multifilmes, emprêsa que se propunha a fazer do cinema no Brasil uma indústria decente. Infelizmente «O craque» nada fica a dever aos «independentes» ou aos «carnavalescos» da Atlântida. Os atores são ruinzinhos, o diretor é José Carlos Burle (o que dispensa comentários) e o argumento é baseado nos desenhos do marinheiro Popai. É a história de um jogador de futebol que vai de fracasso em fracasso até que, no último momento do filme, se reabilita aos olhos dos torcedores, marcando o gôl da vitória contra os uruguaios, incentivado pela antiga namorada, que surge no gramado e age sôbre êle tal como o espinafre age sôbre o marinheiro.

★ E o Clube do Cinema Brasileiro ganhou uma sede nova, se é que se pode chamar de sede o sobrado da «boite» Vogue, que já foi várias coisas e jamais pegou. Agora reabriu sob os auspícios do citado clube, com um coquetel para a imprensa e uma publicidade que diz: «ponto de encontro dos astros e estrêlas do cinema brasileiro, para «drinks», almoços, jantares, lanches e «papos».

Boites



Eva Wilma e Herval Rossano

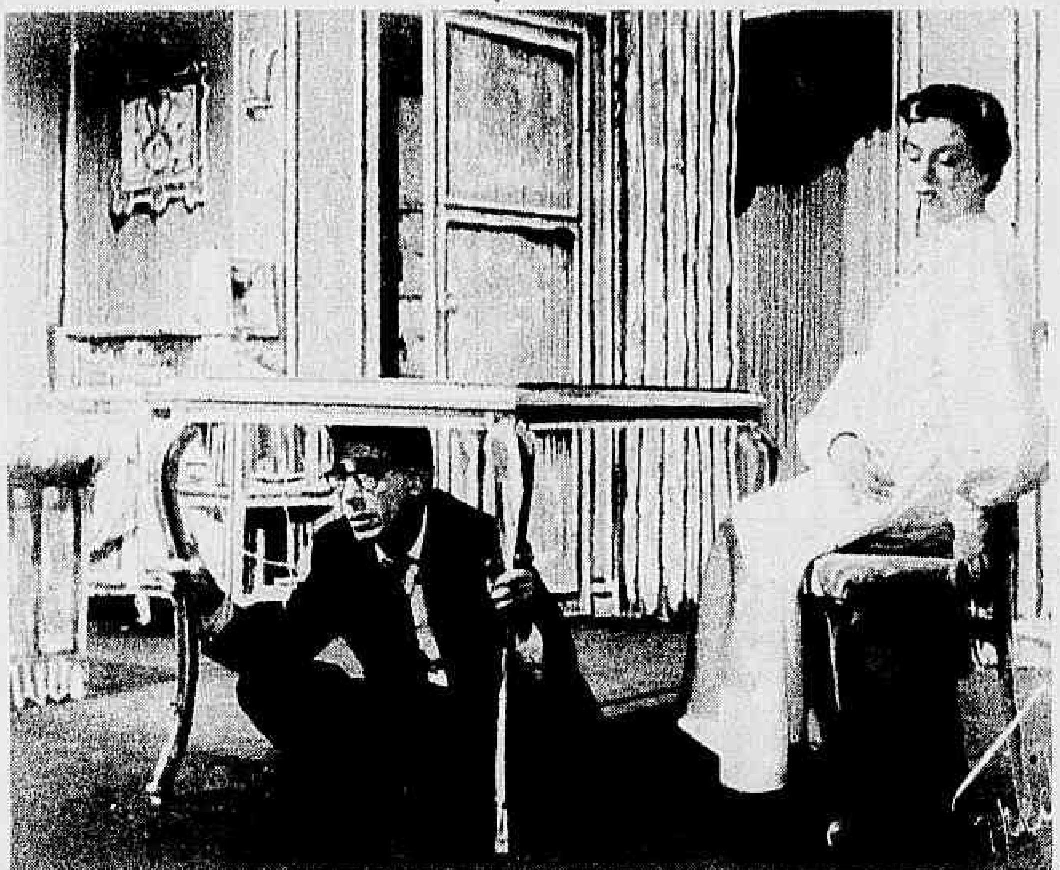
★ «Esta vida é um carnaval» entra no seu quinto mês de sucesso, o que é um caso inédito nos «shows» de «boite». O elenco ainda é o mesmo mas, com a repetição, as grandes «fôrças» do espetáculo sobressaem nìtidamente entre os integrantes do numeroso elenco: Grande Otelo e Déo Maia.

★ E o empresário Carlos Machado, boquiaberto com o êxito da revista que era para ser pré-carnavalesca mas que já ultrapassou o sábado de aleluia, fica indeciso para lançar o próximo cartaz, que vai chamar-se, depois de diversas trocas de nome, «Satã dirige o espetáculo». Neste «show», ora em ensaios, o citado empresário pretende exibir alguns dos artistas que recentemente contratou em Paris, inclusive algumas coristas que diz ter trazido do «Follie Bergere».

Não queremos tirar conclusões precipitadas, mas as artistas estrangeiras que vimos vestidas, mesmo se despindo um pouco mais ousadamente que as «starlets» nacionais, não terão muitas possibilidades de sobrepujar o sucesso de coristas como Edith Morel, Carmen Verônica, Silvia Fernanda, Paulete Marçal, Jurema Samio ou Fernanda Villamayor, isto para citar apenas algumas das muitas que embelezam os nossos palcos de revista.

★ O «Beguin», que reabriu êste mês, perdeu um dos grandes cartazes de suas animadas noites: o guitarrista Bola Sete, que permaneceu em Buenos Aires com sua famosa orquestra. Para substituí-lo, a direção do Beguin conta com um conjunto internacional que acompanha o «show» que ali está, ou seja, «Capricho Espanhol».

★ J. Maia e Max Nunes preparam o «script» do próximo «show» do «Night & Day». Por enquanto, a «boite» do hotel Serrador apresenta «Carrossell Paulista», dos mesmos autores, e que conta com a graça de beldades como Anilza Leoni e Angelita. Para o próximo espetáculo, já foi contratada a atriz cômica Consuelo Leandro que estreará sem, no entanto, deixar o teatro Follies, onde é uma das responsáveis pelo êxito de «Doll Face».



Ludi Veloso e Armando Couto em «Uma Mulher em 3 Atos».

TEATRO

★ «Uma mulher em três atos», de Vão Gogo, que estreara há pouco menos de um ano, em São Paulo, na interpretação de Ludi Veloso e Armando Couto, foi a novidade teatral da semana. Com os mesmos atores e ainda sob a direção de Adolfo Celli e com cenários de Mário Francini, «Uma mulher em três atos» reafirma no palco do Teatro Dulcina o sucesso obtido no T. B. C., quando, estreando para o público das segundas-feiras, em breve passava à programação diária, sempre aplaudida por uma grande platéia.

A crítica carioca, tal como a paulista, tece elogios ao estreante e louva a interpretação impecável de Ludi e Armando, atores que no Rio ainda não tinham tido oportunidade de demonstrar o seu indiscutível talento. «Uma mulher em três atos», graças ao interêsse crescente que vem despertando, deverá permanecer ainda por algum tempo em cartaz.

★ Silveira Sampaio também voltou. Depois de uma temporada em Belo Horizonte, reapareceu no Teatro de Bôlso, com a sua peça de maior êxito: «Da necessidade de ser polígamo». O público certo de Sampaio prestigiou a sua volta e revê o «polígamo», enquanto aguarda a estréia de Teófilo de Vasconcelos como autor, o que dar-se-á dentro em breve com «sua Excelência em 26 poses».

★ O resto é cartaz velho, como «D. Xêpa», «Brotosem 3-D», «Doll Face», etc.. E, no mais, como acontece sempre nas semanas santas, os célebres canastrões do teatro nacional, montaram peças bíblicas.

Êste ano, mais do que nunca, a coisa foi farta. No Teatro Municipal, o elenco da Escola da Prefeitura, sob a direção de Gustavo Dória, representou «A Paixão», de Luís Peixoto. No Municipal de Niterói, o Clube Dramático Fluminense surgiu com «O martir do Calvário», de Eduardo Garrido, a mesma peça, aliás, como se apresentaram Delorges Caminha (Pilatos), André Villon (Cristo) e Iracema de Alencar (Virgem Maria), no Teatro República, sob a direção de Manuel Vieira, que por sinal foi o Judas.

No palco do Recreio, enquanto «seu» Pinto não vem, surgem elencos esporádicos. E, na quinta e sexta-feira santas, lá andou Roberto Duval, vivendo o drama de «São Judas Tadeu».

E até o Vicente Celestino, há tanto tempo no ostracismo, estêve «fazendo» a sua semana, representando uma peça chamada «Deus e a Natureza» e «assassinando» nos intervalos a «Ave Maria» de Schubert. Finalmente, Jesus Ruas, cujo «slogan» é «o maior intérprete do Nazareno», surgiu pela milésima vez em «Jesus Rei dos Reis».

COISAS E GRAÇAS DE S. PAULO

CARLOS MARIA DE ARAÚJO

★ **PRESTES MAIA**

Ao começarmos a escrever esta coluna, podemos informar com absoluta segurança que o senhor Prestes Maia é o candidato do govêrno para o govêrno de São Paulo.

★ **FANTASMAS**

Esta cidade de São Paulo está ficando londrina, não resta a menor dúvida. Agora os fantasmas da cidade alargam a área de suas atividades e esperam os pobres mortais já em plena via Dutra. Êste é o caso de uma formosíssima assombração que entra nas cabines dos ônibus e depois some, deixando um terrível cheiro a enxôfre. O cronista Antônio Maria também a viu, mas declarou à imprensa que ela não é formosa coisa nenhuma, mas sim velha e narigudа. Para os interessados: o fantasma aparece diàriamente (exceto aos domingos) das 0 às 2 horas, em Jacareí.

★ **JANIALIDADES**

«E porque nenhum partido fica firme e agüenta a minha candidatura a governador, lanço-a eu mesmo. Tenho dois votos garantidos: o meu e o de minha mulher». Assim declarou o pretérito mais que perfeito, se é lícita esta fantasia com o tempo de um verbo.

★ **VELHA GUARDA**

No dia 23 dêste mês de abril, que para uns é o dia de São Jorge e para outros o de Ogun Nosso Pai, o Clubinho dos Artistas inicia a primeira das homenagens em São Paulo, ao grupo da Velha Guarda, com Pixinguinha à frente e em destaque absoluto, armado de flauta e saxofone. Dirige as operações o Almirante.

★ **TEATRO, TEATRO E MAIS TEATRO**

No Museu de Arte Moderna, o Teatro de Arena leva «Uma mulher e três palhaços». No TBC estão todos os «Mortos sem sepultura», de Sartre. O Teatro Municipal, que estava com as obras de restauração no marasmo mais completo, por ordem do senhor Jânio Quadros (o dinheiro da Prefeitura não é para fantasias nem que sejam as teatrais) sempre vai ser restaurado. Conseguiu esta proeza, única dos anais da Janialidade, o poeta Guilherme de Almeida. Ovação. Flores. Telegramas e faixas com «salve êle».

★ **PRESTES MAIA**

Ao terminarmos esta coluna, podemos informar com absoluta segurança que o senhor Prestes Maia já não é mais o candidato do govêrno para o govêrno de São Paulo. É uma farsa sinistra...



Almirante

A ABERTURA



Vários aspectos do desfile inaugural da Olimpíada Infantil, marcham as porta-bandeiras. Flagrante colhido do alto do estádio de São Januário com as equipes formadas em campo, e o jovem Espírito Santo Cardoso, do Flamengo, fazendo o juramento do atleta.

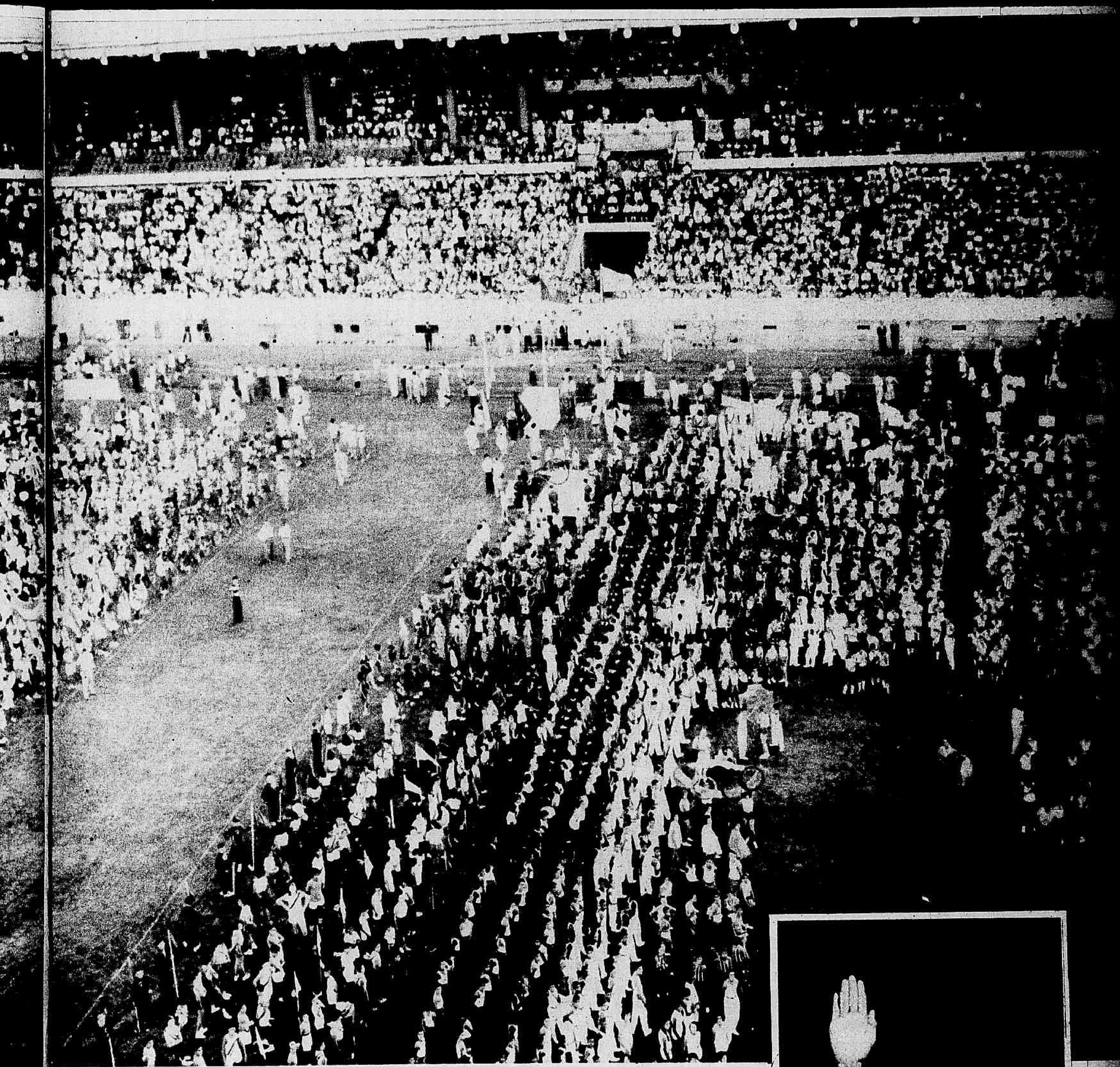




DOZE mil crianças desfilando, marchando e cantando foram os protagonistas do belo espetáculo da abertura da quarta olimpíada infantil, uma iniciativa do «Jornal dos Sports» visando o estímulo da juventude pela vida ao ar livre, em competições próprias para a idade. Com a tradicional clarinada olímpica seguindo-se o ruflar cadenciado dos tambores pela Banda de Clarins e Tambores dos Fuzileiros Navais teve início a abertura dos IV Jogos Infantis.

As representações dos clubes e educandários primaram na parada pela elegância dos seus pequenos atletas, procurando brilhar nos diversos setores porque a contagem de pontos envolve balizas, porta-bandeiras, alegorias, garbos, uniformes, conjuntos, aparelhos mecanizados, bicicletas, bandeiras, e número de participantes. Esta a razão pela qual todos se esforçaram em se exibir melhor pela pista do estádio do C. R. Vasco da Gama, local da fes-

DA QUARTA OLIMPÍADA INFANTIL



CONSAGRAÇÃO DA CRIANÇA BRASILEIRA

FLAMENGO E ANGLO-AMERICANO VENCERAM EM TÔDA A LINHA AS DIVERSAS COMPETIÇÕES DO BRILHANTE DESFILE

Reportagem de LEVY KLEIMAN

Fotos de ÂNGELO GOMES














S.R.O.

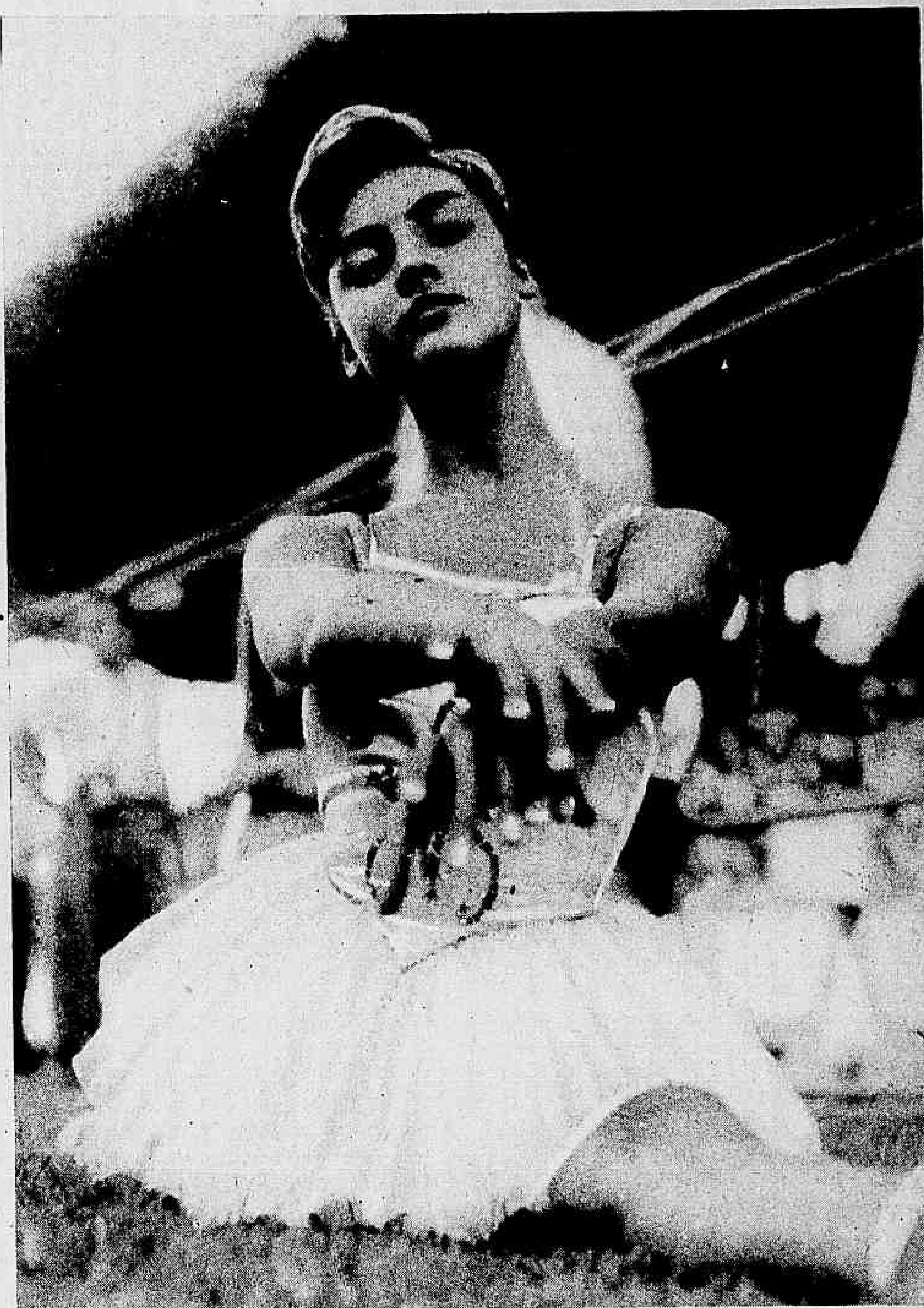

18





GRAU 10 PARA A JUVENTUDE DO BRASIL





O jornalista Mário Filho: «E' um encontro de gerações no umbral do futuro».

ta. Um viva ao Brasil por 120 mil vozes foi ouvido após todos os presentes cantarem o hino nacional, numa demonstração de alto cunho de civismo pela geração de amanhã.

O fogo olímpico conduzido pela aluna do Colégio Anglo-Americano, Iara Maria Pinheiro, deu a volta tradicional pelo estádio e acendeu a Pira, acompanhada em ritmo cadenciado pelas palmas do Côro Orfeônico, aliando assim a beleza do quadro ao efeito sonoro. O Presidente da República que presenciou nos anos anteriores a Festa Inaugural, não pôde desta vez comparecer ao estádio de São Januário.



Garbo e elegância no desfile.

Em seu lugar mandou o embaixador Coelho Lisboa que declarou em nome do Chefe da Nação, a abertura oficial dos IV Jogos Infantis.

Outro ponto alto do cerimonial foi a leitura do juramento do atleta pelo jovem Carlos Henrique do Espírito Santo Cardoso representando o Flamengo. O juramento foi repetido palavra por palavra pelos 12 mil participantes dos Jogos Infantis. O fecho da monumental tarde esportiva foi a saudação do idealizador da olimpiada, o jornalista Mário Filho:

«Acabamos de assistir a uma cerimônia tocante: a da iniciação do esporte de 12.000 crianças. Aqui também estão milhares de pais e avós. É um encontro de gerações no umbral do futuro.

Faltavam ao esporte brasileiro estas raízes familiares que foram, no início do século, as fôrças que permitiram e favoreceram a criação dos clubes. Só se tornaram grandes os clubes que tiveram por base a família e se projetaram com o prolongamento dela. A família brasileira voltou em massa para o esporte, trazendo pela mão o que tem de mais querido, o que vai legar a Pátria. «Os jogos infantis são a garantia da permanência da família no esporte brasileiro.

Pequenos Atletas do Brasil: quem ama ao esporte, não pode deixar de se comover com o espetáculo que ofereceis! Vemos em vós os heróis esportivos de amanhã. Por isso, vos saudamos como a mais bela, como a mais radiosa alvorada do esporte brasileiro». Após o desfile de encerramento a Comissão Julgadora apresentou os campeões da parada: Flamengo, vencedor da série de clubes — e Colégio Anglo-Americano, primeiro entre os educandários.

Os vencedores individuais foram:

NO SETOR DE CLUBES: Balisa, Denise Cerqueira, do Flamengo — Porta-bandeira, Lúcia Maria de Souza, do Flamengo — Alegorias, Garbo, Uniformes, Conjuntos e número de participantes, Aparelhos Mecanisados, e número de participantes, Clube de Regatas Flamengo — Bicicletas e bandeiras, Bangu Atlético Clube.

SETOR DE EDUCANDÁRIOS: O Colégio Anglo-Americano venceu tôdas as competições, sendo que na de balisas por intermédio de Roselles Torres Viana, e de porta-bandeiras, representado por Suzana Sukerman.



Agilidade e graça da juventude.



Semana Literária

OTTO SCHNEIDER



★ Nas livrarias o XI vol. da «Comédia Humana», de Balzac, com as seguintes obras, das quais algumas nunca haviam sido traduzidas para o português: — «Um Homem de Negócios», «Um Príncipe da Boêmia», «Gaudissart II». São três histórias divertidas de trapaças e trapaceiros. Segue-se-lhes o romance «Os Funcionários», a novela «Os Comediantes sem o Saberem», um fragmento de romance «Os Pequenos Burgueses», e o último romance de Balzac: «O Avêsso da História Contemporânea». Além de 10 ilustrações fora do texto, o volume traz dois bons estudos críticos: um ensaio do poeta austríaco Hugo von Hoffmannstahl, e outro de Marcel Bouteron, escrito especialmente para esta edição brasileira. A tradução estêve a cargo de Casemiro Fernandes, Lia Corrêa Dutra e Vidal de Oliveira. O volume de 680 páginas foi lançado, a exemplo dos anteriores, pela Editôra Globo, de Pôrto Alegre

★ «Educação Progressiva», por Anísio Teixeira, agora em 4ª tiragem, pela Editôra Nacional. É uma introdução à Filosofia da Educação. Em excelente linguagem expõe o autor a necessidade de adaptação dos métodos pedagógicos à natureza da civilização moderna para evitar desajustamentos. Obra de imediato interêsse para professôres, educadores, e intelectuais em geral.

FICHÁRIO

★ «Anuário Agrícola Brasileiro» (536 páginas), recém-publicado pela revista mensal «Mundo Agrícola», de São Paulo, é quase uma enciclopédia que reúne centenas de assuntos que interessam de perto ao fazendeiro, ao criador, ao homem do campo em geral. Nenhum aspecto importante da vida rural brasileira foi esquecido. Uma das mais notáveis realizações no gênero. O «Anuário Agrícola Brasileiro», tal como a revista mensal «Mundo Agrícola», obedece à direção de Marcelo Barbiellini Amadei.

★ Lançados por uma editôra de Hamburgo (Robert Molich Verlag) em tradução de Elfried Kaut, acabam de aparecer em alemão, reunidos num só volume, três romances de José Lins do Rêgo: «Menino de Engenho», «Banguê» e «Moleque Ricardo», livros com que o romancista paraibano iniciou a sua carreira literária e o seu famoso Ciclo da Cana de Açúcar, encerrado com «Fogo Morto».

★ Por iniciativa do sr. Humberto Grande acaba de ser fundado o Centro de Estudos Sociais Oliveira Viana, tendo como objetivo a difusão da obra dêsse sociólogo.

★ Está sendo esperado, para muito em breve, o lançamento de uma edição de luxo do «Ateneu», de Raul Pompéia, com ilustrações de Clóvis Graciano e um estudo crítico de Eugênio Gomes.



★ Em recente escritura, os herdeiros de Lima Barreto transferiram a propriedade dos direitos autorais do criador de «Policarpo Quaresma» à Editôra Brasiliense, de S. Paulo, a mesma emprêsa que edita as obras de Monteiro Lobato. A obra completa do escritor carioca será dividida em 12 volumes. A organização da edição foi confiada a Francisco de Assis Barbosa, autor de «A Vida de Lima Barreto».



★ Para contar casos e coisas da sua vida, relembrando o que os outros fizeram, na sua presença, nesses últimos quarenta anos de vida literária, o poeta Carlos Drummond de Andrade está comparecendo semanalmente ao microfone da Rádio Ministério. O primeiro dêsses programas, «Quase Memórias», foi ao ar às 21,15 horas do dia 3 do corrente.

★ Há precisamente um século, aparecia no Rio a primeira edição das «Memórias de um Sargento de Milícias», assinado por «Um Brasileiro». O nome de Manuel Antônio de Almeida só começou a constar a partir da terceira edição. Poeta, jornalista e médico, Manuel Antônio de Almeida administrou, durante algum tempo, a Tipografia Nacional, onde conheceu e protegeu um tipógrafo de nome Machado de Assis.

★ «Ideologia e Utopia» (Introdução à Sociologia do Conhecimento), por Karl Mannheim, sai agora em 2ª tiragem pela Editôra Globo, de Pôrto Alegre. É talvez o exame mais penetrante, realizado até hoje, das situações sociais concretas em que se desenvolve a vida intelectual.



Xilogravura de Karl Thylmann para a edição alemã de «O Feiticeiro», de Nikolai Gogol.

● ACADEMIA OU BATALHÃO NAVAL

«Jorge de Lima desejou entrar para a Academia de Letras. Mais de uma vez foi derrotado, mas voltava a bater às portas da Academia, sem dar às derrotas mais importância do que elas realmente tinham, mas também sem arrogância e, sobretudo, sem ressentimento. Por que um homem tão simples, tão inteligente, tão bom quanto Jorge de Lima queria vestir o fardão acadêmico, foi coisa que Bernanos nunca entendeu. Talvez para ser fiel a algum sonho de infância, a algum desejo de mocidade que nêle seria bem mais atuante que a consciência que a idade madura lhe terá dado, sem dúvida, sôbre o pouco valor das arcádias. José Lins do Rêgo, que tão bem o conheceu e tanto o amou, explicava que Jorge queria entrar na Academia com o mesmo entusiasmo e a mesma simplicidade dalma de seus conterrâneos menos letrados que, ao chegar ao Rio, desejam entrar no Batalhão Naval». — **José Fernando Carneiro** em «Apresentação de Jorge de Lima» (Cadernos de Cultura, n. 66).

● DESTINO X TOLICE

«O que os homens chamam de destino, não são, quase sempre, senão as suas próprias tolices. Sim, porque se as más ações se pagam no outro mundo, as tôlas se pagam já aqui» — **Arthur Schopenhauer**, em «Aforismos para a Sabedoria da Vida».

● COCHILOS

Lê-se em «Dramas Íntimos», de Gaston Lerroux: — «A tripulação do navio tragado pelas ondas constava de vinte e cinco homens, que deixaram centenas de viúvas, condenadas à miséria». E Chateaubriand, em «O Duque de Montbazon», deixou o seguinte cochilo: — «Pobre Maria! Cada vez que percebe o ruído de um cavalo que se aproxima, acredita que seja eu...» O próprio Eça de Queiroz, em «A Correspondência de Fradique Mendes», fala nos «pães multiplicados nas bodas de Caná».

ÊSTE POEMA DE AMOR...

Êste poema de amor não é lamento
nem tristeza distante, nem saudade,
nem queixume traído nem o lento
perpassar da paixão ou pranto que
[há-de

transformar-se em dorido pensa-
[mento,
em tortura querida ou em piedade
ou simplesmente em mito, doce in-
[vento,
e exaltada visão da adversidade.

É a memória ondulante da mais pura
e doce face (intérmina e tranqüila)
da eterna bem-amada que eu procuro;

mas tão real, tão presente criatura
que é preciso não vê-la nem possuí-la
mas procurá-la nesse vale obscuro.

Jorge de Lima em "Livro de Sonetos"

O livro da semana

"A ÁGUIA CEGA"

CHAMAVA-SE Aderbal de Oliveira e era um decidido devorador de espaços, um dominador tão ligado ao seu avião que, se algum dia reclamasse um brasão, o armorialista teria de compô-lo jogando em campo azul-celeste um centauro alado, grimpando pelo Cruzeiro do Sul. Seus olhos alcançavam longe. Gostava de enchê-los do azul do céu, do fôfo das nuvens, do verde da folhagem, da linha branca das águas que espumavam nas praias. Tôdas as paisagens cabiam nos seus olhos... Em vôo não era um homem apenas, não era um pilôto — era uma ave de rapina embriagada pelas alturas, um caçador de horizontes novos, novos e amplos, tão amplos quanto seus olhos, que eram como os olhos das águias...

Um dia, em São Paulo, no Campo de Marte, quando decolava para cumprir o roteiro de Goiás, suas asas caíram com estrépito. A águia voltou à vida, mas voltou cega. Então, a princípio êle se sentiu inútil diante da vida, porque não poderia mais ver o azul do céu, o branco das nuvens.

Aderbal, o seu caso é um caso de cirurgia — diziam-lhe os colegas, alimentando uma vaga esperança.

E começou então para êle uma peregrinação alucinante de médico em médico, de conselho em conselho, de esperança em esperqnça.

Entregando-se à pilotagem dos colegas, Aderbal voava muito, voava sempre. Jamáis lhe negavam um vôo. Para os pilotos do Arco e Flecha, Aderbal não era um cego; era um grande pilôto que não podia ver. Desde então passaram a chamá-lo «a águia cega», como que a reconhecer-lhe o vigor das asas, que a técnica persistia, que a bravura, a confiança, a lealdade, os grandes anseios de dominar o espaço continuavam presentes. A águia era agora uma águia cega.

Aderbal cego passou a ser uma espécie de herói mitológico, vivendo, em ritmo do século XX, as mesmas agruras simbólicas dos personagens de Homero. Sua missão era voar, seu destino era voar, sua vocação era voar, e, o que era mais dramático, seu desejo era voar...

Um dia, voltando de São Paulo para o Rio, como passageiro de um outro mártir — tenente Aramis — morreu com o avião espedaçado de encontro à serra do Mar. Dizem que Aderbal sabia que iria morrer naquela hora:

— «Um pilôto daqueles não precisa ter olhos para ver quando o perigo se aproxima — observou um seu colega que o estimava fraternalmente. — Às vêzes fico pensando se êle mesmo não desejou aquêle tipo de morte. Morte digna de uma grande águia, que o destino cegou e que só podia voar apoiada nas asas de outras águias irmãs...»

Aderbal de Oliveira morreu como preferira viver, perigosamente, sentindo o vento a castigar-lhe o rosto queimado do sol, arrastado como um bólido que corta o céu em direção à Eternidade. Uma morte trágica, mas de uma tragédia à altura de sua vocação e de sua fama, uma morte de águia cega e para a qual não havia mais horizontes, nem côres, nem relevos, nem distâncias...

MEMÓRIAS DO «ARCO E FLECHA»

É êste, em resumo, apenas um dos vinte e tantos episódios com que Ari da Mata ilustrou sua narração da fase heróica do «Arco e Flecha» — a grande epopéia da aviação militar brasileira, ao rasgar novas estradas nos céus do Brasil para organizar o Correio Aéreo Militar.

«Águia Cega», «Memórias do Arco e Flecha» — lançado recentemente pela Editôra Civilização Brasileira (152 pgs.), situa-se, como gênero literário, entre a crônica, a reportagem e a história. Ari da Mata entrevistou longamente os pioneiros do Correio Aéreo Nacional, registrou-lhes os depoimentos e filtrou a soma de informações individuais que lhe transferiram e o que pôde recolher dentro dos recursos da tradição oral.

E assim escreveu um belo livro, às vêzes emocionante, às vêzes mesmo dramático (sem cair no patético), mas também de inegável valor literário, e tanto mais digno de nota quanto êste gênero literário, que



atingiu seu ponto mais alto em «Vol de Nuit» e «Terre des Hommes», de Saint-Exupéry, até hoje é paupérrimo no Brasil, para não dizer inexistente.

Quanto à expressão «Arco e Flecha» adverte Ari da Mata que ela foi criada pelo Brigadeiro Loyola Daher, quando ainda capitão. «É de uso corrente entre os nossos aviadores e marca, de modo muito penetrante e real, um confronto entre as culturas primitivas do ciclo do arco em relação à cultura ocidental de nossos dias e os recursos de que eram dotados os pilotos do Correio Aéreo Militar, precaríssimos antes de mais nada, e a segurança, a facilidade, o confôrto das mais modernas aeronaves de hoje».

ESTATÍSTICA E CONTEÚDO EMOCIONAL

No referente ao desenvolvimento do CAM, eis alguns dados que permitem estimar as realizações práticas. De 1931 a 1939, os aviões do correio percorreram Brasil afora 7.870.689 quilômetros, transportaram 2.117.213,32 quilos de correspondência; estiveram no ar durante 4.660.075 horas de vôo; embarcaram 3.867 passageiros.

Mas, que significam essas cifras se não comparadas com o seu conteúdo emocional? Por trás da estatística desfilam as saudades amargas dos que decolaram em missões, mas nunca regressaram às suas bases... E desfilam também a emoção, as saudades, a angústia e o heroísmo das mães, irmãs, espôsas, filhas e noivas dos aviadores do Arco e Flecha que colocavam entre cada decolagem e cada aterragem um pouco do próprio coração. Elas são realmente, obrigatòriamente, sentimentalmente, co-pilotos em tôdas as guarnições, vencem tôdas as rotas, participam de tôdas as missões...

O ROMANCE DE ANINHA

E por falar em conteúdo emocional, deveria caber aqui aquela história verdadeiramente antológica que é «O Romance de Aninha». Não, não é nenhum romance frivolo. Aninha tinha oito anos, oito anos de selva, e nascera em Cascavel, na rota Curitiba-Foz do Iguaçú-Guaíra. Era caladinha, compenetrada. Tinha uns olhos grandes, tristes e sombrios, e trazia aconchegada ao colo uma bruxa de pano, onde já se via aparecer o recheio de palha de milho, por detrás dos trapos que lhe serviam de roupa.

Pois bem, um dia o antigo tenente, hoje major, prometeu a Aninha «uma boneca grande, loura, rosada, dêste tamanho»

— «Ela não me disse nada — conta o major. Apenas arregalou mais os olhos que ficaram mais escuros ainda, e mais amigos do que nunca. Nós levávamos habitualmente remédios, pós-de-arroz, recibos de depósitos bancários, panelas de alumínio, machados, chita, morim, enxada, de acôrdo com as solicitações da população. Na rota do Tocantins era freqüente um garimpeiro entregar-nos quilos de ouro, sem recibo nem nada, para serem depositados nos bancos. Não me custava coisa alguma arranjar no avião um lugar para a boneca que havia prometido. O pior foi que me esqueci. Já estava aterrando, quando me lembrei da promessa, e logo forjei uma desculpa, feia desculpa aquela. Mal pus os pés em terra, fui a seu encontro, dizendo-lhe que havia mandado comprar e que ainda não a havia recebido. Tive mêdo de encarar a menina. Eu tinha sido desleal, tinha falhado à promessa. Não a olhei mesmo. Mas senti que seus olhos estavam tristes. Logo na viagem seguinte levei a boneca. Entreguei-a fora da caixa, no meio da garotada que formava alas à minha passagem.

— Aninha, aqui está a sua filha.

E joguei-lhe a boneca nos braços. A menina abraçou-se com a boneca e não me disse nada. Mas vi que dos seus olhos...



Bem, você quer saber? Acabei também chorando com as duas ao colo: Aninha e a boneca. Você compreende...»

Acrescenta o autor do livro:

— «Meu amigo major puxou um lenço do bôlso. Eu esperei que êle me dissesse mais alguma coisa, mesmo porque não tinha o direito de interrompê-lo. Esperava maiores e mais comoventes confidências. Mas preferiu dizer-me apenas:

— «Seu Ari da Mata, apanhei um resfriado louco! Há três dias que é isto que você está vendo»... — O. S.

Em qualquer ponto do Brasil
ouça

DORIVAL CAYMMI

têrças, às 20 horas

ISAURINHA GARCIA

quartas, às 21,35

ARY BARROSO

sextas, às 21,35

ARACI DE ALMEIDA

sábados, às 21,35

ALMIRANTE

sextas, às 20,35
sábados, às 21 h.
domingos, às 19 h.



RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO

ondas médias 1.000 kcs. 300 metros
ondas curtas 19,31 e 49 metros

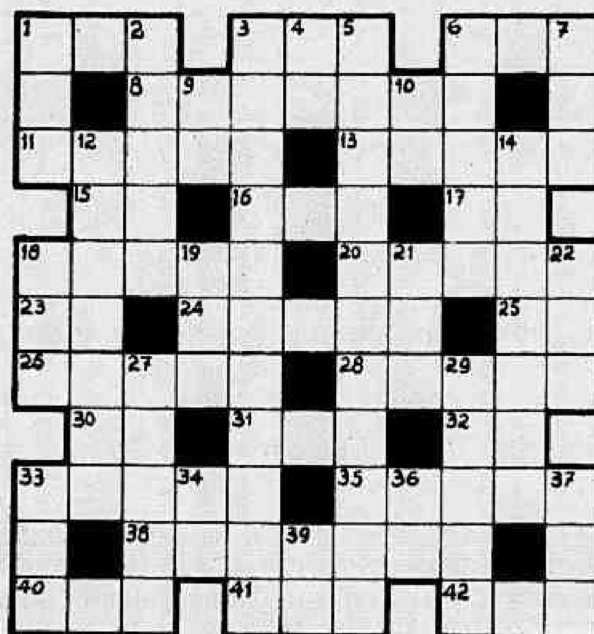


UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

Palavras Cruzadas

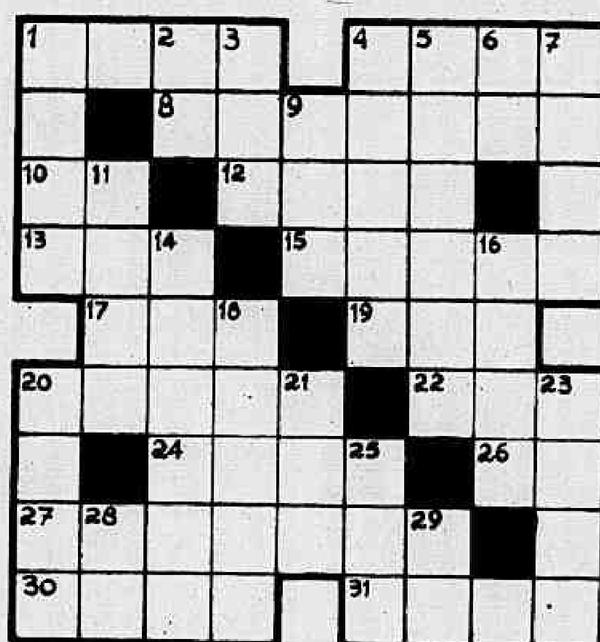
PROBLEMA Nº 12

PARA VETERANOS



Horizontais: — 1. Comodidade — 3. Constelação austral — 6. Cachaça — 8. Andar apreensivo — 11. Chupar — 13. Exorbita — 15. Divindade greco-romana — 16. Gênero de plantas leguminosas — 17. Pretexto — 18. Recifes circulares — 20. Indígena da tribo do rio Piraparaná — 23. Sufixo verbal — 24. Exerci influência — 25. Cidade moabita consumida pelo fogo numa só noite — 26. Indígena da tribo aruaque do rio Aiari — 28. Nódoa — 30. Nesta terra — 31. Concede — 32. Nota musical — 33. Bandeja — 35. Grupamento irregular de cristais sôbre uma matriz — 38. Lâmpada elétrica usada para multiplicar as ondas hertzianas (pl.) — 40. Antiga cidade da Lacônia — 41. Cidade da Alemanha, na Silésia — 42. Cabana.

Verticais: — 1. Que se compra por baixo preço — 2. Cão para caçar veados — 3. Rusticidade — 4. Medida japonêsa de extensão — 5. Fortificados — 6. Espécie de cogumelo da família das Poliporáceas — 7. Governanta — 9. Em partes iguais — 10. Designação do irmão mais velho pelos mais moços — 12. Medicina — 14. Fechavas hermèticamente — 18. Contração plural — 19. Partias — 21. Sinhá — 22. Argola — 27. Planta da família das Quilináceas (pl.) — 29. Enganado — 33. Mirra dos árabes e hebreus — 34. Prefixo que denota movimento para dentro — 36. Símbolo do radônio — 37. Cachaça de mau gôsto — 39. Sufixo que denota relação, diminuição.



PARA NOVATOS

Horizontais: — 1. Caule — 4. Emudece — 8. Expede raios luminosos — 10. Escarnece — 12. O mesmo que iró — 13. Medida holandesa para líquidos — 15. Manhosa, dissimulada — 17. Rente — 19. Sinhá — 20. Desterrava — 22. Consentimento — 24. Atira — 26. Nesse lugar — 27. Lançara — 30. Toca; esconderijo de coelhos — 31. Rezar.

Verticais: — Defeito físico ou moral — 2. Estudei — 3. Reze — 4. De preço elevado (pl.) — 5. Jovem belo e presumido — 6. Cinqüenta e um romanos — 7. Canoa de Casca de madeira usada pelos índios do Amazonas — 9. Achas graça — 11. Mãe-dágua — 14. Não dizer a verdade — 16. Peça do vestuário da mulher — 18. Fechara as asas para descer mais depressa — 20. Deus fenício — 21. Mau cheiro — 23. Dar miados — 25. Argola — 28. Pronome pessoal — 29. Brisa.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 11

PARA NOVATOS

Horizontais: — **América — Omar — rica — rata — amém — iras — rara — irós — muda — nora — ator — atar — cata — aramara.**

Verticais: — **amar — mata — eras — irar — cima — ácer — origina — amarara — rota — orar — sara — maca — utar — dota.**

PARA VETERANOS

Horizontais: — **molar — cocas — aramá — oxida — Tg — il — mi — iu — ais — embocar — raiz — arpará — um — oi — futres — atar — isóbare — Ara — ra — ad — Re — es — miada — ilhas — essas — louro.**

Verticais: — **matar — orgia — la — ami — ralé — combro — oxiopia — Ci — adiar — saurá — Si — ma — cá — zurbada — meadas — firme — usais — to — Sr — ta — arear — rasso — eril — elo — as — Hu.**



Desenho de MARIA TERESA

BOA VIAGEM

LUIS JARDIM

DESSA praia do Recife melhor seria dizer: Boa Permanência, como dizem os italianos que viajam em relação a quem fica. Ufanam-se os recifenses com essa Copacabana ainda mais tropical. Mais farfalhante de coqueiros. E não maculada, felizmente, pelos paredões imensos dos tapa-vento que são os feios arranha-céus. Boa Viagem, aí por volta de 1924, era uma praia deserta, recobertos os taboleiros vizinhos por uma restinga enfeitada de cajueiros, mangabeiras e coqueiros buliçosos. Um ou outro inglês morava em recantos aprazíveis. O arruado de Boa Viagem, com sua igrejinha despretenciosa, enchia-se de gente chique (rica) na época dos banhos salgados, que é o verão. Ninguém tomava banho de mar — tomava banho salgado.

Velha crônica de Gonzaga Duque narra o que era a praia de Copacabana no começo dêste século: um deserto, igualmente servido de restinga, onde raras pessoas, enfiadas às vêzes em capas de borracha, mal banhavam o corpo com águas salgadas do mar. Boa Viagem também era assim. Camisolões compridos, deselegantes, eram as vestes marinhas. Mas se dançava no Cassino à beira mar, em cujos fundos a roleta rolava, arrastando dinheiro fácil para o dono roleteiro. Depois, quando passava o que por lá se chama o verão, arribava todo mundo, a praia voltava aos seus rumores normais de onda que vai e vem e palmas de coqueiro a balançar.

Bonitos coqueiros, solenes como uns moinhos de vento, que a mão dos homens abate por causa nenhuma. Já hoje são raros os coqueiros da Boa Viagem modernizada, onde já se mora permanentemente. Mas há mais gente, mais casas ricas ao longo da bonita praia.

Conserva-se todavia o hábito antigo de abandonar a casa-de-praia, passado o período de banho salgado. Rico ou arremediado que se preza não fica todo o ano à beira mar. Corre a superstição de que o ar marinho, impregnado de iôdo, faz mal à saúde quando não é tempo de banhar. O recifense, cercado de águas doces e salgadas, de córregos e camboas, mesmo assim é pouco aquático. A vista satura-se de tanta água e enjoa o corpo para as do mar. Há gente que molha os pés ou toma banho de areia. E porque o sol requeima, salpicando sardas pelo corpo, muita beleza foge do mar.

Boa Viagem é uma praia bonita, pouco importa o concurso de mau gôsto de homens alheios à boa plástica. Em dias de sol, quando nuvens moles avançam quebrando a luz, o mar toma côres que não há. O verde que se acamá por sôbre as águas lembra caldo de cana. Os azuis, tisnados de violeta, rolam líquidos, transmudando-se em outros tons.

Os arrecifes, quebrando as ondas do mar, enfeitam-se de algaços que às vêzes ficam na areia como uns ramos verdes e sem flor. Os botos brincam, protetores de corpos descuidados. Chega até a praia o cheiro meloso e enjoado de melancia, sinal de que o tubarão anda perto. Os banhistas se banham. Balançam os coqueiros. Boa Viagem, servida sempre de boa viração, convida a gente para ficar. E dizem lá, com boas razões, que o costume confirma: quem dorme debaixo de um coqueiro, sonha; e sonha para amar. Outrora, uma braça de terra em Boa Viagem custava um vintém, sem comprador. Hoje em dia cada metro vale uma fortuna, que a praia chique do Recife não é para o bico de qualquer um. Se o recifense, de vistas molhadas pelas águas que o cercam, não é muito propenso à natação, estrangeiro ou forasteiro que em Boa Viagem aparece logo timbunga nágua e dela não quer mais sair. É que a água é morna de acalentar. E enfeitiça, quebrando docemente o corpo e a vontade que mora nêle. Boa Viagem, mas para a gente nela ficar.



Anselmo e Ilka, depois de nascer o rebento, têm planos: filmar na Itália, por exemplo.



O flagrante diz tudo: Ilka e Anselmo são hoje o casal mais feliz do cinema brasileiro.

OS DUARTE ESPERAM UM BEBÊ

Ilka Soares vai deixar o cinema, depois de «Floradas na Serra», que tem que terminar muito-depressa... ★ Anselmo ganhou um piano de presente e promete desbancar o Bené Nunes, quando tiver 40 anos ★ Estudo pelo «Método Infantil»... ★ Proposta para filmar no México, mas só depois do aumento da família ★ Salto pretende inaugurar a maternidade com o nascimento do filho do seu mais ilustre concidadão — Anselmo Duarte.

Reportagem de MATTOS PACHECO

Fotos de NORBERTO ESTEVES

TUDO começou com um convite para o almôço. Num fim de noite, no «Nick Bar», depois de alguns uísques. O Anselmo Duarte sugeriu: «Pacheco, você não quer aparecer em casa, amanhã, por volta do meio dia? O Norberto vai almoçar lá... Será mais um para fazer companhia». Aceitamos. Seria agradável ouvir a conversa do Anselmo, seus bons «long-plays», «papiar» com a Ilka, ouvir o Norberto falar mal dos outros...

Meio-dia já estava na rua Catanduva, tocando a campainha, ameaçado por «Freddi» e «Sinhá», que latiam furiosamente, investindo contra o invasor. Pouco depois, chegava também o Norberto, carregado de malas, com máquinas e refletores. «Speeds», «rolleys», uma porção de complicações.

«Você aqui também!? Logo hoje que eu vim trabalhar... Espião! Se você me «furar» a capa da REVISTA DA SEMANA...»

Não havia perigo. Comprometi-me a não me meter no trabalho, não dar palpites, não segurar o «flash», nem mexer no fotômetro...

NASCE UMA REPORTAGEM

A reportagem nasceu por acaso. Sem querer. No meio da conversa. Já que o Norberto estava ali, por que não escrever alguma coisa? O Joel queria uma capa. Se também tivesse um texto, aproveitaria por certo. E o Anselmo e a Ilka contaram tanta coisa, durante o almôço gostoso (bife à milanesa, «puré» de batatas, couve, tudo com um gôsto caseiro, tão diferente de comida de restaurante) e as horas de «suplício» exigidas pela iluminação do Norberto. O velho compa-

Coisa muito rara entre gente do cinema: o casal é feliz



Desde que se casaram, fundiram também seus álbuns de recortes. A união é perfeita em tudo. Passam horas, divertidas, colando o que dizem os jornais sôbre os dois, suas carreiras, seus sucessos. «É nosso álbum de família. Logo também vai ter notícias do Anselminho, que

nheiro adivinhou nossa intenção. «Segura o «flash» mais alto... Não vire pra baixo... Pega o «intermediário»... O Norberto começou a mandar, dirigir. Fomos colaborando. E logo mais, brigávamos como nos velhos tempos de «Última Hora». A dupla estava refeita, pelo menos para mais uma reportagem.



Ilka, ela mesma, sem ajuda de ninguém, já fêz um enxoval inteirinho. Tudo azul. «Espero que seja menino!» Quando Anselmo toca o «bife», atormentando os vizinhos, Ilka ouve tudo, deliciada. Para ela, Anselmo já é um grande «virtuose». Coisas do amor.

A primeira coisa que nossa reportagem vai afirmar, com certeza e convicção, é que Anselmo e Ilka são um casal feliz. Quando casaram, muita gente duvidou desta felicidade e da duração do casamento. «Vão brigar logo! Conheço os dois muito bem...» O nosso amigo professor Baskaran fêz testes psicológicos e sentenciou: «Casamento infeliz. Vai por água abaixo...» O tempo desmentiu tudo. Anselmo e Ilka, cada dia que passa, mais se gostam, mais se entendem. O casamento modificou um e outro, tornou-os mais humanos e compreensivos. Anselmo hoje pensa como um homem sensato, responsável.

«Preciso ganhar dinheiro, comprar uma casa, fazer seguros. Tenho responsabilidades. Quero dar confôrto ao meu pessoal...»

A FAMÍLIA VAI AUMENTAR

Anselmo percebe o olhar curioso do repórter. Leva-nos até uma outra salinha. E surpreendemos Ilka, contente, feliz, costurando numa máquina portátil. Já não é mais preciso nenhuma pergunta. Ilka dá os últimos retoques numa camisinha azul...

«Ainda falta muito tempo. Espero para setembro. Mas o enxoval está quase pronto. Tudo feito por mim!»

AMBOS QUEREM MENINO

Roupinha azul. Ilka, feliz, confessa: «Espero que seja menino». E completa: «O Anselmo também quer menino». A conversa ganha uma coloração muito doméstica. «Menino é mais fácil de criar. É tão difícil educar uma menina, nos tempos de hoje...»

VAI DEIXAR O CINEMA

Ilka deixou de ser «estrêla» de cinema. Preferiu se tornar dona de casa. Vive agora feliz, tomando conta de tudo, desde os botões das camisas do Anselmo, até a limpeza das cortinas, os estragos da empregada, que teima em quebrar todos os dias, um copo da cristaleira.

«Depois de «Floradas da Serra» (se não terminar logo, não posso continuar...) vou abandonar o cinema. Viver em minha casa, cuidando do meu marido e dos meus filhos. Sim, espero ter mais, ter uma porção de filhos. O Anselmo concorda comigo. Êle só trabalhando, no cinema, ganhará bom dinheiro para todos... Hoje, sinceramente, prefiro mil vêzes ser dona de casa, que os atropelos e a vida falsa de «estrêla»... Descobri que costurar é muito melhor que ficar sob um refletor... Sou mais feliz como sra. Anselmo Duarte que como «estrêla» Ilka Soares...»

Anselmo também aprova cem por cento a idéia de Ilka abandonar o cinema. Se um dia tiver saudades, poderá voltar... Mas prefere ter um lar pacato, doméstico, cheio de filhos e uma boa espôsa, que dividir seus dias, ambos correndo, indo e voltando de estúdios, sem tempo para viverem juntos.

A casa da rua Catanduva é agradável. O tempo passa depressa. Já faz tempo que

O herdeiro está sendo esperado com tôda ciência



está pra vir!» Os Duarte estão se preparando para a chegada do «baby». Falta muito tempo ainda, mas Ilka já decorou o «Guia para Criar o Bebê». **E Anselmo, desde já, lê e relê «Domine o seu Sistema Nervoso»... O que quer dizer que ambos estão preparados para enfrentar o guri.**

almoçamos e nada de pretendermos ir embora. Anselmo e Ilka se multiplicam em gentilezas. De repente Ilka olha o relógio. E lembra ao marido: «Querido, está na hora da aula...»

Pouco depois chega a professôra. Professôra de piano. Velhinha e simpática. Ficamos sabendo outro «segrêdo» da família. No dia de Natal, Ilka comprou um piano e deu de presente ao Anselmo. Desde que êle foi o «Zequinha de Abreu», de «Tico-Tico no Fubá», ficou com o complexo de pianista. Não sabia uma nota, quando fêz o filme. Mas se apaixonou pelo piano. Sonhou se transformar em pianista da noite para o dia. Mas depois, casado, imaginou desistir do sonho quase impossível. Ilka descobriu a vontade secreta, a quase obcessão do marido... E no Natal, transformou-se em Papai Noel, deixou um piano bonito, numa salinha da casa da rua Catanduva... Anselmo ficou radiante. Sentou no piano, imitou os ares gloriosos do «Zequinha» do filme e atacou uma música imaginária... Não saiu nada! Novamente Ilka funcionou de «anjo da guarda». Convenceu Anselmo que era melhor estudar, que êle está muito moço ainda, antes dos 40 poderá ser um bom pianista. Anselmo agora passa duas horas diárias, com a professôra de piano, está muito adiantado, tocando o «bife», pelo «Método Infantil»...

«Não tenho pressa. Sou inimigo da improvisação. Daqui há dez anos, darei o meu primeiro concêrto...»

Faz «blague». Mas o Bené Nunes, velho amigo dos tempos de solteiro, que tome cuidado...

SALTO QUER SER TAMBÉM A CIDADE NATAL DO ANSELMINHO...

Os leitores talvez já saibam que Anselmo Duarte nasceu em Salto, no interior do Estado de São Paulo. Pois outro dia, o prefeito da terra veio a São Paulo, foi visitar o filho mais ilustre da cidade. Soube que Ilka está «esperando». E fêz uma proposta, cheio de orgulho. Salto vai ter, dentro em breve, uma Maternidade. Pois êle quer que Ilka vá para Salto. «O maior orgulho de Salto seria que o filho de Anselmo Duarte nascesse em sua maternidade. Vamos esperar para inaugurar em setembro...»

Anselmo não ficou descontente com a idéia. Até gostou. No fundo, êle é tão saltense como o mais ardoroso saltense. Mas Ilka parece que prefere estar bem próxima de sua mãe, na hora do nascimento do primogênito.

PLANOS

Já contamos os planos de Ilka, sua resolução de deixar o cinema. E Anselmo? Quando íamos fazer a pergunta, êle se antecipou. «Estou moralmente prêso à Vera Cruz. Mas sem contrato. Recebi há pouco uma proposta do México. Ir fazer três filmes, com Calderon, o produtor dos filmes de Ninon Sevilla. Êle também se interessa por um argumento de minha autoria. Tenho vontade de aceitar. Mas só para depois de setembro, é lógico. Não quero estar fora do Brasil, justamente na hora em que a família vai ganhar um novo membro!»

Dá gôsto visitar os Duarte. Anselmo e Ilka estão dando uma lição de humanidade, de felicidade. Um gosta do outro, cada vez, cada dia que passa. E vivem numa anciedade gostosa, esperando o mês de setembro, quando êles esperam o acontecimento mais formidável com que sonham todos os dias, tôdas as noites...



«Tico-Tico no Fubá» deixou Anselmo Duarte com complexo de pianista. Ganhou um piano de presente, no Natal. Surprêsa de Ilka, espôsa que adivinha todos os pensamentos do marido. E está estudando pelo «Método Infantil» do professor Francisco Russo.



— Você está exagerando, Pompeu. Bastava raspar o nome de sua antiga noiva.



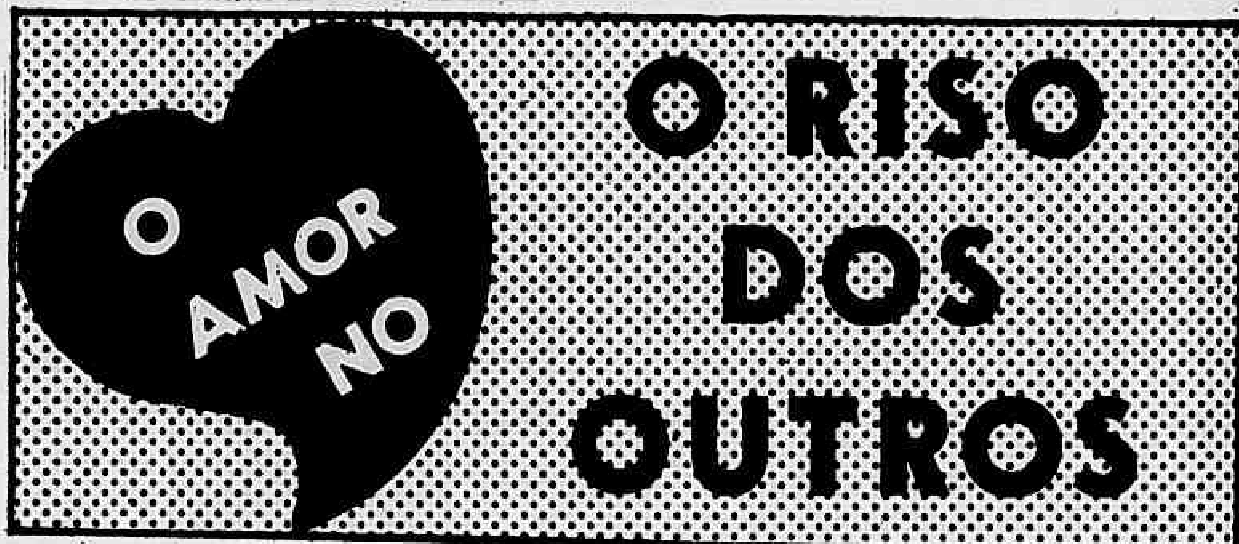
SEM PALAVRAS



— Se você não quer se casar comigo, pelo menos deixe que eu a adote.



SEM PALAVRAS





— Então diga: SIM!



— Perdoe, querido, eu ter lhe feito esperar alguns minutos...



— Vejo que o cavalheiro se interessa pelos nossos produtos.



— A julgar pelos presentes que êle faz, não resta dúvida de que pretende mesmo casar-se.



— Ela não. Eu!



— Uma noite inteira de amor? V. se esquece que estamos no pólo?



— Êle não é de raça. Mas sabe dizer tão bem palavras ternas...

SÍLVIO CALDAS

ensina a cozinhar

ANTONIO MARIA

SÍLVIO Caldas pode ser encontrado e visitado numa ótima casa do aprazível bairro dos Pinheiros, em São Paulo. Está alegre e forte de corpo, com uns 50 anos que muita gente de 35 queria ter. A casa, se não é um primor de bom gôsto, não deixa de ser um esplêndido lugar de viver, com vento fresco a entrar pelas janelas e fôfas poltronas, onde se pode ficar sesteando horas esquecidas. Quem é dos Pinheiros sabe onde Sílvio mora e, se passa na porta, dá boa tarde. Os choferes que fazem pontos de táxi nas redondezas cuidam da vida do Caboclinho (e adoram isso) indo buscar jornais, trazer e buscar violões, chamar e levar amigos.

Talvez seja uma forma de modéstia, mas, êsse fabuloso Sílvio Caldas, figura lendária em vida, diz-se orgulhoso de apenas duas coisas: ser pescador e cozinheiro. E entra numa conversa fascinante, que tentarei reproduzir, repetindo suas palavras e seu entusiasmo: "Ninguém, no Brasil, sabe comer galinha. Ninguém. Só eu". Quem de vós, leitores, deixaria que essa prosa estancasse aí? E seguiu, dizendo: "É um êrro, uma falta de gôsto, comprar a galinha na porta, matar, assar e comer. A gente compra uma galinha e, durante 3 dias, dá-lhe água com limão. Trata-se-lhe da língua, com alho e azeite, para curá-la de **pevide**. Depois, durante 8 dias, no mínimo, dá-se-lhe de comer rações de pão molhado no leite ou no vinho do pôrto". O **poeta da voz** cresce em sua vaidade de cozinheiro: "Ninguém sabe tratar uma galinha. Você já não viu que as galinhas viram muito a cabeça para trás, como se estivessem se coçando? Não estão. Estão indo, com o bico, buscar, numa glândula de secreção, que fica em cima da **mitra**, óleo para lubrificar as penas. Essa glândula deve ser tirada, porque, com ela, não há galinha que seja, realmente, bem cheirosa. Tratada e lavada, a galinha é embebida em toucinho derretido e, para ser assada, deve ser envolvida em 3 fôlhas de papel impermeável. Quando a primeira estiver queimando, joga-se fora. Quando a segunda estiver queimando, joga-se fora. Então, quando a terceira começar a queimar, a galinha estará magnìficamente assada, dourada por igual, sem tostações ou chamuscos pelo corpo".

Empolgado pela descrição, fi-lo falar de suas manhas de cozinheiro.

TOUCINHO: "Quem trabalha com óleo é automóvel e caminhão. A gordura de tempêro tem que ser uma só: toucinho derretido. Derrete-se o toucinho, quando êle estiver feito água, mistura-se-lhe alho, louro e sal. Depois, em vasilha branca e muito bem lavada, guarda-se na geladeira e vai-se usando de acôrdo com o gasto da casa".

POLVO: "É muito mais gostoso do que camarão. O negócio é saber preparar. O camarão é doce, principalmente o camarão de grandes profundidades, **camarão grande** (aí entra em cena o pescador). O melhor camarão é o **camarão de lixo**, chamado, em Santos, de **sete barbas**. O segrêdo do polvo é, no ato de lavá-lo, não tocá-lo com objetos de metal. Bastará um corte de faca para que o bicho vire borracha e, portanto, imastigável. Trabalha-se, em seu trato, com um espêto de pau, cozinhando-se da seguinte maneira: descasca-se uma cebola e põe-se em cima da mesa. Em seguida, dá-se a primeira fervura no polvo, quando o bicho encolhe as pernas. Depois, a segunda. Finalmente, na terceira fervura, põe-se a cebola na panela. Quando a cebola estiver cozida, o polvo também estará". O detalhe da cebola, a princípio sem importância, uma simples cebola descascada, é impressionante.

CARNE: "No Brasil, há essa mania de comer "filet mignon". É uma carne ruim. Carne que presta é **peito**, é **aba de "filet"**, é **alcatra**. Magarefe que se prese só come essas carnes, guardando os "filets" para vender aos grã-finos". E acrescenta, com água na bôca: "o único pêso para se fazer uma grande carne assada é o **peito**. Fica embebido na gordura. Os outros pesos, quando a gente parte, parece papelão".

ARROZ: "Eu sei fazer arroz. Eu e mais ninguém". E ensina: "Um bom arroz não pode ser feito em menos de 45 minutos, sendo que 25 são para refogar. Lava-se, bem lavado e deixa-se a secar; depois, refoga-se em mistura de toucinho derretido, alho e cebola. Quando estiver bem sôlto, põe-se o tomate (antes não, porque tomate larga água). Põe-se (o arroz) em água fervendo até ficar em ponto de secar. Nesse ponto a superfície do arroz fica cheia de buraquinhos. Aí, embrulha-se a panela em 3 fôlhas de jornal (outro papel não serve para isso) para guardar o calor. Então, o arroz absorve tôda a água da panela, cresce e solta".

QUIABOS: "Pouca gente sabe tirar a gosma dos quiabos. Usa água de limão. Não precisa. É só lavar, enxugar e cortar".

CAFÉ: "Tem que ser feito em vasilha muito bem lavada, sem um pingo de gordura. Nem perto, pode haver louça ou panela suja de gordura".

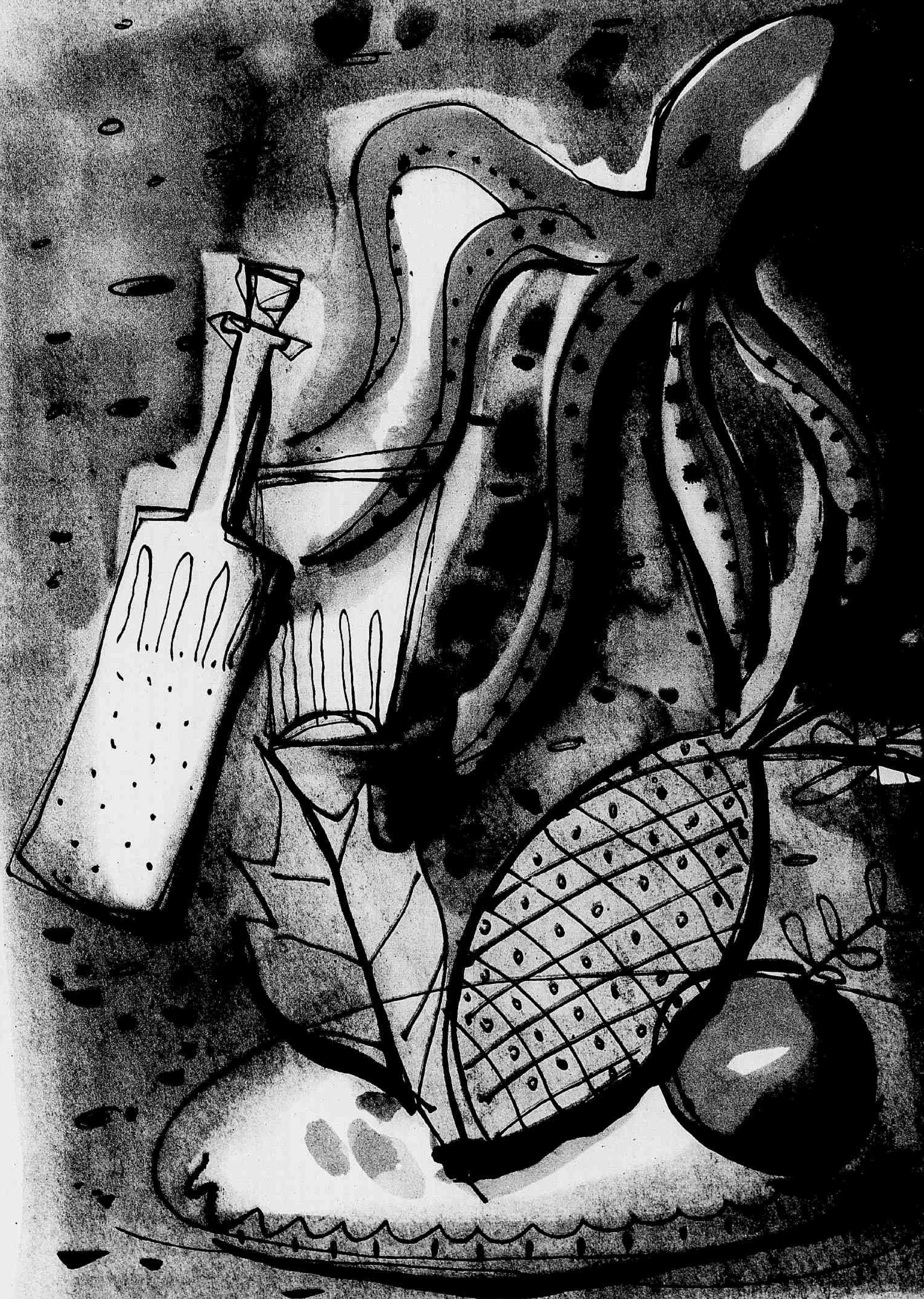
NORMAS: "1º) Panela de pressão não entra em minha casa. Feijoada minha tem que ser feita em 8 horas; 2º) Marido e mulher devem conversar meia hora por dia, combinando o almôço do dia seguinte".

ORGULHO: "Essas coisas que eu sei são o segrêdo da minha saúde e do meu bom humor".

★ ★

NOTA DO CRONISTA: Dedico esta página, muito mais escrita por Sílvio Caldas do que por mim, às donas de casa que eu conheço ou não. Quem sabe dessas coisas é um homem admirável — o que canta (de Orestes): «Dorme, fecha êste olhar entardecente»...

Desenho de DAREL





O ARPOADOR DESPEDE-SE DO V

Pernas bonitas e rostinhos lindos dão suas últimas voltas pela praia mais grã-fina do Rio

Testo de LEON ELIACHAR **Fotos de ALBERTO FERREIRA**

O Arpoador foi verdadeiramente descoberto há pouco mais de dois anos. Hoje êsse pedacinho de praia, sem saída, tornou-se pequeno demais para abrigar a afluência cada vez maior de banhistas. Mas isso não tem importância, porque vai invadindo a praia de Ipanema e algum dia chegará mesmo até o Leblon. Mas, de qualquer maneira, a grã-finagem da zona sul não muda de ponto e, aos domingos, o trânsito é interrompido completamente pelos mil e pouco automóveis que estacionam nas redondezas, uns por cima dos outros. Os «brotos» mais lindos do mundo passeiam suas pernas pela calçada, sobem seus corpos pelas pedras, deitam seus braços na areia. Diàriamente. O grã-fino que se preza não deixa nunca de assinar o ponto. Passa lentamente no seu conversível, buzina, sorri, pára ali mesmo no meio da rua, e depois vai fazer a manobra lá perto do forte. Quase todos se conhecem, quase todos se cumprimentam. E um visitante de fora corre o risco de sentir-se um intruso, como se estivesse invadindo a propriedade alheia. Em verdade, o Arpoador está cheirando muito a praia particular.



O VERÃO







● A côr, o movimento, o murmúrio, tudo vai ficando mais lento, mais pálido. Porque o sol veio dizer adeus. Mas ainda há vida sôbre a areia. Amanhã, sim, restarão apenas as marcas deixadas pelos belos corpos das meninas que já repousaram ali. Um vento mais forte soprará tudo e talvez não deixe vestígio algum. O desfile permanente de plástica cederá lugar a uma paisagem serena e fria: um pedaço de céu recortado pelas pedras firmes, e a insistência das ondas que se esfregam na areia indiferente. O pedaço de praia parecerá abandonado e triste. Mas, em verdade, espera pelo domingo. Quando vibrará novamente, e novamente será iluminado pelos sorrisos das sereias. E o sol queimará mais forte, porque se sentirá em sua própria casa. Aí então voltará a côr, cada pedaço da paisagem recuperando o seu colorido natural. As sereias estarão rosadas, o mar ficará mais azul, as ondas mais brancas. E as barracas completarão o colorido espetáculo.

● Emprêsas de ônibus localizaram o Leme e o Pôsto Seis,
cabana inteiramente. Mas o seu radar não conseguiu pene
só há lugar para automóveis. Quem tiver o seu carrinho
A água é mais pura, a areia mais leve, e as pequenas são
agora estamos em abril. E o sol de verão ensaia uma despe
vai esmaecendo, as escolas vão sugando os «brotos» para
procura trabalho. As pernas vão rareando, os automóveis já
perdendo o seu sorriso. Suas pedras continuam firmes e dur
ondas continuam arrebentando violentamente sôbre elas, n
balho de corrosão. Um silêncio melancólico domina. Mas
quando tudo volta à rotina. Porque um domingo no Arpoador é









A ESCADA DE ZEGFIELD

Por êstes degraus sobem e descem lindas pequenas de tôdas as idades, gente famosa de tôdas as profissões.





e o Pôsto Seis, e o subúrbio dominou Copa- conseguiu penetrar ainda no Arpoador. Ali o seu carrinho pode ir dar o seu mergulho. pequenas são muito mais saudáveis. Mas saia uma despedida. O bronze das pequenas « brotos » para as aulas, a rapaziada « chic » automóveis já são poucos, o Arpoador vai am firmes e duras, espetando o céu azul, e as te sôbre elas, no seu eterno e paciente tra- domina. Mas há o consôlo dos domingos, go no Arpoador é sempre um domingo de verão.

O ARPOADOR DESPE HOJE AS MULHERES DE AMANHÃ

A criança é um toque mágico de poesia na beira da praia. Seus gestos leves, seus movimentos graciosos, são um poema sem rima sôbre a areia. O sol de verão também se despede delas. Para vêlas adulta amanhã.

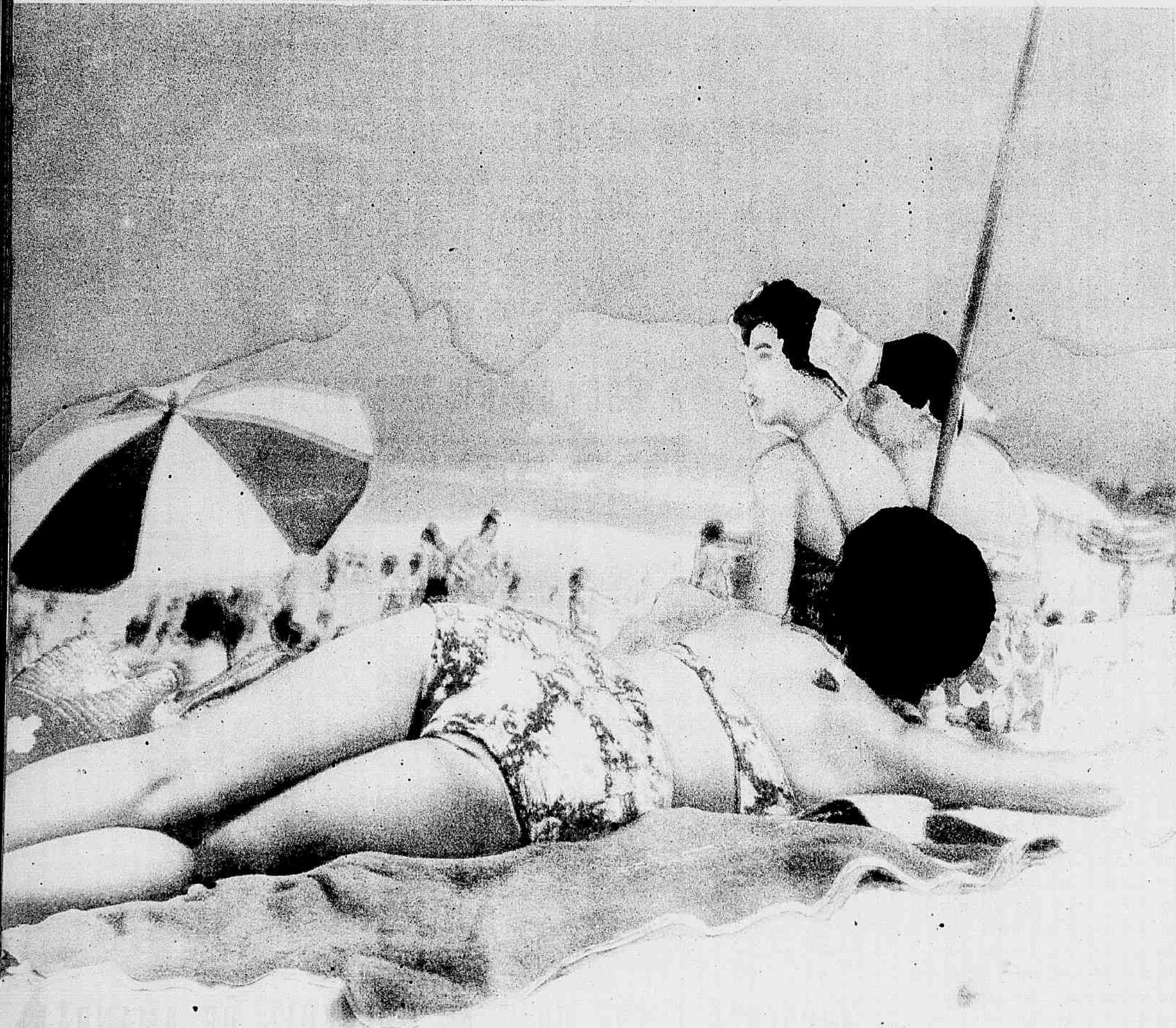


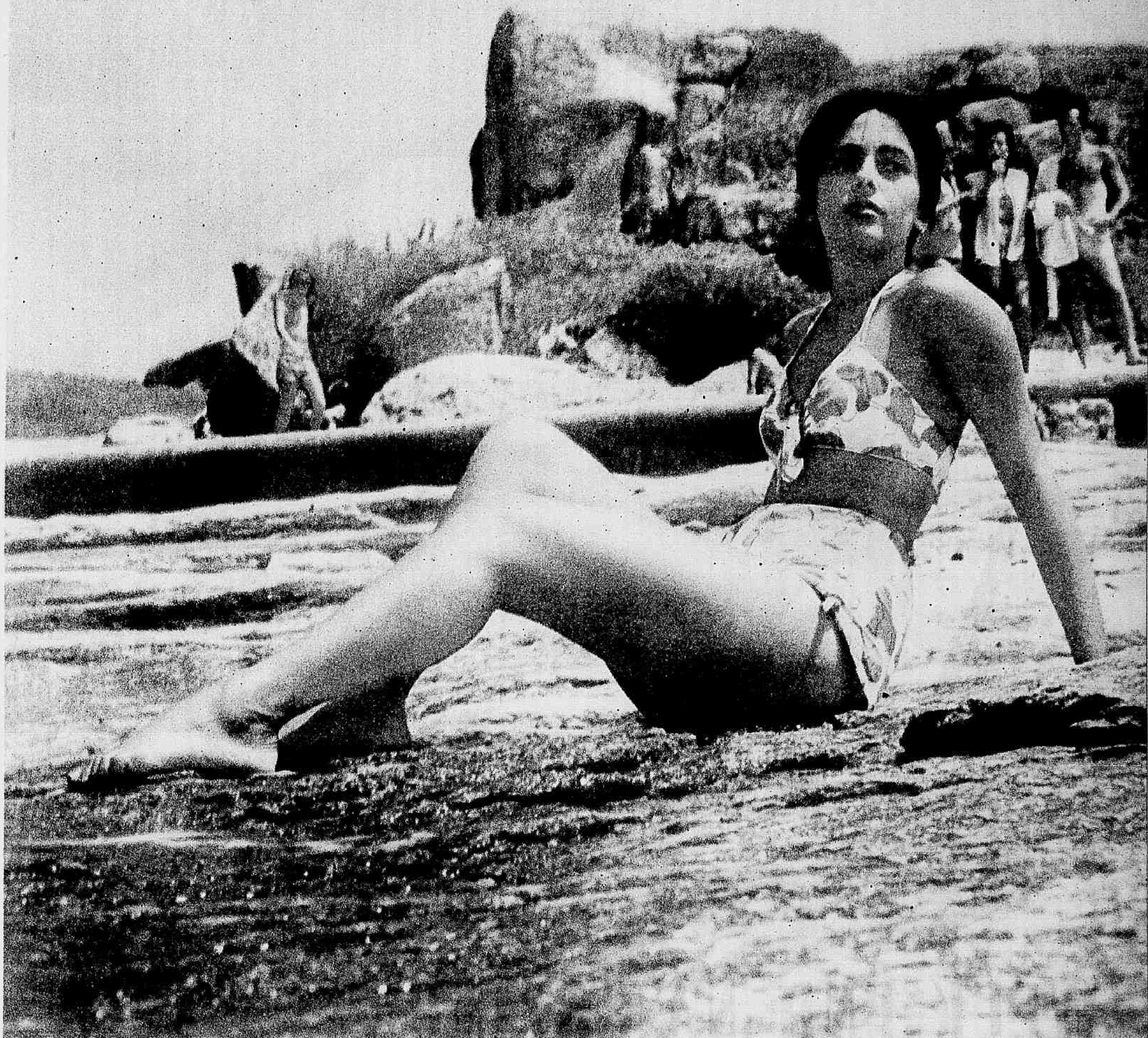
O Arpoador...





Na beira dágua tudo é esporte: o frescobol, o mergulho nas ondas, o jacaré. E a garôta que passa.





FIM DE ESTAÇÃO: UM PEQUENO SALDO DE PEQUENAS BONITAS

A paisagem do Arpoador se

transfigura lentamente.

Restam poucos sorrisos na areia clara.

Não há tanto reboliço, a praia

perde os movimentos.

As sereias repousam serenamente,

recebem os últimos raios de um sol

cansado de ver moça monita,

e triste por ir embora.

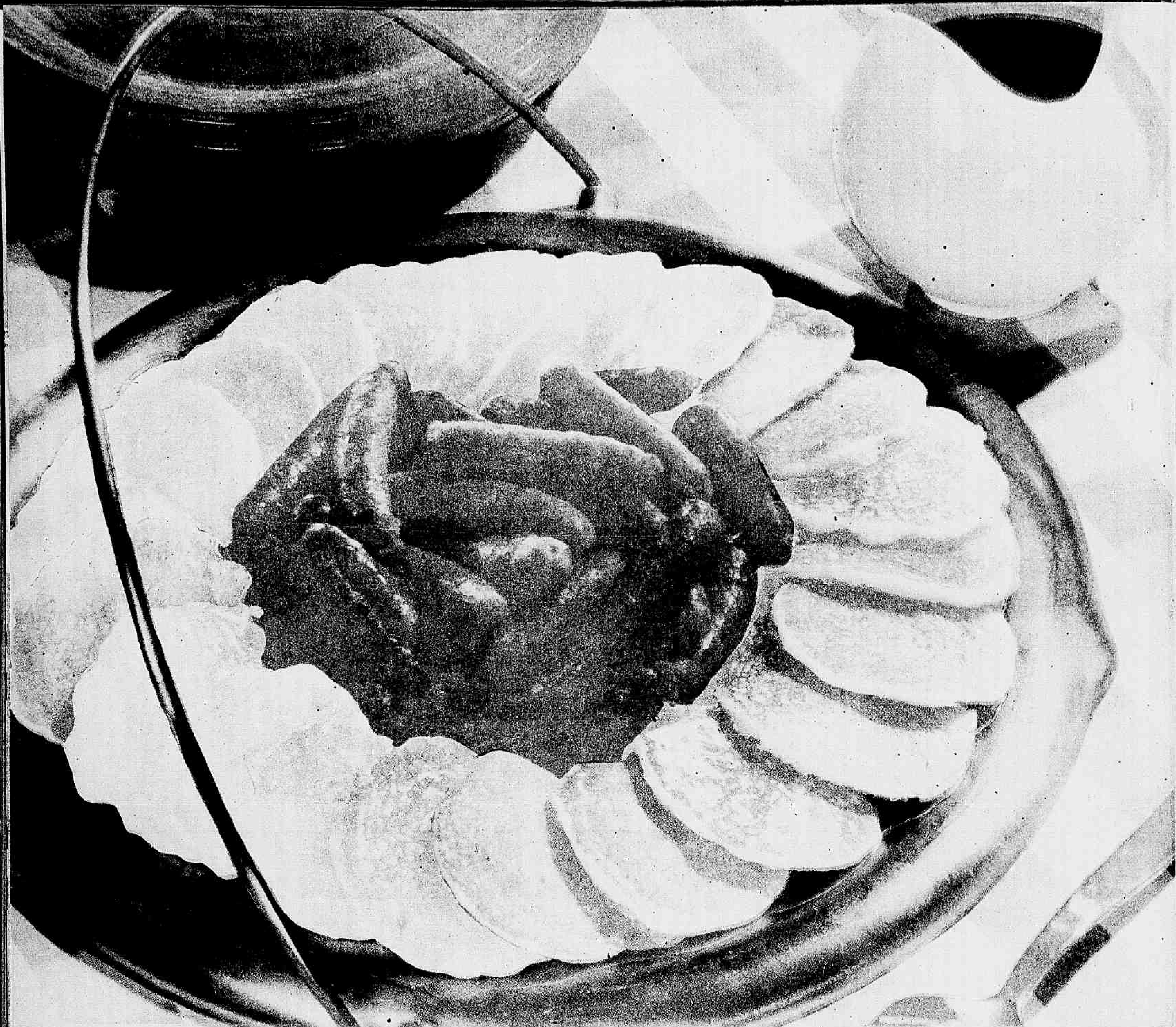
Agora é a praia que descansa,

quase nua, esparramada em sua

preguiça de fim de estação.







WEEK-END NA COZINHA

A ARTE DE PREPARAR BOAS PANQUECAS

● *Tenho andado ùltimamente um pouco preocupada a respeito das panquecas. A arte de fazer panquecas saborosas anda ameaçada de desaparecer para sempre, pois em países como os Estados Unidos estas já são vendidas pré-fabricadas. Provàvelmente, nossos filhos não saberão como preparar panquecas em casa... Portanto, para a posteridade, escolhi algumas receitas das melhores, que você poderá deixar em testamento para os futuros netos. Êles terão a curiosidade de experimentá-las e pode ser que ponham fim, assim, à ameaça das panquecas pré-fabricadas.*

TIA DULCE

...e no bar

MENTA PONCHE

● O Menta-Ponche, ou ponche de hortelã pimenta, constitui uma ótima bebida refrescante, muito apreciada pelos inglêses. Prepara-se como segue:

10 a 20 raminhos de hortelã pimenta — 1 litro dágua fervendo — 1 colher, das de sopa, de açúcar — ½ litro de suco de laranja — 1 xícara de suco de limão — 1 xícara de «ginger ale» — ½ litro de soda — casca de limão e de laranja.

Lave a hortelã e ponha numa panela com água e o açúcar. Deixe ferver por 10 minutos. Coe e espere esfriar. Depois acrescente os sucos de limão e de laranja. Guarde na geladeira e logo antes de servir acrescente o «ginger ale» e a soda, e cubinhos de gêlo. Enfeite com folhinhas de hortelã e pedacinhos de casca de limão e de laranja.



● A primeira da lista é uma **panqueca simples.** Não é muito bonita, mas, quando servida com mel ou um môlho apropriado é deliciosa. Peneire juntos duas xícaras de farinha de trigo, duas colheres das de chá de fermento em pó, uma colher das de chá de bicarbonato, uma colher das de chá de sal e duas colheres das de sôpa de açúcar. Agora, ponha um ôvo (inteiro) em duas xícaras de leite e bata bem. Junte duas colheres das de chá de suco de limão e bata mais. Depois acrescente os ingredientes sêcos, peneirados juntos. Misture tudo o suficiente para ficar uma massa homogênea. Acrescente 4 colheres das de sôpa de manteiga, margarina, ou mesmo gordura — derretida — e misture. Jogue a massa, às colheradas, numa frigideira já aquecida, vire-a apenas uma vez e passe manteiga ainda quente. Sirva com mel, melado, geléia ou o que preferir.

● «Para fritar as panquecas», a frigideira deve estar no ponto certo. Muito fria, e a massa grudará; muito quente, e as panquecas ficarão queimadas. Faça-as com a frigideira aquecida no ponto certo e elas ficarão saborosas e tostadinhas. Para acertar o ponto de aquecimento, experimente a frigideira com gotinhas de água fria. Se elas chiarem e secarem, a frigideira ainda está muito fria; se saltarem, com um pequeno pulo, está bom. Quando as panquecas começarem a ficar cobertas com bolhas é hora de virá-las. Vire-as apenas uma vez — isso é muito importante.



● Se quer uma receita um pouco mais interessante, experimente as **panquecas francesas:** Ponha, numa tijela, duas xícaras de farinha de trigo, peneirada com uma pitadinha de sal. Faça um buraco no centro e quebre aí quatro ovos. Misture bem os ovos com a farinha, mexendo do centro para as bordas. Depois junte duas xícaras de leite, lentamente, e mexendo sem parar. Acrescente uma colher das de chá de suco de laranja (ácida). Misture muito bem.

Cada panqueca deverá ser fritada separadamente numa frigideira pequena, de não mais de 15 centímetros de diâmetro. Faça-as bem fininhas. Unte a frigideira com manteiga e ponha um pouquinho da massa. Frite-a de ambos os lados. Ponha no meio uma geléia de fruta e enrole. Arrume as panquecas numa travessa grande e logo antes de servir espalhe por cima um pouco de açucar. Esta receita dá para umas 30 das melhores panquecas que você já comeu!

● As «panquecas alemãs» são, porém, igualmente deliciosas! Bata três ovos e acrescente-lhes três quartos de xícara de farinha de trigo, meia colher das de chá de sal, e um quarto de xícara de leite. Bata a massa até ficar bem leve. Junte mais meia xícara de leite e uma colher das de sopa de manteiga derretida. Ponha a massa numa frigideira grande, bem untada, e cozinhe-a em fogo moderado, perto de 20 minutos. A frigideira ideal, para estas panquecas, é a pesada, com as bordas curvas. Vire a panqueca num prato grande, aquecido, e espalhe por cima açucar com canela, em boa quantidade.

Sôbre tudo isso respingue o suco de meio limão. Pode também cobri-la com geléia de fruta. Enrole e sirva-a para quatro pessoas famintas.



● Você já experimentou **bôlo de frigideira?** Pois não deixa de ser uma forma de panqueca. Vejamos a receita: Dissolva meio pacotinho de fermento de cerveja em um quarto de xícara dágua. Depois misture duas xícaras de farinha de trigo integral e três colheres das de sopa de maizena, duas colheres das de chá de açucar, uma colher das de chá de sal, e três xícaras e um quarto de água morna. Quando estiver tudo misturado junte o fermento. Deixe descansar e crescer durante tôda uma noite. Na manhã seguinte, junte uma colher das de sopa de melado escuro, uma colher das de chá de fermento em pó, e uma pitadinha de bicarbonato. Misture com cuidado. Frite os bolos numa frigideira quente e sirva-os com manteiga, e salsichas. Você me agradecerá esta receita pelo resto da vida!

● Ainda que não seja realmente uma panqueca, no sentido exato da palavra, a «panqueca de batatas» é muito saborosa e tem que ser incluída entre as outras. Veja como se faz:

Amasse três batatas e misture-as com um ôvo batido, duas colheres das de sopa de farinha de trigo, e uma colher das de chá de sal. Pingue um pouco da massa numa frigideira, e espalhe-a para que as panquecas fiquem finas, mas não excessivamente. Sirva-as muito quentes, com carne assada, e entenderão o que quis dizer.



Leite, carne, verduras, pão, manteiga, arroz e feijão constituem, com as frutas, uma garantia de saúde para o trabalhador.

34.100 REFEIÇÕES CIENTìFICAMENTE PREPARADAS SÃO FORNECIDAS DIÀRIAMENTE PELO SAPS NO DISTRITO FEDERAL

Ensinando o povo a comer ★ 16 restaurantes, 21 postos de abastecimento e 23 barracas ★ A importância de um plano de assistência alimentar ★ Cifras que impressionam.

● A instalação de restaurantes, postos de abastecimento e barracas do SAPS proporciona grande economia no orçamento do trabalhador, uma vez que o operário come e adquire gêneros alimentícios de primeira qualidade e por preços excepcionais. Com isto o SAPS visa evitar o desajustamento social do operário, com o objetivo de valorizar o ser humano, proporcionand uma alimentação planejada cientìficamente, de modo a conter, nas devidas proporções, todos os elementos nutritivos. Sòmente na Capital Federal os trabalhadores e suas famílias dispõem de 21 postos de abastecimento, 23 barracas e 16 restaurantes, espalhados do Leblon aos longínquos subúrbios da Central do Brasil e Leopoldina. Graças a um perfeito serviço de abastecimento, o SAPS fornece, diàriamente, à população carioca, 22 560 quilos de gêneros alimentícios e 8 200 quilos de legumes e verduras, bem como 1 500 dúzias de ovos, 8 000 caquis, alimentação mais do que suficiente para abastecer a população de cidades como Florianópolis, Cuiabá, Vitória, Terezina e outras capitais do Brasil.

Isto quer dizer que, por mês, o SAPS vende mais de 564 000 quilos de gêneros alimentícios contra 246 000 de legumes e verduras, enquanto os freqüentadores de seus restaurantes consomem 34 100 refeições por dia, das quais 15 000 são fornecidas pelo Central da Praça da Bandeira, onde os aposentados pagam 5 cruzeiros e os antigos freqüentadores 8 cruzeiros, enquanto os novos Cr$ 10,00. Os cardápios do SAPS são planejados por nutrólogos da mais reconhecida capacidade profissional. Cada refeição contém, em média, 100 gramas de carne, 100 de arroz, 60 de feijão, 170 de legumes e verduras, 200 de leite, 40 de pão, 100 de frutas, 25 de farinha, 25 de gordura, 8 de manteiga, 10 de açúcar e 5 de café em pó.

ENSINANDO A COMER

● De um modo geral, em virtude do alto custo de vida, a alimentação do nosso trabalhador é deficitária e falha, principalmente em longínquas regiões do país. Daí a importância do plano assistencial do SAPS, que desenvolve em seus restaurantes, realizando aquilo que os nutrólogos chamam «educação pelo exemplo», pois que ali, os trabalhadores aprendem, de modo prático, a melhor maneira de se alimentarem. Assim, num restaurante do SAPS, e êles são dezenas, do Rio Grande do Sul à Amazônia, o trabalhador adquire as nações básicas da alimentação, ao mesmo tempo que fortalece o seu organismo, aumentando, conseqüentemente, a sua capacidade de produção. Sabe-se, por exemplo, que uma refeição do SAPS contém, em média, 840 gs. de gêneros alimentícios, ricos em açúcares, albuminas, gorduras, cálcio, fósforo, ferro e vitaminas, o que representa energia para o trabalho muscular, formação e renovação dos tecidos, proteção contra as doenças e reservas para o organismo.

A simples cifra de 34 000 refeições por dia, quase um milhão de refeições por mês, diz da preferência dos operários pelos restaurantes do SAPS, em número de 16 e assim localizados: Central, à praça da Bandeira, 96; Imprensa Nacional, à Av. Rodrigues Alves, 1; Ministério do Trabalho, à Av. Presidente Antônio Carlos, 251; Aeroviários, no Aeroporto Santos Dumont; Klabin, na Avenida Suburbana, 5 472; Estiva, na rua Antônio Lage, 42; Polícia Civil, à Av. Gomes Freire; Leblon, à rua Dias Ferreira, 420; Ministério da Guerra, na Pça. Duque de Caxias; IAPC, à rua do México, 128; Estudantes, à Av. Beira-Mar, na Ponta do Calabouço; Estudantes da Universidade do Brasil, à Praia Vermelha, Urca; IPASE, à rua Pedro Lessa, 35; Departamento de Obras e Inst. rua Ana Nery, 1 552; Santa Cruz, no Matadouro de Santa Cruz.

MAIS DE 800 TONELADAS DE GÊNEROS ALIMENTÍCIOS E LEGUMES

● Os 16 restaurantes, os 21 Postos de Abastecimentos e as 23 barracas do SAPS espalhadas pela cidade, consomem mais de 800 toneladas de gêneros alimentícios, legumes e verduras, por mês, inclusive 150 000 quilos de arroz, 90 000 de feijão prêto, 75 000 de batatas, 57 000 de tomates, 45 000 de chuchu, 45 000 de cenoura, 45 000 dúzias de ovos, 240 000 caquis, 30 mil quilos de repôlho, 12 000 quilos de pepinos, etc. Para isto, entretanto, funciona uma frota de 31 veículos, rodando 2 400 quilômetros por dia e transportando cêrca de 100 toneladas, mais da metade em trânsito para abastecer os mercados localizados no Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, etc.



● *Um modêlo delicioso para a noiva muito jovem. Todo confeccionado em fino "tulle" de "nylon", tem blusa levemente drapeada nas mangas e junto ao decote, que, para nossos hábitos, e para o casamento religioso, terá que ser um pouco mais fechado. O único enfeite dêsse modêlo encantador de Milgrin são as aplicações, também em "tulle", contornadas por ponto cheio. O motivo do bordado se repete na grinalda que prende o véu curto.*

Noivas



de maio

● *Uma criação para a noiva de Maio, em "tulle" e veludo branco. Neste último tecido é a blusa, de onde parte a ampla cauda. Terminada a cerimônia, a noiva poderá, em casa, retirar a blusa e a cauda, e estará vestida com um encantador traje de baile, sem alças, em "tulle", com aplicações de veludo em forma de fôlhas — como se pode observar na parte da frente. Uma notável criação do costureiro Milgrin, para casamentos de luxo.*

Beleza!

Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua

HIGIENE ÍNTIMA

Metrolina

ADSTRINGENTE
ANTISSÉTICO
BACTERICIDA

Óleo de Peroba

COM ÓLEO DE PEROBA A SUA MOBILIA PARECE TER SIDO COMPRADA NA VESPERA

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME..........................

RUA.................. Nº.....

CIDADE........................

ESTADO........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

"AMARALINA"

Tônico Amaralina Capilar

TÔNICO CAPILAR

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

Já se encontra à venda em tôdas as farmácias, drogarias e perfumarias. Se, entretanto, não existe na cidade, não perca tempo, pedindo imediatamente pelo Reembôlso Postal — O preço de "AMARALINA" é, em qualquer parte do Brasil, de Cr$ 35,00 e pelo Reembôlso Postal custa Cr$ 45,00, livre de porte.

"AMARALINA", certeza absoluta de que os cabelos tornarão a nascer. Na paralisação da queda de cabelos é francamente extraordinário êste produto descoberto por brasileiro e fabricado com erva nacional. Centenas de pessoas atestam suas nunca igualadas qualidades.

Pedidos a M. M. BURLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

Puxe Pelo Cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 Quem disse isto: «Quem amou, nunca esqueceu; quem esqueceu nunca amou»:

— O Pe. Feijó?
— Camilo C. Branco?
— Stendhal?

2 Que significa o nome Paulo:

— Chefe?
— Pequeno?
— Sem pátria?

3 Qual a árvore que atinge maior altura:

— O eucalipto da Austrália?
— O jequitibá do Brasil?
— A sequóia dos Estados Unidos?

4 Entre as serpentes mais venenosas do mundo, qual o lugar que ocupa a cascavel brasileira:

— O primeiro?
— O segundo?
— O terceiro?

5 Qual o peixe, que, por sua carne excelente, é considerado «rei de sua espécie»:

— O badejo?
— O salmão?
— O atúm?

6 Quantos quilos de mel pode produzir uma colmeia, anualmente:

— Vinte?
— Cem?
— Sessenta?

7 Qual dêstes insetos tem o nome científico de «glosina palpalis»:

— A môsca tsé-tsé?
— A cigarra?
— A formiga preta?

8 Qual dêstes almirantes da armada brasileira que venceu a batalha do Riachuelo:

— Tamandaré?
— Custódio José de Melo?
— Barroso?

9 Por que motivo ficou o dr. Robert Kock conhecido no mundo inteiro:

— Por ter descoberto múmias?
— Por ter descoberto o bacilo da tuberculose?
— Por ter salvo Napoleão?

10 Em qual dêstes países tem a vida, média mais baixa:

— Índia?
— Japão?
— Itália?

11 Quantos cocos há num macho de palmeira babaçu:

— Cem
— Mil?
— Cêrca de quinhentos?

12 Em que país nasce o rio Amazonas:

— No Brasil?
— Na Bolívia?
— No Peru?

13 Quem foi Jacques Frederico Kammerer:

— O inventor do palito de fósforo?
— Descobridor da eletricidade?
— Grande general de Carlos Magno?

14 Que produto resulta da mistura da nitroglicerina, terra de infusórios ou farinha fóssil:

— O mata-borrão?
— A dinamite?
— O carbonato de cálcio?

15 Quem inventou o fonógrafo:

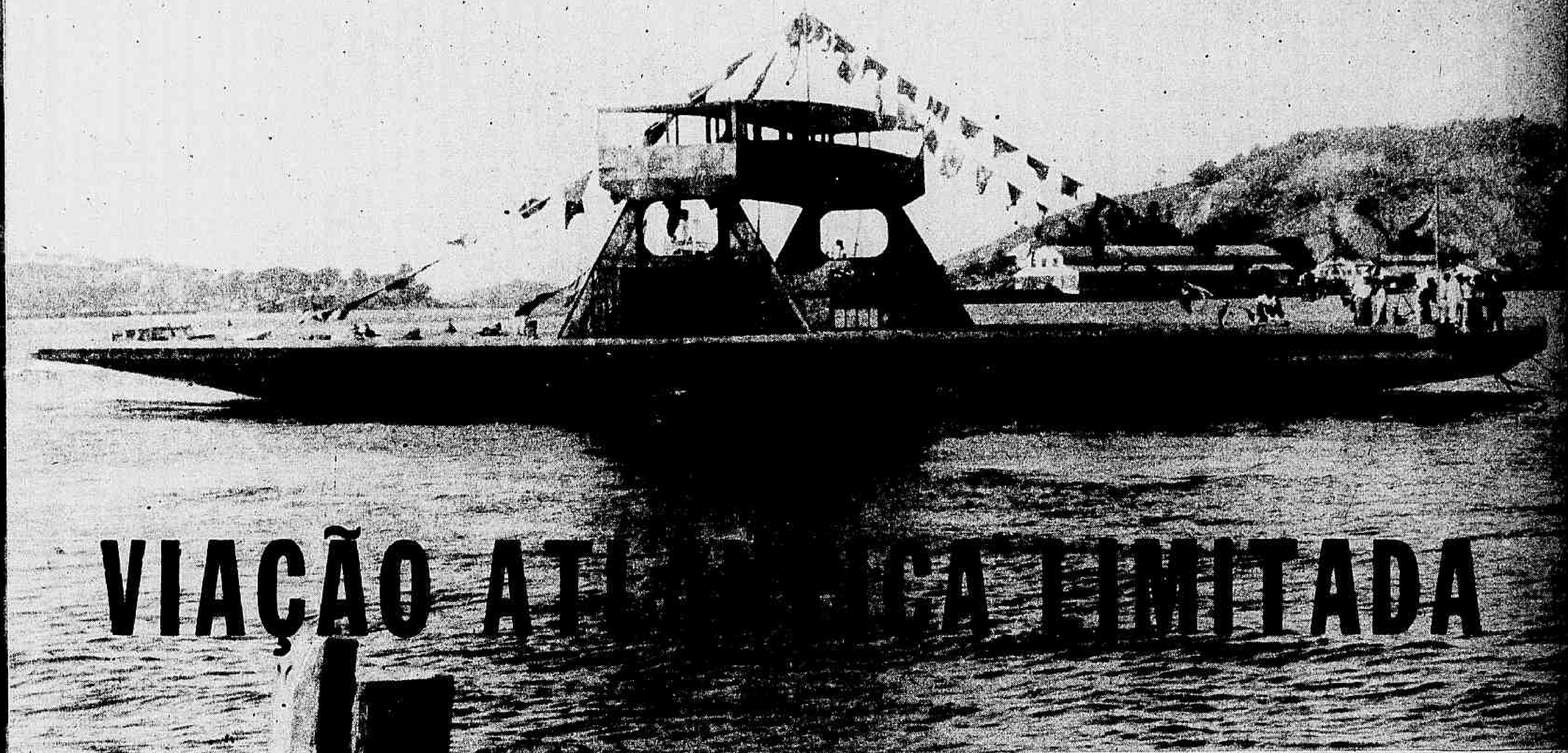
— Galileu?
— Hertz?
— Edison?

Respostas na pág. 42

CLASSIFICAÇÃO:

Resposta 0: estado primitivo — homem macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — homem-macaco.
De 4 a 6: cultura média — estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.

MAIS UMA GRANDE E FELIZ INICIATIVA DA



VIAÇÃO ATLÂNTICA LIMITADA

A imponente barcaça «Valda 3ª» após seu batismo, em plena Baía de Guanabara.

FOI lançada ao mar a 3 de abril pp., a imponente e moderna «VALDA 3ª». A bela embarcação mede 51 metros de comprimento e 3 de frontal. Capacidade de transporte: 28 caminhões. Estiveram presentes à solenidade os representantes dos Senhores Governador do Estado e Prefeito de Niterói. O muito que significa para o progresso de Niterói esta arrojada realização do espírito progressista dos Drs. Célio Vieira da Silva e Alfredo Figueiredo, diretores da «Viação Atlântica Limitada», ressalta do próprio fato. A festiva cerimônia do lançamento ao mar da moderna barcaça «VALDA 3ª», pertencente a Viação Atlântica Limitada, na vizinha capital do Estado do Rio de Janeiro, constituiu, além de uma confraternização entre empregados e empregadores, verdadeiro acontecimento social.

A Viação Atlântica Limitada, emprêsa nacional com escritório nesta cidade, à rua Barão de Tefé nº 7, 3º andar e estação de embarque à Praça Marechal Ancora e à rua Santa Clara em Niterói, muito tem contribuído para o progresso da vizinha capital do Estado do Rio de Janeiro e de todo o território fluminense, quer permitindo mais rápido escoamento de seus produtores quer facilitando, através de suas modernas e velozes embarcações, maior intercâmbio comercial e turístico. Estão, pois, de parabéns, os dirigentes da Viação Atlântica Limitada e bem assim o povo, o comércio, a lavoura e a indústria da próspera província.



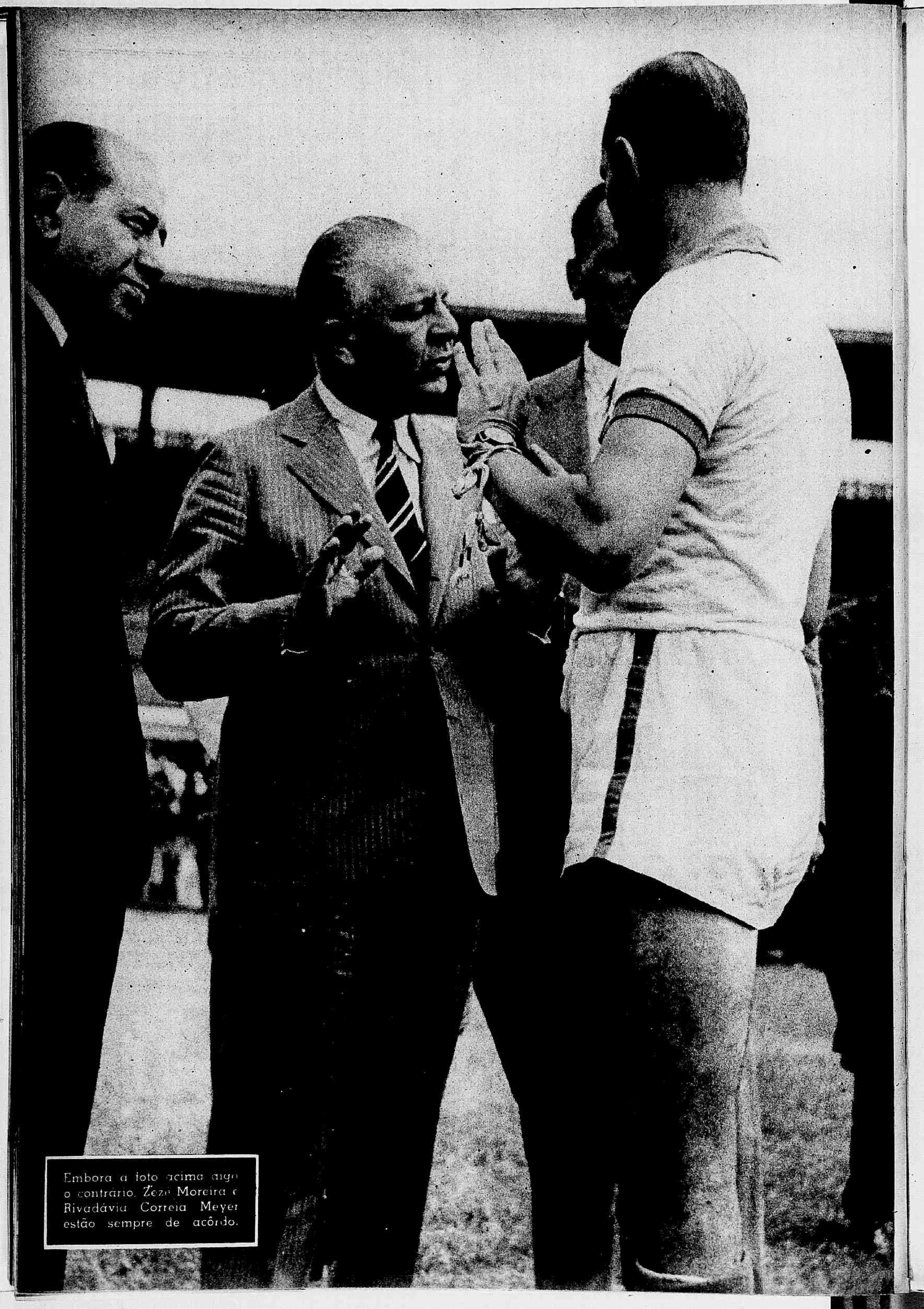
O momento do batismo da «Valda 3ª» pela graciosa senhorinha Zenir Vieira da Silva, filha do dr. Célio Vieira da Silva.



A senhorinha Zenir Vieira da Silva, madrinha da «Valda 3ª», cumprimenta o ilustre engenheiro naval dr. Alexandre Sinhessky.



Flagrante vendo-se os drs. Célio Vieira da Silva e Alfredo Figueiredo e suas respectivas famílias presentes ao ato.



Embora a foto acima diga o contrário, Zezé Moreira e Rivadávia Correia Meyer estão sempre de acôrdo.

BATE-BOLA COM ZEZÉ MOREIRA

TEM MAGUA DE NÃO PODER MAIS JOGAR ★ O CASO GERSON-ROMERITO ★ HUMBERTO ERA MUITO CARO PARA O FLUMINENSE ★ COM DESTINO À SUÍÇA ★ ZEZÉ TEM ESTRÊLA

Entrevista de D. RENAULT

FOI num Banco do centro da cidade, que conseguimos falar ao homem mais caçado pela imprensa desde a vitória dos brasileiros em Assunção. À nossa frente achava-se o orientador do selecionado nacional: **Zezé Moreira.**

Meia calva à mostra e corpanzil de atleta, o técnico ultimava as providências para o embarque dos jogadores que deveriam seguir para a concentração na cidade balneária de Caxambu. Zezé não quís que anotássemos o telefone de sua residência, preferindo responder ali mesmo às perguntas do repórter. Mais adiante está explicado porque. O preparador da equipe nacional de futebol tem sido alvo de críticas e elogios. O partidarismo apaixonante próprio do futebol talvez seja o responsável por êste estado-de-coisas. Zezé também pensa assim. Em Assunção, a equipe do Brasil teve um jôgo duríssimo. Mas aqui no Maracanã, a torcida esperava uma goleada sôbre o bisonho time representativo do futebol do Chile. Estaria certo o técnico que tem carta-branca da C.B.D.? **Baltazar** seria melhor que o **Indio? Humberto** daria mais agressividade à vanguarda, que o «colored» **Rubens?** Depois dêste jôgo, vieram as vaias ao técnico e ao «scratch». Zezé aborreceu-se e ameaçou treinar seus pupilos com o campo fechado a cadeado. Mas, com o Maracanã à cunha e vibrando de emoção — finalmente — o time do Brasil se impôs ao do Paraguai. O «scratch» convenceu à torcida brasileira? Que farão êstes homens na Suíça? Quando esta entrevista fôr publicada, Zezé estará em Caxambu com os craques que êle próprio escolheu a dedo.

Nas respostas dadas ao repórter, o leitor verá que o técnico nacional confia em si mesmo e nos jogadores que êle vem treinando há meses. Uma coisa está fora de dúvida: o técnico que levantou o Campeonato Pan-Americano de Lima tem uma grande «estrêla».

— De onde é você?

ZEZÉ MOREIRA — Do Estado do Rio.

— Qual sua idade?

— Quarenta e cinco anos.

— Que fazia antes de ser técnico de futebol?

— Fui profissional, comerciário e atleta da Polícia Especial.

— Quais os clubes que defendeu?

— Botafogo, América, Palestra e Flamengo.

— Gosta da profissão de técnico?

— Sou técnico mais por gôsto, e a profissão me absorve completamente.

— Aprendeu nos livros a técnica do futebol moderno?

— Não. Nunca li tratados sôbre futebol.

— Então onde?

— Observando os técnicos, lidando com êles e praticando na Escola de Educação Física, onde aprendi muito sôbre preparação e alimentação.

— Qual o melhor dos técnicos estrangeiros que passaram pelo Brasil?

— Doris Kruchner.

— Por quê?

— Êle criou a ordem na maneira de jogar.

— Por que não gosta de dar seu telefone à imprensa?

— Meu telefone não pára de tocar. A todo instante é uma voz que diz: Seu... (censurado) **bota o Indio no time. Arranjei um dispositivo quê desliga o telefone para não incomodar.**

— Que achou da «sola» de Gerson em Romerito?

— Se eu pudesse prever não escalaria o Gerson. Mas Romerito **entrava na área insultando o «back»: — Brasileiro sujo. Vou te cuspir na cara.**

— Ninguém viu isto?

— A assistência muitas vêzes não sabe o que se passa no campo.

— Foi duro o jôgo em Assunção?

— Se foi. Além disso a torcida atirava foguetes quase na cara dos nossos jogadores. No meio tempo botaram caco de vidro **no «goal» de Veludo.**

— O time produziu o que você esperava?

— Mais do que eu esperava.

— Tem alguma mágua atualmente?

— Tenho: não poder jogar mais futebol e não saber música.

— Qual a idade limite para o craque?

— 35 aqui. No clima frio o jogador vai a mais.

— Qual os maiores craques do tempo do futebol amadorista?

— Nilo, Russo, Gradim, Ivan, Osvaldinho, Domingos, etc..

— Você torce nos grandes momentos do jôgo?

— Não tôrço nem grito: já tenho os nervos controlados.

— Acha justas as críticas que lhe são feitas?

— Aceito tôda crítica. Não admito ofensa pessoal (Zezé tirou do bôlso um recorte de jornal). Mandaram isto para a concentração. Quero ser apresentado a êste jornalista.

— Que acha das críticas sôbre a escalação de Baltazar e Humberto?

— Recusei Humberto **porque era caro ao Fluminense e convóquei-o para o selecionado o que prova que não tenho partidarismo. Se fôsse atender a todos teria que escalar três craques para cada posição.**

— Tem alguma mania?

— Vivo fora de casa e minha mania é o futebol.

— Gosta de cinema?

— Sim: aprecio Joan Fontaine, Tyrone Power e Clark Gable, e filmes musicados.

— Acha que seu filho (amador do Botafogo) será um craque?

— Êle tem qualidades e sua altura (1,62) é ótima para um atacante.

— Qual a música que prefere?

— Desde a ópera até o samba.

— Qual sua leitura preferida?

— Leio jornais; nada de política e crimes sensacionais.

— Já conhece a Europa?

— Não.

— Quais os primeiros adversários do Brasil?

— México, França e depois Iugoslávia.

— Qual a maior emoção de sua Vida esportiva?

— Como técnico senti algumas emoções: uma foi a vitória do Botafogo no Campeonato de 1948.

— E as outras?

— A vitória no Campeonato Pan-Americano sôbre os Uruguaios, que foi uma revanche e agora sôbre os Paraguaios.

— Se pudesse viver outra Vida quem gostaria de ser?

— Eu mesmo, sendo jogador de futebol ou técnico na época de hoje.



Getúlio condecora o técnico. Vargas Neto ri de lado e Zezé Moreira morre de alegria.



O triunfo no último jôgo com os paraguaios. Mas no primeiro tempo, tôdas as unhas foram roídas.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO



CABELOS BRANCOS só tem quem quer

JUVENTUDE ALEXANDRE

USA E NÃO MUDA, quem os não quer

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Enderêço telegráfico:
Windsorhotel
SÃO PAULO

RESPOSTAS DA PAG. 38

1 — O Pe. Feijó; 2 — Pequeno; 3 — Eucalipto da Austrália; 4 — O terceiro; 5 — O salmão; 6 — Sessenta; 7 — A môsca tsé-tsé; 8 — Barroso; 9 — Por ter descoberto o bacilo da tuberculose; 10 — Índia; 11 — Mil; 12 — Peru; 13 — O inventor do palito de fósforo; 14 — A dinamite; 15 — Edison.

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 1 E 7 DE MAIO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — A semana será propícia aos empreendimentos do leitor, favorecendo-lhe a realização dos propósitos. Não encontrará obstáculos maiores nas suas justas aspirações. Três e cinco serão os melhores dias. Dois e seis, os mais fracos.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Não haverá uma modificação sensível na posição do leitor, em face do influxo dos astros. Continuará desfrutando uma posição altamente favorável em todos os setores de suas atividades, notadamente no que diz respeito à profissão e à vida sentimental.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — A próxima semana não se prestará para viagem, no seu caso, especialmente em objeto de negócio. Fique enganjado nas ocupações ordinárias se não quiser arcar com duríssimas conseqüências de atos impensados e de atitudes inconseqüentes.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — A situação ainda não se recomendará em relação a assuntos de certa importância. As possibilidades do leitor serão mediocres no curso da próxima semana, tal como está acontecendo na semana vigente.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — Todo o pêso do influxo negativo do Sol cairá, na semana entrante, sôbre sua vida sentimental. Há uma forte ameaça de desunião e de perigoso desencontro de idéias com o sexo oposto. É bom evitá-lo na medida do possível.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Com exceção dos dias 2 e 6, a semana entrante muito o favorecerá. O leitor gozará da melhor intuição nos negócios e de muita chance assuntos legais ou oficiais. Será atendido nas solicitações que fizer e terá êxito no que empreender.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Desconfie das ofertas muito vantajosas que lhe vão ser feitas. Há, no caso do leitor, um falso ambiente e perigo de funestos enganos, de prejuízos e de traições. Previna-se mesmo contra os parentes e pessoas íntimas.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — A próxima semana não lhe será desfavorável, mas poderá dar ensêjo a um acontecimento que muito o entristecerá. Seja animoso e enfrente a prova com a necessária coragem, certo de ter, em tempo oportuno, a compensação devida.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — A semana será de imprevistos nas menores coisas. Dêsse modo, não adiantará os planos engenhosos que fizer, os cálculos e as deduções a que chegar. O melhor é esperar, de ânimo prevenido, os acontecimentos.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — A semana compreendida nestas previsões favorecerá muito os negócios e sua vida sentimental. Terá satisfação e estímulo, o que lhe aumentará ainda mais a alegria de viver.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Seu magnetismo pessoal estará em fase passiva, o que predisporá o leitor a receber situação vantajosa e cômoda. Em tais condições ocupará o leitor um lugar privilegiado, em face dos astros, no curso da próxima semana.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Os dias 1, 5 e 7 serão altamente favoráveis aos seus projetos, às idéias de que estiver animado. Os dias restantes da semana não serão desfavoráveis, mas fracos quanto às ações objetivas que empreender.

OS NOMES DA SEMANA

Maio,	1	—	Eudoro	—	Lenita
"	2	—	Eurípedes	—	Natércia
"	3	—	Sitônio	—	Eulália
"	4	—	João	—	Zélia
"	5	—	Eudes	—	Júlia
"	6	—	Otávio	—	Emília
"	7	—	Ozório	—	Suzana

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Maio,	1	—	10º - 34' - 12"	(Signo do Touro)
"	2	—	11º - 32' - 26"	(" " ")
"	3	—	12º - 30' - 38"	(" " ")
"	4	—	13º - 28' - 49"	(" " ")
"	5	—	14º - 26' - 48"	(" " ")
"	6	—	15º - 25' - 4"	(" " ")
"	7	—	16º - 23' - 9"	(" " ")

NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ



Romance de MICHEL DUCHEMIN — Tradução de SÍLVIA JAMBEIRO

— Michel, não há mais doces!
— É um direito legal, não me interessa, quero a sobremesa que tenho direito!
Lena disse qualquer coisa ao garção, que desapareceu, outra vez, apressadamente.
— Será que vamos ficar aqui a noite tôda esperando que êle consiga o doce? — perguntou uma das moças.
— Não as estou detendo — respondi, sêcamente.
— Mas, Michel, para que tudo isso? Você não vê que é uma maneira ridícula de se mostrar por um doce?
— Classifiquem como quiserem. Serei atendido nem que tenha de passar a noite sentado nesta cadeira.
— Você vem? — começaram a sugerir umas às outras.
— Não, vamos ficar e ver como é que isto vai acabar.
O garção surgiu à porta, abanando a cabeça, mas Lena lhe fêz sinais imperiosos e êle desapareceu de novo. Sòmente ela parecia compartilhar do meu infortúnio. A querida Lena!
— Se eu soubesse — falou Andrea — lhe teria dado o meu.
O garção reapareceu com uma bandeija e atravessou a sala em nossa direção.
— Êle traz uma bandeija; bom sinal — comentou uma.
Bom sinal realmente, pois êle me apresenta um prato com três deliciosas fatias de torta, muito mais apetitosas do que os tais docinhos. O homem havia batido à porta de uma confeitaria, obrigara o dono a subir a porta de ferro, implorara de joelhos... mas eu fôra atendido.
— Esta torta deve estar gostosa — comenta Nicole.
— Gostosa só? Muito mais que isso. Excelente! Deliciosa!
E, com tôda displicência, tendo tôdas as minhas meninas à volta, tremendo de inveja, saboreei as fatias da torta. Senti o coração transbordante.
Gosto muito de tortas, mas no fim da segunda fatia já estava satisfeito e mal podia pensar em começar a terceira, mas por preço nenhum do mundo eu ofereceria uma migalha sequer àquelas pequenas.
Assim, portanto, como elas estavam acostumadas a justificar o fato de ser eu sempre o último, como é costume para os homens, também ficariam sabendo que era egoísta e intransigente, como era costume dos homens!

CAPÍTULO XIV

O vapor navegava para Rijeka, ponto de partida e término de nossa viagem. A noite havia descido e estávamos dentro da escuridão noturna de setembro, que prenunciava o inverno, o frio...
Denise podia, finalmente, justificar o uso do pesado capote que havia trazido e, agasalhados como lapões, nós batíamos os pés com fôrça no chão para aquecê-los. Lena apareceu então, correndo, o semblante iluminado e feliz:
— Vocês estão convidados a vir até ao capitão — anunciou ela, sorridente e triunfante.
— Ao capitão?
E todos nós fomos invadidos por uma expressão solene, conscientes da gravidade da honra que nos era concedida. E corremos para nossas respectivas valises, a fim de preparar condignamente a nossa aparência para tão honrosa recepção.
Eu levantei a gola do casaco, o que me dava um ar esportivo de jogador de futebol americano, tentei desamarrotar um pouco o colête, penteei, cuidadosamente, o cabelo, apesar do vento que assobiava e sacudia a embarcação de um lado para o outro. As meninas também caprichavam na indumentária e logo estávamos todos arrumadinhos de novo, compenetrados e prontos para fazer jus ao convite do capitão. Lena ficara observando um tanto admirada todos os nossos preparativos, mas não fêz um comentário sequer.
— Espero que êle não nos ofereça café — falei para Denise — pois não será possível recusar e o café me tira o sono completamente.
— Por mim, adoro café. Só espero que êle não nos ofereça um cálice de marasquino.
— Será que êle fala francês? — perguntou outra.
E foi com um sentimento de vaidade e confiança indisfarsáveis que nós subimos a escada que levava ao pavimento superior.
No cimo da escada havia uma espécie de barreira, um aviso que, naturalmente, advertia que a entrada era proibida a qualquer pessoa estranha ao serviço.
Atravessamos aquela barreira com o ar superior e distante da «estrêla» que passa pela entrada dos artistas. Estávamos num passadiço estreito, de onde víamos o comandante numa pequena cabine escura como um porão e apenas iluminada por uma lanterna que fazia brilhar, de vez em quando, o compasso com que êle trabalhava.
As pequenas se entreolharam e estancaram o passo.
— Avancemos — comandei, com voz firme.
— Mas não podemos ir adiante! Lembre-se do aviso!
— Pois então que Lena nos explique como devemos passar para o corredor... aqui nós vamos gelar de frio!
Estávamos, na verdade, recebendo o vento no rosto com tôda violência e eu já desejava estar numa cabine bem aquecida e até já preferia ter uma xícara de café na minha frente.
— Então... o que se passa, afinal? — perguntei a Helena, que fôra em busca das novidades.
Helena nos olhou com tôda a seriedade, antes de responder:
— O que se passa é que «isto» é a recepção do comandante. Êle nos convidou concedendo-nos a honra de congelar aqui nesse passadiço. Ainda bem que eu trouxe meu capote! E eu que estava com mêdo de sentir até calor na cabine do comandante!
— O quê!!! E nós ficamos aqui... assim?!?!
— Shhhhh, Michel — disse uma voz severa. — Saiba dar valor à honra que lhe é concedida!
— Quando penso que perdi tanto tempo procurando meu broche de brilhantes que vovó me deu... — suspirou Helena. E, com gesto decidido, guardou o mesmo na bôlsa. Ergui mais a gola do meu capote, que não estava cumprindo bem a sua missão de agasalhar, pois eu batia os dentes de frio.
Quanto ao comandante, bem agasalhado na sua cabine, cumprimentou o nosso grupo com um gesto lento e cerimonioso, enquanto os marinheiros de guarda, andando para lá e para cá, nos lançavam olhares indecifráveis.
Ali eu não poderia bater os pés para me aquecer e resolvi então bater e esfregar as mãos uma na outra.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

● O jovem Michel resolve passar as férias na Iugoslávia e só no dia da partida descobre que viajará com nove moças. O guia é também uma moça e o rapaz passa por peripécias na Casa de Estudantes, onde se hospedam, no «subway», na praia e em tôda parte onde vai com as nove moças. Quando resolvem agregar o grupo a outro grupo de turistas, Michel tem de tomar atitudes, pois os rapazes cercam as pequenas. Vão também a Zaftat, onde visitam a residência-museu de um pintor medíocre, já falecido, que, para desgôsto de Michel, havia estudado em Paris. Na despedida de Peter, Michel resolve acompanhá-lo à estação e, para isso, tem de acordar às três da manhã e caminhar dez quilômetros a pé, o que o deixa muito irritado. Esta irritação o instiga a tomar uma atitude contra o hábito da turma de deixá-lo sempre com o pior em tudo e, assim, êle resolve esquecer que é o único rapaz do grupo e lutar pelos seus direitos. Começa por recusar-se a emprestar sua capa impermeável àquelas que se esqueceram de trazer as suas. No passeio seguinte, feito em dois carros, um novo e confortável e outro velho e sacudido, naturalmente êle sobra para o último, mas na volta reage e vem calmamente instalado, enquanto as pequenas se digladiam à procura de uma solução satisfatória para tôdas. Na escalada de uma montanha, êle ouve, indiferente, as queixas de cansaço das pequenas e fica cada vez mais contente consigo mesmo por estar mantendo a decisão de reagir.

O comandante, então, com uma beatitude verdadeiramente episcopal, dirigiu algumas palavras a Françoise, que trajava um vaporoso vestido estampado, e conservava um sorriso crispado no rosto azul de frio, e esta respondeu com cortesia. O mar, lá em baixo, se precipitava em ondas negras no costado do navio num ruído apavorante, enquanto o vento nos transformava em estátuas de gêlo.
Lena, tôda sorridente, havia entabolado com o comandante uma animada palestra na língua dêles.
Abandonando as convenções que deviam acompanhar aquela recepção do comandante, Nicole resolvera sentar-se no chão, enroscada como um faquir e tremendo de frio. Logo nós resolvemos imitá-la, enquanto Lena e o comandante continuavam palestrando.
O segundo, de vez em quando, nos olhava como se achasse interessante aquêle costume francês de sentar-se no chão durante uma recepção.
— E agora passem o prato dos doces e salgadinhos — gracejou Nicole e desatamos a rir.
O comandante tornou a nos olhar como que anotando aquêle outro hábito francês de rir em côro, enquanto os queixos batiam de frio.
As luzes de Rijeka foram a nossa salvação.
Se não houvessem surgido naquele instante nós seríamos encontrados mais tarde unidos e congelados num só bloco de gêlo, ainda de bôca aberta, num sorriso coletivo e devastador.
E então... lá no cais, dentro da noite gelada, vimos surgir a figura do sempre reaparecido Montenegro. Trajava um terno azul impecável e muito à moda da Escola Diplomática. Minhas meninas, nunca saciadas daquelas aparições inesperadas e sucessivas, atiraram-se para êle àvidamente. Êle estva falando francês cada vez melhor e consegui manter com êle uma palestra de pelo menos dois minutos. Voltamos a ver, cheios de emoção, a Casa de Estudantes que nos acolhera no primeiro dia. E tínhamos, apenas, uma vontade: a de nos deitarmos para dormir, para descansar, pois partiríamos na manhã seguinte, bem cedo, para a França. Eu, por exemplo, já estava de pijama quando Montenegro bateu, tìmidamente, à minha porta.
— Oh! Michel, você já está recolhido! — falou, desolado.
— Sim, já estou... por quê? Vocês pensavam em ir dançar em alguma «boîte», por acaso? — perguntei, gracejando e rindo.
— Não, não era para dançar, mas para jantar...
Arregalei os olhos, espantado.
— J-jantar? Mas nós já jantamos no vapor!
Perguntei a mim mesmo se não estaria sonhando, sentia ainda na bôca o gôsto de «gnoquis» farinhentos, capazes de alimentar um exército.
— Não. Você tem de levantar-se e preparar-se — insistiu êle.
Montenegro parecia muito nervoso e inquieto. Seu francês se tornara tão atrapalhado que eu pensei não ter entendido bem o que êle dizia, mas os seus gestos nervosos não deixavam dúvida, pois êle já me entregava a minha roupa e gesticulava, induzindo-me a vesti-la.
Saí para o corredor com a cabeça tonta e confusa. As pequenas lá estavam agrupadas, tagarelando, de fisionomias preocupadas. Meu coração parou; havia um problema a resolver. Que poderia eu dizer a Montenegro?
— Que se passa, meninas? — perguntei, sempre altivo e enérgico.
Gisèle e Françoise se precipitaram para mim, respondendo:
— É impossível.
— Não, eu não posso.
— Mas, digam ao menos de que se trata.
E, então, elas conseguem me explicar que Montenegro havia encomendado um jantar reconfortante para nos esperar. E êle nem sequer lembrara que nós jantaríamos no vapor! E o jantar lá estava nos esperando e nós teríamos de comê-lo nem que fôsse a fôrça, pois não poderíamos desapontar o pobre rapaz.
— É, eu também gosto imensamento de Montenegro, mas...
— Não, você não pode deixar de ir. Você não pode lhe fazer isso! — gritou Gisèle. — Êle é tão gentil, foi tomar êste trabalho só por nossa causa. Pensem bem, êle tinha mêdo que ficássemos com fome. O bom Montenegro!
— E vocês, por acaso, estão com fome? — perguntei, admirado.
— Eu!!! Tenho a certeza que não aguentarei mais uma garfada sequer. Mas o que não faremos por êle? — respondeu uma delas, erguendo um olhar cândido para os céus.
Nada restava a fazer senão concordar. E nós vagamos pela imensa casa, vazia e quieta àquela hora da noite, até chegarmos a um grande refeitório, onde, sôbre uma mesa comprida, o jantar nos esperava.
Montenegro caminhava conferindo os lugares, enquanto um empregado, com os olhos miúdos de sono, carregava uma enorme terrina. Tudo aquilo tomava, a meus olhos sonolentos, um ar de confraria secreta e escura.

(Cont no próximo número)

Conversa de MULHER

AS ANDARILHAS...



As donas de casa vivem se queixando de cansaço, por caminharem o dia inteiro, de um lado para outro. No entanto, segundo o Instituto de Estudos Sociais dos Estados Unidos, não andam nem a metade do que as pobres enfermeiras que, de um leito a outro percorrem perto de 30 quilômetros por dia, quando estão de serviço. São consideradas as pessoas que mais caminham no exercício de sua profissão. Logo depois delas vêm os garções dos restaurantes, com uma média de 26 quilômetros por dia. As donas de casa ainda estão bem longe, na lista!

TUDO NA HORA

Domingo Delgado, um hábil relojoeiro de Havana, provàvelmente ficou sem jantar mais de uma vez porque a espôsa se esquecera de lhe preparar a comida... A fim de remediar essa situação de «esquecimento perene» de sua cara metade, inventou um relógio que dá ordens: manda-a para a cozinha, avisa que deve dar de mamar à criança, adverte que tem que sair logo para a feira, e outras coisas mais.

Êsse relógio falante, diz na hora exata tudo aquilo que foi antes gravado numa fita eletrônica. Impede que a dona de casa se esqueça de suas obrigações, distraída por coisas como a conversa da vizinha, ou uma novela radiofônica...

QUEM ACORDA PRIMEIRO ?



O inquérito foi realizado em Glascow, na Inglaterra, mas poderia ter sido em qualquer parte do mundo. Foram entrevistados algumas centenas de maridos, e 80% dêles responderam com tôda franqueza que se levantam antes de suas espôsas. Alguns, que afirmavam levantarem-se depois, confessaram que isso era em virtude do fato de trabalharem apenas no segundo expediente.

Houve um, porém, que respondeu categórico: — «E' lógico que minha mulher tem que se levantar antes e preparar meu café! Sustento-a para isso!!!

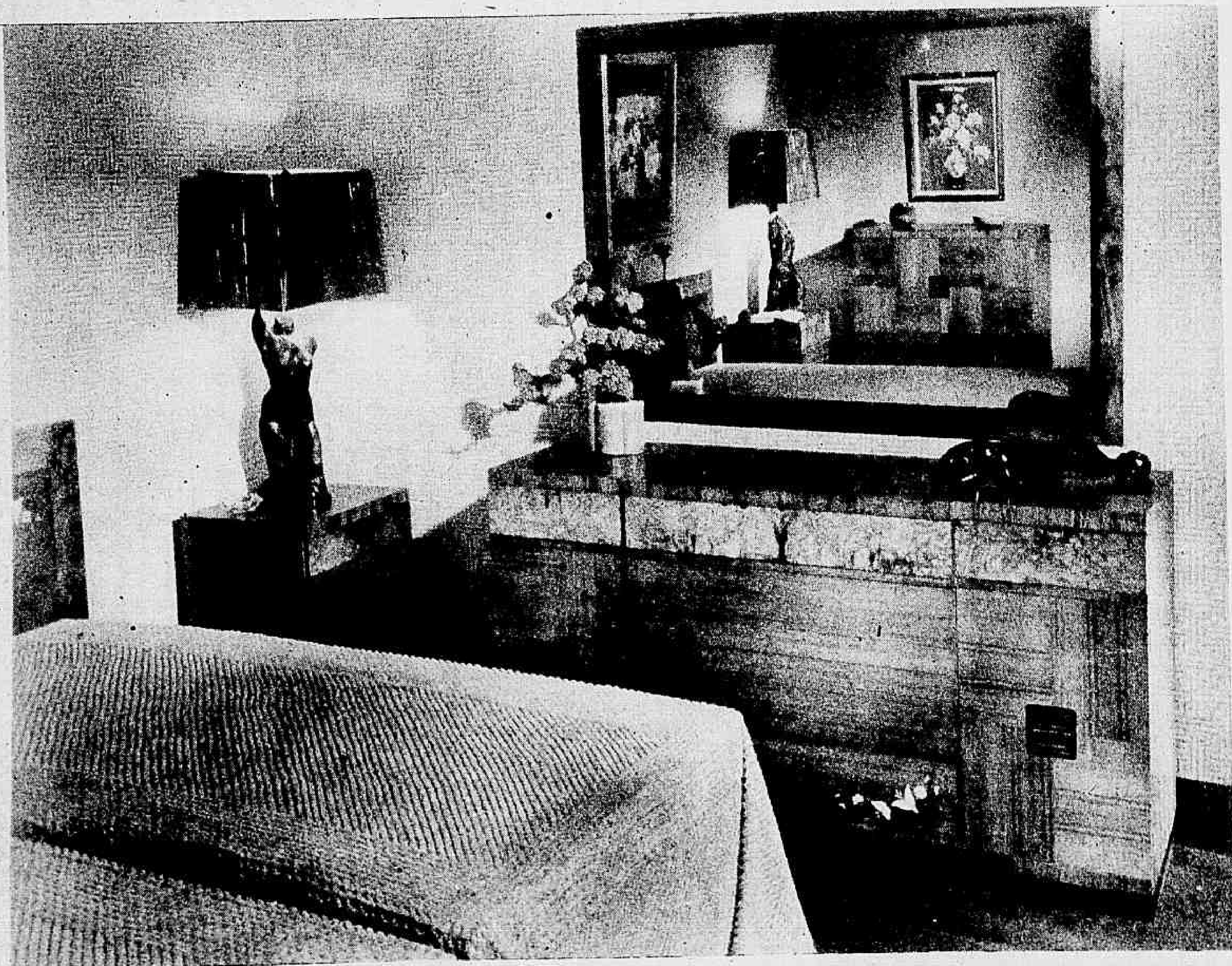
CRECHES NOS TRENS

Em matéria de carinho para com a infância e a maternidade os suecos dão um belo exemplo à humanidade. Noticia-se agora que acabam de instalar creches nos carros das estradas de ferro de longo percurso, de seu país. São instalações completas e perfeitas: berços, salas de banhos para os bebês, aquecedores para mamadeiras, além de fornecerem grátis, talco, sabão, algodão, toalhas de banho. As paredes das creches são revestidas de plásticos laváveis.

Naturalmente que as companhias ferroviárias têm alguma vantagem nisso: aumentou assim, o número de passageiros com crianças de colo, em viagens longas.

LÍGIA JUNQUEIRA

* *



SUGESTÃO PARA O LAR

EM matéria de estilo de mobiliário existe quem goste do moderno, e em ambos os gêneros, aquêles que preferem peças simples, e, outros, móveis com certo requinte de detalhes, que demonstrem uma certa preocupação artística. O dormitório que hoje ilustra esta coluna está na categoria que poderíamos chamar de moderno requintado. Para sua confecção foi escolhida madeira raiada, utilizada em vários sentidos, e raiz de imbuia para as largas faixas superiores. Os painéis trabalhados têm, no centro, como enfeite (que pode ser um monograma ou uma figura estilizada qualquer) um quadro de jacarandá, com trabalho de incrustação. Em marchetaria é também o motivo floral, que, aqui e ali, quebra as linhas demasiadamente retas de todo o conjunto.

..Um tronco desnudo em madeira constitui o pé dos abajures com quebra luz em laca chinêsa. Alguns quadros de flores, de linhas muito singelas, completam a decoração do aposento. Preferiu-se simples colchas de chenilha, numa côr lisa, para cobrir as camas, pois as mesmas não destoam das linhas muito puras do mobiliário

NIKE

UM POUCO DE BELEZA



Cuidado com o nariz

● O nariz desempenha importante papel na beleza de seu rosto. Por outro lado, é o responsável pelo aspecto pouco atraente de certos rostos, quando se apresentam **brilhantes**, cheios de **cravos** ou de **espinhas**. Para êsses casos, um bom tratamento é lavá-los diàriamente com sabão e água bem quente, esfregando com uma escovinha macia. Depois passe sôbre o nariz um chumaço de algodão embebido no seguinte preparado:

80 gramas de água de rosas distilada ★ 15 gramas de glicerina neutra a 30° ★ 10 gramas de cloruro de amônea ★ 10 gramas de hipossulfito de sódio. ★ 10 gramas de tintura de bálsamo de tolu.

Depois de usado sôbre a pele, deixe que seque naturalmente.

——//——

● Agora, vejamos a solução para um outro caso, o **nariz vermelho**, que atormenta e preocupa tantas mulheres. O melhor processo é banhá-los com água quente e fria, alternadamente. Depois aplique o seguinte preparado:

20 gramas de leite de amêndoas ★ 10 gramas de aspirina ★ 5 gramas de essência de ulmária.

Misture bem antes de usar.

★★★★★ Dê férias às unhas ★★★★★

● *Como todo tecido vivo, as unhas necessitam de ar, luz e repouso. Por isso, ao menos uma vez por ano, dê férias às suas unhas, deixando-as um mês inteiro sem esmalte. Nessa ocasião, banhe-as duas vêzes por semana com creme de amêndoas, para fortificá-las. Quando pintá-las, use sòmente verniz de ótima qualidade, que não as danifiquem.*

SAIBA ESCOLHER OS SAPATOS

● **De sapatos bem escolhidos depende a sensação de bem estar ao caminhar e a saúde de seus pés. Eis alguns princípios que deverão orientá-la, quando entrar numa sapataria para comprar aquêle modêlo «que é um amor!»**

Adquira-o exatamente no tamanho de seus pés. Muito grandes ou muito pequenos os sapatos serão sempre incomodos. Não devem comprimir os pés, parc que a circulação do sangue se faça naturalmente.

O salto do sapato deve estar bem adaptado a seu calcanhar, para que êste tenha firmeza e não se mova ao andar.

Use sapatos exóticos, de saltos originais, se quiser, para ocasiões especiais (à noite, festas, etc). Mas nunca para o trabalho diário.

Os sapatos de trabalho, ao contrário, devem ser muito confortáveis e com saltos de altura média.

Atenção às pontas dos sapatos; devem ser bem largas e bastante longas, para que os dedos fiquem esticados e não encolhidos.

JÚLIA DE MILO



Quatro candidatos "acima de partidos"

Querem salvar o Brasil de qualquer maneira

Gentil Falcão: «NÃO RECEBEREI O SUBSÍDIO DE PRESIDENTE DA REPÚBLICA; DOÁ-LO-EI A INSTITUIÇÕES DE CARIDADE» ★ Silo Gonçalves: «CONHECI BEM A PSICOLOGIA DO POVO, VENDENDO CALÇADOS ★ J. J. França Júnior: «TENHO UMA FÓRMULA QUE ACABARÁ COM AS AFLIÇÕES DO POVO» ★ Tharcilla Henriques: «DAREI MAIS AOS POBRES E TIRAREI MAIS DOS RICOS».

Reportagem de CARLOS ALBERTO TENÓRIO

ACONTECEU, apenas, que o general, num acesso de civismo, decidiu salvar a pátria. Redigiu um longo manifesto, projetou um monumento para S. Paulo com 40 utilidades, organizou seu partidozinho (a Legenda do Povo) com os objetivos: cívico, político, beneficente e cooperativista; lançou, ùnicamente, três promessas; e apresentou 18 credenciais — que ninguém as possui tão sólidas nem em tão grande número.

Com o pé no estribo do poder, êle proclama: "Estou convencido de que o BRASIL precisa de um CHEFE da minha têmpera e pulso". "ÀS URNAS, portanto, comigo, pelo Brasil rico e forte!" O general Gentil Falcão (genro de Dantas Barreto) é a mais recente aquisição do grupo independente e alheio à política partidária dos candidatos à presidência da República. Êste ano, aliás, apareceram dois. Juntamente com o general, lançou-se o sr. J. J. França Júnior (jornalista e escritor) que "pretende erigir um novo e original edifício político no Brasil".

Temos, ainda, o sr. Silo Gonçalves, candidato há 30 anos. E a sra. Tharcilla Henriques, candidata há pouco mais.

Mas o general Falcão é o artigo do dia. É homem de 18 credenciais e 3 promessas. Na enumeração de suas identidades repta os concorrentes a apresentarem credenciais como as suas, 11ª e 12ª:

"Tenho 4 ofícios: marceneiro, empalhador, lustrador e encadernador, aprendidos nas horas vagas da Escola Militar. Isto muito me honra, porque, sem sentir desdouro, amo o trabalho com o cérebro e com os braços. (12ª) "Sou datilógrafo e estenógrafo pela Escola Remington do Rio."

É, no esclarecimento de suas modestas promessas o general explica que: 1) Não receberá o subsídio de presidente da República, doando-o às instituições de caridade do país e dará o direito a qualquer cidadão, em qualquer época, a obter, em qualquer Banco, a sua conta corrente. 2) Olhará para o povo brasileiro com sincero amor e carinho, de que êle é bem merecedor. Ouvirá suas queixas em audiências públicas diárias, sem formalidades. Esforçar-se-á para diminuir o elevadíssimo custo de vida, lançando medidas enérgicas e drásticas — dentro das normas constitucionais. Os melhoramentos ficarão para segundo plano. 3) Abandonará o Alto Pôsto, no fim do 2º ano de govêrno, se as medidas enérgicas até então tomadas não estiverem dando resultados, "e se o querido POVO BRASILEIRO não estiver satisfeito. Porém se, ao contrário, o povo estiver alegre e contente, continuarei até ao fim do 5º ano do govêrno, na direção firme do país e terei, até então, religiosamente pago nossas dívidas externas, tendo sido a nossa moeda levada ao par com o dólar, com a libra esterlina, e com o franco suíço, que são as mais fortes do mundo. E, como conseqüência, o BRASIL passará a emprestar dinheiro, ao invés de implorar empréstimos para pagar empréstimos, como se tem feito.

Essa terceira promessa seria o grande ítem do programa de govêrno do candidato Gentil Falcão.

— O que o sr. faria, general, para conseguir semelhante revolução econômica?

— Êste pulo eu não ensino. Senão êles aplicam, agora, e eu fico sem a minha grande arma.

— Mas iria desmoralizar inteiramente o Plano Aranha.

— O Plano Aranha é coisa à-toa, meu filho.

— O sr. teria um ministro da Fazenda à altura para executar com fidelidade o seu plano, general?



GENERAL GENTIL FALCÃO: «Estou convencido de que o BRASIL precisa de um CHEFE da minha têmpera e pulso.» «As urnas, portanto, comigo, pelo Brasil rico e forte!»

Querem salvar...

— Qualquer um servia. Aliás eu próprio poderia ocupá-la. Floriano certa vez reteve três ministérios consigo.

— E o seu ministério general?

— Não o tenho organizado, mas isso é o de menos. Num momento cruciante eu ocuparia o lugar de diversos ministros: Floriano dizia isso.

— Se alguns dos atuais partidos quisessem a aliança da Legenda do Povo?

— Teriam de se submeter ao nosso programa e ao seu candidato.

— E se o Brigadeiro o apoiasse? — Ótimo. E Getúlio? — Ótimo. E Ademar de Barros? — Bem...

— General, o sr. é um homem contra a corrupção?

— Completamente.

— E pela autonomia do Distrito Federal?

— Não posso adiantar essas coisas.

— Mas o sr. não tem uma plataforma política?

— Tenho. E falarei na Esplanada, brevemente, sem microfone, sem óculos (para olhar bem de frente o povo), com o pé no asfalto e fardado.

A biografia do general está incluída em sua recente proclamação ao povo brasileiro. Foi comandante da região militar do Mato Grosso, é natural do Ceará, de cujo Estado já foi vice-governador e deputado, é engenheiro civil e militar e pretende construir diversos monumentos, entre os quais a Tôrre de S. Paulo (com 40 utilidades — piscina, "ring" de patinação, mirante público, "bombonière" no mirante, estação de rádio, bazar de lembranças, estação metereológica para previsão das cheias dos rios, restaurante de luxo, em puro estilo egípcio, hora certa astronômica, indicada por um tiro de canhão às 12 horas, balcão para venda de peixe vivo, trazido de Santos, escola de educação moral e cívica, teatro, televisão etc.) e o Panteon da República, donde, ressalta, estará excluído Rui Barbosa.

O general é até hoje um fanático de Floriano, o Consolidador. E inimigo ferrenho dos civilistas, coisa que existiu há 40 anos. Fala no líder da maioria de seu tempo (Antônio Carlos) como coisa atualíssima. E quer exercer a República que "até hoje não foi aplicada".

"Alimento a certeza — diz êle em certo trecho da proclamação — de que se Deus me tem poupado a vida ante tão numerosos tropeços e perigos de morte de que tenho escapado, é porque Êle me reserva para cumprir uma grande missão no mundo e na minha estremecida PÁTRIA. Serei eu, segundo o vaticínio do adiantado espírito de FLORIANO ("espalmando a mão sôbre a minha cabeça, deu-me um cafuné e vaticinou assim: — Vá estudar para ser um presidente da República") o "messias", ou o "salvador" que o POVO BRASILEIRO, sofredor tanto almeja? DEUS o dirá..."

E finaliza num apêlo melodramático:

"QUERIDO POVO BRASILEIRO acredita nas minhas 3 promessas, e, se eu falhar: MATA-ME...



Tharcilla Henriques

● A primeira mulher que aspira pùblicamente, no Brasil, à presidência da República, é a sra. Tharcilla Henriques, cinqüentenária e planfetária. O hábito (antigo) da sra. em questão é distribuir prospectos religiosos e políticos nas ruas e bondes desde 1930 (data conhecida). Ela, porém, declara que se movimenta no caldeirão político desde 1922, com reivindicações socialistas, considerando-se a primeira pessoa que agitou os problemas do socialismo no país. Sua luta foi principalmente anti-clerical.

Não incluirá, entretanto, em sua plataforma o problema. Seu programa de govêrno é conciso, esclarecendo que o desenvolverá, à medida que suas possibilidades eleitorais melhorarem: «Assistência sistemática ao povo; incentivo à lavoura, à indústria e ao comércio; redução de impostos; não fazer empréstimos, trabalhar apenas com o produto nativo; regime socialista, mas não anti-capitalista; «Dar mais aos pobres e tirar mais dos ricos». Dona Tharcilla é escritora de 11 livros e 40 mil exemplares (diz que todos já esgotados) e algumas de suas obras, são: «Sacudidela Social e Religiosa», «Ao Brasil Panteísta», «Almas da rua num Destino de Mulher», «O Vaticano e o Casaménto do Clero» e outras semelhantes. «Sou uma mulher de talento incomum, por isso me candidato».

A sra. Tharcilla Henriques é divorcista e luta pela pena de morte, preferindo, contudo, que o condenado morra por injeção de veneno. «De qualquer modo — afirma — meu nome vai ficar na história. Fui eu quem terminou com a revolução de 32, lançando panfletos de um avião, para as mulheres paulistas. Nesses prospectos eu colocava o problema no seguinte ponto: «Ou a paz imediata ou a guerra total».





Silo Gonçalves

● Há 30 anos que o sr. Silo Gonçalves vem firmando um ponto de vista: que ninguém espia ou aceita: «O meu nome pode ser a solução». De início intransigente ao apoio partidário ou criação de uma legenda, desde 1950 relaxou (pouca coisa) o princípio filosófico de manter-se candidato independente. Aceitaria a coligação UDN-PSD-PR em tôrno de seu nome. O candidato Silo Gonçalves só teme a três pessoas: Aranha, José Américo e Otávio Mangabeira, porque têm raízes populares. E apresenta as seguintes credenciais que tornam sua candidatura a ideal: É menor de 60 anos, (nasceu em 5 de junho de 1898); experiência de eleições (candidato desde 1924); honesto, porque econômicamente independente: tem prestígio no Estado Maior do Exército (como ex-aluno do Colégio Militar) e não é contrário à LEC (pois já aderiu ao catoliçismo); aprendeu a conhecer muito bem a psicologia do povo vendendo calçados. Ingressou na política (1923) na condição de ministro de uma Igreja Metodista de Vila Isabel. Com um dos direitos assegurados pela Constituição da República é o de requerente, requereu o registro de candidato e há 30 anos vem repetindo o gesto. Em 1929 foi queixar-se ao presidente Washington Luís das injustiças que sofria. «O presidente — diz êle — limitou-se a rir e chamou um oficial de gabinete para me atender». Já estêve prêso (ao tempo de Getúlio) durante seis dias.

Ainda em 45 quis alugar o estádio do Vasco, disposto a gastar 100 mil cruzeiros, mas o delegado de Ordem Política proibiu a concentração. Silo Gonçalves esclarece que é escritor. Possui duas obras: biografia de Rui Barbosa e um romance. É um candidato sempre à disposição de partidos.

J. J. França Júnior

● O sr. J. J. França Júnior pretende «erigir um novo e original edifício político no Brasil». Autor da Marcha Nacionalista Radical Brasileira, fundou o Partido Nacionalista Radical. Afirma uma circular do nôvo partido que o sr. J. J. é um «espírito combativo, idealista, fervoroso, lutador incansável ao lado do proletariado». Imaginou «os fundamentos de uma nova escola filosófica capaz de revolucionar os destinos da humanidade desde a criação do homem». A notícia do partido informa ainda que o sr. J. J. traçou as normas do partido, dentro de um organismo político moderno que lembra o «New Deal», fundado nos EE. UU., por Roosevelt. E a sua plataforma esclarece que Nacionalismo Radical é a sua mística partidária, num «movimento de vibrações patrióticas que traduza admiração, orgulho e respeito por tudo que é nosso, como se uma fôrça intangível impelisse a nação aos destinos mais elevados que se possa sonhar no porvir». Clamam por uma «schematização» nos problemas do país, uma fórmula digna para acabar de vez com as aflições do povo. O amor pela estatística do sr. França Júnio é de tal ordem que êle a denominou de «Leme do Estado Moderno». Estado êsse a que chamam de Novo Estado Nacionalista Radical Brasileiro. O problema agropecuário será o da produção dirigida. E êles vão fundar escolas em tôdas as partes e promoverão uma Saúde Pública de fato! Concorrerão para o bem estar geral e, finalmente, descentralizarão da administração pública, os Estados, alterando a divisão territorial do país, dividindo o Brasil em 30 partes iguais. O sr. J. J. esclarece que aceitando a suprema magistratura do país, por insistentes pedidos de amigos seus, avisa que é candidato dos que sofrem.



● Esta é a famosa «Vênus de Bronze» americana que, entre outras qualidades, vaidosamente exibidas na área de seu corpo (6 pés e 2 polegadas), é também exímia dançarina. Há pouco ela saiu de Nova York e pousou em Londres, para atuar no Stork Room. Na foto, vemos também sua filhinha Deadri, de 8 anos de idade, que, certamente, pretende seguir os passos da mamãe.

Por êsse mundo de Deus

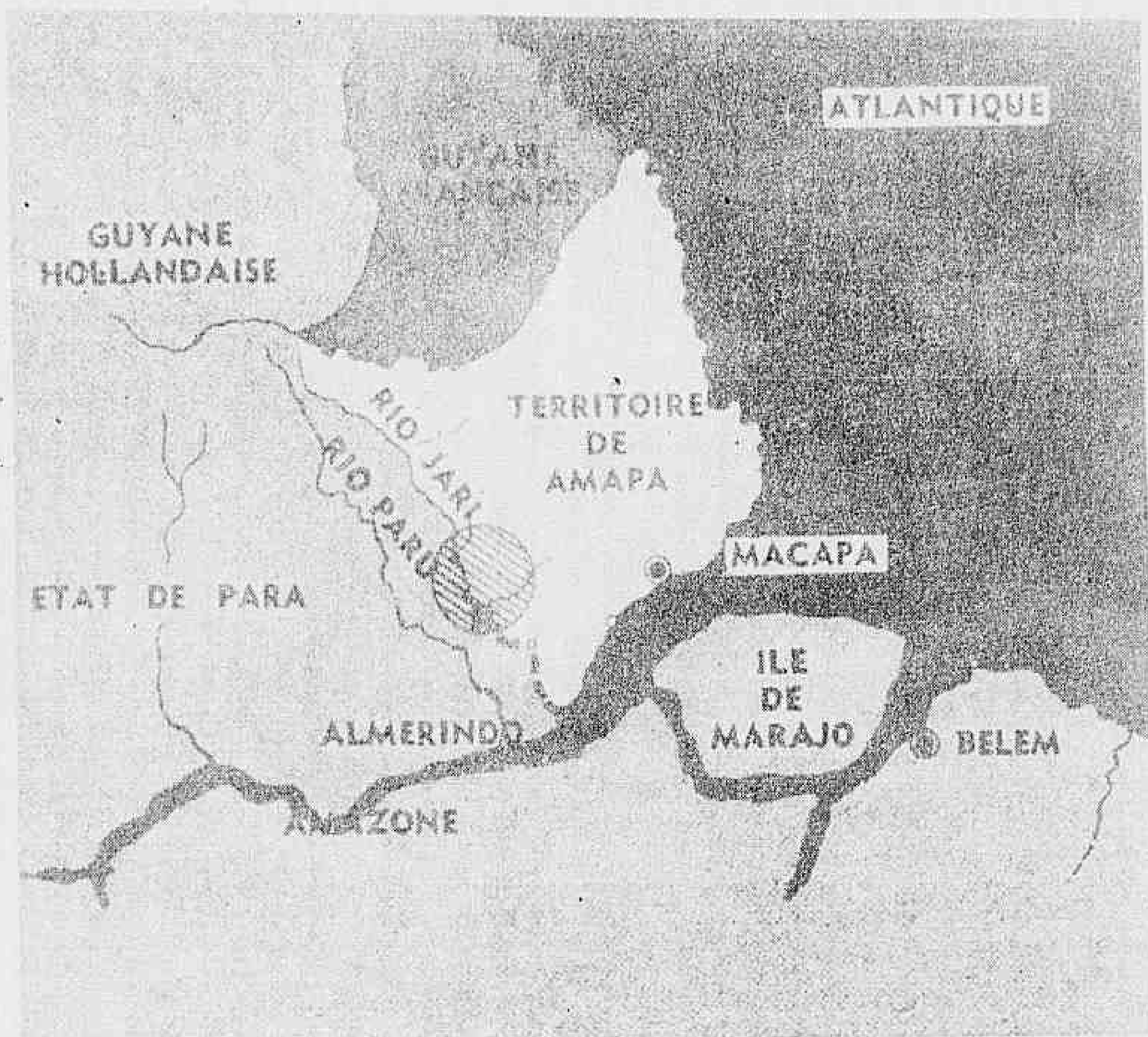
● ZSA ZSA GABOR ANUNCIA, finalmente, com certo orgulho, que agora, sim, ela já pode se casar com o ultra-famoso Porfírio Rubirosa (ela o chama de «Rubi»). Coisa que só não aconteceu há um ano atrás porque ela estava casada com George Sanders. E o pirata do «Rubi» acabou casando com a milionária Barbara Hutton. «Mas eu sabia que não dava certo» — declara agora Zsa Zsa. E crescenta: «Eu sabia que «Rubi» ainda haveria de me procurar». E foi batata. Zsa Zsa chegou a Paris, completamente desembaraçada de compromissos conjugais e Porfírio seguiu-a em seu avião particular, ambos procedentes da América. Agora Zsa Zsa realizará seu quarto casamento, e «Rubi» o quinto. Ambos admitem que êste será um amor eterno e duradouro. Bem, convenhamos que o que não lhes falta é bastante experiência para afirmarem semelhante coisa...



● O NOVO GOLPE DE NASSER — O tenente-coronel Abdel Nasser, homem que a artista Martine Carol definiu como «irresistível» (e ela só o conhece de fotografia...), é agora o dono absoluto do Egito. Na semana passada êle aplicou um segundo golpe no general Naguib, destituindo-o da presidência do Conselho Revolucionário, funções que foram para as mãos, já poderosíssimas, do coronel de 35 anos. Ei-lo, na foto, num riso vitorioso, após o golpe que lhe deu poderes quase iguais aos dos antigos faraós.



O BRASIL fora da barra





«PRIMEIROS DOCUMENTOS DA NOVA CORRIDA DO OURO NO BRASIL»

● Sob êste título esperançoso e otimista um semanário francês apresenta uma reportagem historiando novo aparecimento de ouro por cá, acompanhado, como soe acontecer, por grande emoção e corrida em busca do precioso metal. Refere-se ainda a garimpeiros e seringueiros que abandonam suas atividades anteriores, entregando-se a esta nova aventura. Enfim, para os leitores que se interessarem pelo assunto aqui vai o mapa da mina e uma fotografia que tão bem estampa os riscos que terão que correr e a selvageria a enfrentar.

CONSTRUÇÃO DE AUTOMÓVEIS

● Na seção de telegramas do «Paris-Match», lemos a seguinte notícia do Rio de Janeiro: «Peugeot e Simca vão criar uma filial comum no Brasil, com o concurso de firmas locais e constituirão os modelos mais recentes das duas marcas: «203» e «Aronde». ● LUTO — Cheganos agora uma revista italiana — OGGI — noticiando a morte de Cristiano Machado e dando algumas referências a seu respeito.

A GUERRA DE VÊNUS

● Recentemente, uma revista francesa, numa reportagem intitulada: «A Vênus preside a guerra dos milionários», apresenta em côres algumas das obras mais célebres do Museu de Arte de S. Paulo, «o mais jovem do mundo», segundo sua própria expressão. Refere-se ainda aos fundadores e doadores do museu, insinuando uma certa rivalidade entre êles, no afã de melhor se colocar como o Mecenas nacional. Entre as obras expostas no Museu, teve mais destaque, por parte dos franceses, a pintura de Renoir. Mas também a escultura ao mesmo autor recebeu menção e fotografia, como vemos, ao lado.





Joseph Mc Carthy é filho de irlandês, foi estudante pobre, formou-se em Direito, foi juiz e pilotou um bombardeiro da Marinha na última guerra.

Mc Carthy na Defe

"DESDE o instante em que você começa a defender-se, você está perdido". A frase é do próprio Mc Carthy, não do senador, mas do estudante Joseph Mc Carthy, aluno da Universidade de Marquette e violento pugilista do seu "ginasium". Sôbre a verdade dêsse conceito, Mc Carthy não tem agora nenhuma dúvida. Durante mais de cinco anos, na função de Inquisidor-mor dos Estados Unidos, êle estêve sempre na ofensiva, atacando, ferindo, pondo o inimigo fora de campo. O império de histeria e terror que, novo Torquemada, êle impôs ao país inteiro e jogou além de suas fronteiras, parecia, como o império napoleônico, invencível e eterno. Mc Carthy, sanguíneo irlandês de quarenta e cinco anos, ia aos poucos ganhando os contornos da mais importante personalidade pública dos Estados Unidos e foi êle mesmo quem confessou, após uma de suas explosivas denúncias no comitê que preside, no Senado, que o seu objetivo era a Casa Branca.

O SANTO OFÍCIO VIGIA ATÉ A BÍBLIA

Mas o império não era tão forte como se pensava, e muito menos invencível. "Desde o instante em que você começa a defender-se, você está perdido". Ora, há mais de um mês que Joseph Mc Carthy passou da ofensiva à defensiva; já não distribui "jabs", apara-os. A acreditar, portanto, nas suas palavras, êle está perdido, em vias de beijar a lona.

Essa queda, que comentaristas internacionais de prestígio consideram inevitável e próxima, verifica-se após cinco ou seis anos de uma ação política como nunca registrou a história norte-americana, mesmo incluindo os puritanos e intolerantes dias dos "quakers" ou da luta contra os inglêses. O que Mc Carthy fêz, na sua tática furibunda e raivosa, foi simplesmente reviver a estrutura e o procedimento do Santo Ofício: — substituiu-lhe, apenas, os métodos e os instrumentos de tortura e execução, trocando o ferro em brasa pela coação e a "caldeirinha" por um terrível cêrco de espionagem em tôrno da pessoa visada.

Durante êsses cinco anos, nada escapou à inquisição macarthiana, e poucas figuras do cenário político internacional, mesmo as que pareciam menos suspeitas, escaparam ao rótulo de "comunistas" que o jovem senador do Winsconsin aplicou-lhes às costas, como um labéu infamante. Lá mesmo nos Estados Unidos personalidades como Truman, Einstein, Acheson, Stevenson, Stussen, Marshall e tantos outros mais, artistas de cinema como José Ferrer, escritores de renome como Darshell Hammet, o autor do popularíssimo "Falcão Maltês" — em suma, políticos, intelectuais, industriais — todos tiveram um dia batendo à sua porta a intimação do Santo Ofício de Mc Carthy. Para êle, os Estados Unidos de hoje são uma nação despreocupada e, por isso mesmo, minada de comunistas e espiões a serviço de potências estrangeiras — não apenas a Rússia, o inimigo específico, mas também a Inglaterra, o inimigo em potencial. Na luta contra tais inimigos, verdadeiros ou supostos, Mc Carthy é

O Exército (dos Estados Unidos) declara guerra ao "Torquemada do Winsconsin"

O «CASO SCHINE», ESQUISITO E REVELADOR, MOSTRA AO POVO NORTE-AMERICANO OS REAIS MOTIVOS DOS ATAQUES DE JOSEPH MC CARTHY ÀS FÔRÇAS ARMADAS ★ E ROY COHN, O BRAÇO DIREITO DO INQUISIDOR-MOR, ACABA DE SER APONTADO COMO AUTOR DE UMA REVOLTANTE CHANTAGEM. (Fotos United Press e APLA)

Sua estrêla começa a empalidecer.

nsiva

feroz. É tal a intransigência com que êsse ponto de vista é defendido por Mc Carthy e os seus aliados, que se conta a história daquele seu auxiliar que lhe propusera uma revisão na própria Bíblia, que estaria, tôda ela, eivada de conceitos e lições coincidentes com as teorias de Lenine e Stalin...

A BOFETADA NO EXÉRCITO

Pessoalmente, o irlandês do Winsconsin é um homem de estatura acima da média; ombros fortes, punhos de *boxeur* — os temíveis punhos que, na Universidade de Marquette, faziam-no respeitado por qualquer adversário menos seguro. Os que o conhecem, retratam-no, quando fora de suas atividades políticas, como homem bem-humorado, que, numa viagem de avião ou de trem, gosta de abordar o vizinho desconhecido e com êle entreter-se numa



«O caso Schine é uma das mais vergonhosas chantagens que a história americana registra.», gritam os inimigos de Mc Carthy. E Joe, pegado de surprêsa, não conseguiu explicar-se satisfatòriamente.

Mc Carthy

conversa amável e cheia de fortes gargalhadas. No campo de luta, no entanto, Mc Carthy transfigura-se; lá está êle, na presidência do seu até ontem temível Comité do Senado, o olhar duro, o queixo forte ainda mais blindado, o ódio dando à voz um tom cortante de lâmina bem amolada. Quando êle tem uma testemunha ou um depoente pela frente, não enxerga mais naquele uma pessoa humana cujos direitos e dignidade é preciso respeitar. Mc Carthy atira-se contra o infeliz sem respeitar posição, autoridade ou importância: criva-o de perguntas as mais humilhantes, cobre-o, se preciso, das mais ferinas objurgatórias. É a sua tática de "boxeur"-amador: atacar o adversário com golpes furiosos e repetidos, até vê-lo desnorteado e vencido.

Foi essa tática que, há poucas semanas atrás, êle aplicou na sua luta contra o Exército, representado na pessoa do general Ralph W. Zwicker. Zwicker é várias vêzes herói da última guerra e foi comandante de uma das primeiras divisões que pisaram o solo da Normandia. Mc Carthy e o seu auxiliar imediato, nas investigações do Comité, Roy Cohn, acusavam-no de inteligência com os comunistas e de permitir que os mesmos tivessem acesso a postos importantes, na seção do Pentágono sob sua direção. Convocando o general Zwicker ao Senado, Mc Carthy dirigiu contra êle uma de suas mais intolerantes inquirições, que o general ia respondendo com voz pausada e firme. Mas uma das perguntas não poderia ser respondida, porque não era pergunta — era um insulto. Zwicker cala-se. Mc Carthy insiste. Zwicker mantem-se mudo. Então, num dos seus incontroláveis rompantes, "o Torquemada do Winsconsin" (é assim que o chamam os democratas americanos), o rosto rubro de cólera, põe-se a cobrir o general de todos os insultos, acabando por gritar-lhe ser êle "indigno da farda que estava vestindo".

"O EXÉRCITO CAPITULOU"

O Exército inteiro sente na face a brutal bofetada do "boxeur" de Marquette. Ninguém, no Pentágono, duvida da lealdade absoluta do general Zwicker; e todos respeitam profundamente o seu passado, tão

OS CINCO "COMUNISTAS" DE MC CARTHY



Einstein: provocado, o sábio retrucou: «Sempre fui contra os queimadores de livros».



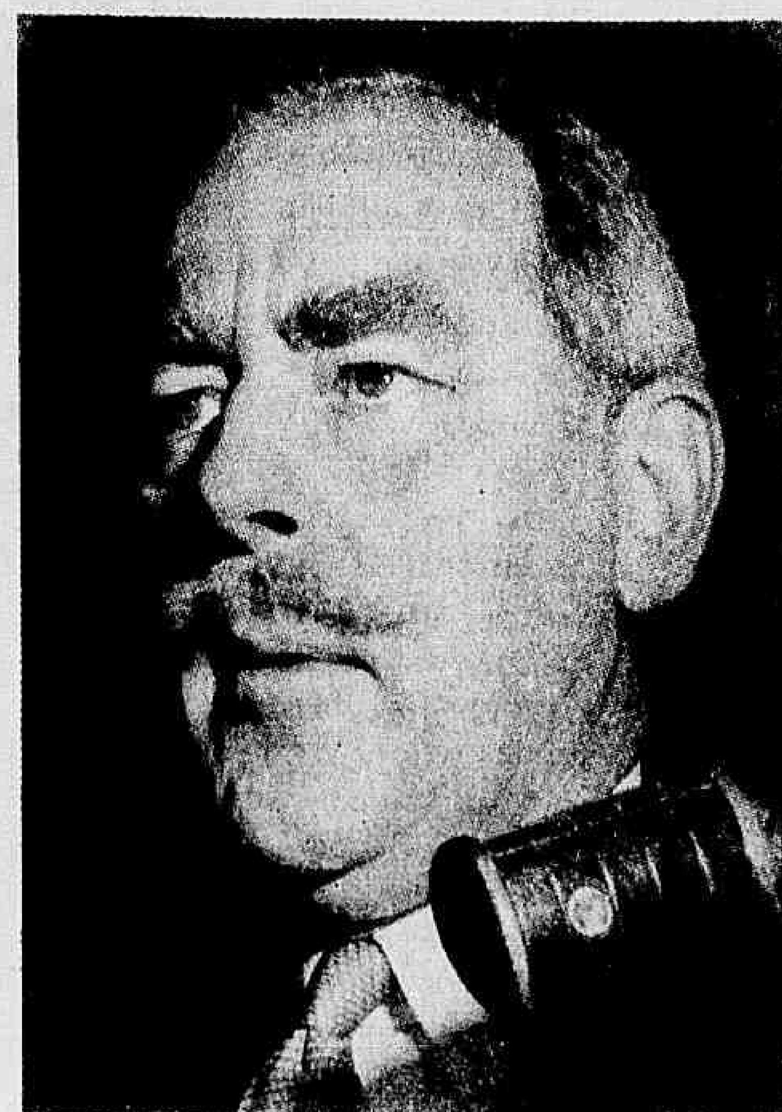
Truman: Mc Carthy acusa-o de ter capitulado diante da Rússia.



Clement Attlee: o senador possui uma fotografia dêle fazendo a saudação comunista...



Marshall: «Yalta foi um outro Munique, e por culpa de Marshall».



Acheson: «Êle infestou de comunistas o Departamento de Estado».

recente, marcado pela bravura e pelo heróico cumprimento do dever. A agressão de Mc Carthy ao herói da Normandia representava, portanto, uma agressão ao que o Exército tinha de melhor, de mais nobre e de mais legìtimamente patriótico. A bofetada não podia ficar sem resposta.

Foi uma semana febricitante. Cumprindo uma delegação dos seus colegas de grau, o general Matthew Ridgway, de nome internacional, procurou o secretário Stevens, solicitando-lhe interviesse no sentido de pôr um paradeiro à tentativa, por parte de Mc Carthy, de desmoralizar as fôrças armadas. Mas Stevens, poderoso industrial que Eisenhower pôs à frente da pasta da Guerra, é um tímido: o encontro que teve no dia seguinte com Mc Carthy foi mais uma cilada do que um encontro. O senador



Joe Mc Carthy casou-se no ano passado com a sua bela secretária. A foto foi tirada no dia do enlace.



Joe Mc Carthy tem agora 43 anos. Seu sonho: chegar à Casa Branca.



Mc Carthy preside o seu famoso comitê, no Senado. E' da famosa pasta de couro que êle retira os autos do seu Santo Ofício.

recebeu-o num almôço supostamente "secreto", que acabou sendo "descoberto" pela legião de jornalistas que, entre espantados e atônitos, surpreenderam os dois, o agressor e o agredido, permutando sorrisos e apertos de mão. Contrafeito, Stevens procura esquivar-se. Mas é tarde. Mc Carthy já transformou o encontro num comício seu. Fala aos microfones, declara que tudo está bem entre êle e "Bob" (é assim que chama a Robert Stevens), mas não se refere, de forma alguma, a qualquer atitude sua prometendo ser mais respeitoso para com os generais que convocar ao seu Comitê...

Só no dia seguinte é que o secretário Stevens se dá conta do péssimo papel que representou. Os principais jornais do país gritam em manchetes que "o Exército capitulou". Não são manifestações, estas, de alegria, mas de amargor — a maioria dos editoriais lamenta que os heróis da última guerra tenham baixado a cabeça, humilhados, diante do senador furibundo.

A DEFENSIVA É O COMEÇO DA DERROTA

Não havia a menor dúvida: Mc Carthy fôra além do què devia. Sentia-se isso, logo no dia seguinte, lendo-se os jornais mais importantes do país, mesmo aquêles, como os pertencentes à cadeia do reacionaríssimo coronel Mc Cormick. Todos êles referiam-se em unissono, à impertinência de Mc Carthy e à condenável submissão do Exército. Essa reviravolta da opinião pública, com a qual Mc Carthy não contava, acabou por decidir o até então cuidadoso secretário Stevens. E o Exército passou ao ataque.

O Exército tinha uma arma contra o senador: o "caso Schine". G. David Schine, rapaz rico e convocado para o exército, é um amigo íntimo (íntimo demais, sussurram as más línguas) de Roy Cohn, um jovem de vinte-e-um anos de idade que é, pode-se dizer, o braço direito de Mc Carthy, e do qual se afirma ser mais intolerante do que o senador. Quando o soldado Schine foi transferido de Washington para uma guarnição no interior do país, Roy Cohn interveio no sentido de sustar o ato de transferência — mas debalde. O próprio Mc Carthy procurou revogar a medida, mas também foi inútil. Declara agora o secretário Stevens, no seu





No instantâneo acima, Joe Mc Carthy ao lado de Frank P. Carr, antigo dirigente do FBI e hoje um dos principais assessores do senador pelo Estado do Winsconsin.

O soldado Schine, «protegido» de Roy Cohn, o braço direito de Mc Carthy, «pivot» de um escândalo que está sacudindo os Estados Unidos de norte a sul.

contra-ataque, que "por cêrca de 32 vêzes o senador e o seu auxiliar imediato tentaram trazer o soldado Schine de volta a Washington". Para isso, usaram de tudo: intimidação, ameaças, tendo o próprio Roy Cohn declarado, após uma de suas frustradas tentativas, que iria "levar o Exército ao seu pior dia". E cumpriu. A carga de Mc Carthy contra o Pentágono foi imediata e brutal: generais convocados e inquiridos, no Senado, como criminosos comuns; acusações as mais severas; denúncias as mais espantosas. Nada, é verdade, vinha amparado por provas concludentes ou mesmo remotas. Mas bastavam o caráter das acusações e o fato de elas partirem de um senador norte-americano para afetar profundamente o prestígio do Exército.

Prova, agora, o secretário Stevens que tôda a campanha de Mc Carthy fôra apenas movida por um mesquinho espírito de vingança: Mc Carthy e, principalmente, Roy Cohn, vingavam-se do camarada David Schine, convocado para o serviço militar e mandado para longe da vida cômoda e confortável de Washington e New York. Essa revelação indignou todos os Estados Unidos. O contra-ataque de Stevens pegou Mc Carthy quase desprevenido. E já na semana passada o senador passou à defensiva: e, como êle mesmo ensinava nos seus tempos de pugilista-amador, "quando você começa a se defender é porque já está liquidado".

Ao mesmo tempo, emocionados com as revelações do "caso Schine", as fôrças que





Roy Cohn, de apenas 23 anos de idade, é o braço direito de Mc Carthy e ainda mais intolerante do que êle. A sua posição no «caso Schine» é muito delicada.



General Zwicker: Mc Carthy instalou-o, o Exército inteiro reagiu.



O Secretário Stevens, da pasta da Guerra, caiu na cilada de Mc Carthy.

direta ou indiretamente apoiavam Mc Carthy vão dêle se livrando: a NBC e CBS negaram-lhe seus microfones; e a sua última arenga não pôde ser televisada. Paralelamente, uma poderosa organização capitalista, como o é a "Aluminium Company of America", subvenciona o programa com que Edward G. Murrow, o mais intransigente dos antimacarthistas, diàriamente ataca o senador e denuncia a "sua tática de lançar a anarquia no país através a histeria e o terror inquisitorial". Nos grandes jornais, colunistas de fama internacional aderem à ofensiva contra Joseph Mc Carthy Walter Lipmann (53 milhões de leitores diários) diz dêle: "O fato de Mc Carthy denunciar a todos que dêle discordam não constitui prova de ser êle mais «norte-americano, mais leal e mais patriota que qualquer outro cidadão". E Dorothy Thompson escreve: "O próprio Hitler levou mais tempo para fazer tanto mal à estabilidade e à ética do seu país do que Mc Carthy para fazer ao seu".

Diante de tantos e tão poderosos ataques, desfechados de todos os lados, Mc Carthy vacila e estremece. É verdade que a demissão de Oppenheimer, coincidindo quase com a declaração do senador de que a manufatura da bomba de hidrogênio fôra deliberadamente atrasada de seis meses, vem lhe dar um certo alento. Mas será alento temporário. Mac Carthy colheu mais vento do que devia; em consequência há agora, sôbre a sua cabeça, mais tempestades do que êle esperava.



Stevens: Mc Carthy tentou uma chantagem ignóbil. Vacilante a princípio, Bob Stevens reagiu, apoiado por todos os demais generais.

Champanhota

PETER

O sr. Jorge Dória deu uma recepção em sua casa que foi realmente uma perfeição. A ela compareceu, entre muitas outras figuras da nova geração de sociedade, a srta. Sílvia Bouças. Mas, podemos informar com segurança que é completamente sem fundamento a notícia que corre de namôro dos dois.

● **RECEBERAM**

Dia 24, o sr. e sra. Jorge Guinle receberam para um jantar. «Black tie». Como sempre, tudo perfeito e a sra. Dolores Guinle uma beleza.

● **CONVERSA DE FINANÇAS**

O sr. Osvaldo Aranha conferenciou longamente com o seu colega de profissão, sr. Ludwig Erhard, que é o grande responsável pelo rápido soerguimento da economia alemã. O sr. Erhard mostrou aos nossos ministros a dificuldade de um acôrdo muito rígido entre os dois países, provocada pela liberdade que goza o comércio de sua pátria, onde o govêrno interfere muito pouco nas atividades particulares. Assim mesmo, podemos garantir que os embaixadores alemães fizeram uma boa recepção em homenagem ao sr. e sra. Ludwig Erhard.

● **DE NOVA IORQUE**

O senhor Jacques Chaquenau e espôsa (uma bela mulher) virão ao Rio de Janeiro, em junho. Trata-se de pessoas do «Café Society» de New York, apontadas pelos cronistas sociais de todo o mundo, onde quer que estejam. Estão sendo aguardados com grande impaciência.

● **OURO PRÊTO**

A convite do governador Juscelino Kubitschek (deve ter algum s de menos ou algum K a mais) foram a Ouro Prêto o sr. presidente da República, políticos, pessoas do «café society», jornalistas, enfim, grande e misturada caravana. Assim, teremos algum poeta fazendo versos dentro do esquema Etelvino ou algum cronista político tecendo considerações sôbre a importância do decote feminino na tela (não panorâmica, mas tridimensional) da política brasileira. Mas, é certíssimo que foi muito divertido.

● **A FEIJOADA DE FERNANDINHO**

No sábado de Aleluia o sr. Fernando de Melo ofereceu uma feijoada (12 pessoas) à qual compareceu tôda a representação da nova geração, com pouquíssimas ausências. Tudo perfeito, tutu com feijão, banana cozida, linguiça mineira etc. Presentes as srtas. Teresinha Simões Soares, Beatriz Galhambeque, Carmen Sallem, Sônia Gonçalves e um acidentado que não conseguimos saber o nome. Parece que foi tombo em casca de banana.

● **FÊZ ANOS**

A sra. Otacílio Gualberto de Oliveira comemorou seu aniversário num jantar no Country Club que lhe foi oferecido por amigos. Grande estilo com champanhota e tudo, muita gente e muita animação.

● **COUNTRY CLUB FICA AVÔ**

A grande alegria de ser reeleito presidente do Country Club, o senhor Vicente Galliez juntou a satisfação de ser avô. «River-side» tem seu herdeiro com a obrigação de continuar as tradições de bem receber da família.

● **NA CAPELA DA REITORIA**

Vale a pena dar-se uma espiada à Capela da Reitoria da Universidade do Brasil, principalmente, quando nela se realiza um casamento como foi o convidado pelos srs. João de Alcântara e senhora e sr. Mitchel Smith e senhora que convidaram para o enlace de seus filhos Maria de Lourdes e Pedro Paulo. Logo após o casamento, o ex-noivo embarcará para Londres, onde irá fazer um curso de especialização em aviões «Comet».

Foto Rio-Magazine



Sras. Teresa Melo Bueno, Candinha Coelho, Gilda Landin Assunção.



Último Flash

A QUEDA DE OPPENHEIMER

● O ato do govêrno norte-americano que afastou o cientista J. Robert Oppenheimer de tôdas as funções que exercia junto aos trabalhos nucleares, é dêsses que caracterizam perfeitamente a atmosfera de insegurança e desconfiança em que vive o mundo dos nossos dias. Há mais de 10 anos, Oppenheimer vinha se mantendo como uma das personagens mais importantes da Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos. Foi êle um dos principais realizadores da primeima bomba atômica; e sem a sua ciência, a bomba de Hidrogênio não teria explodido no Pacífico. A sua demissão, como simpatizante das idéias comunistas, teve uma repercussão imediata; enquanto o govêrno americano mantém seu ato e suas acusações, cientistas do país e do mundo inteiro, incluindo-se até o professor Einstein, correm a defender J. Robert Oppenheimer e a enaltecer as suas qualidades de sábio e de patriota sempre leal ao seu país. Na foto (da U.P.), Oppenheimer no seu último flagrante, tirado no mesmo dia em que o mundo tomou conhecimento de sua suspensão.

O DIFÍCIL NOS MUSICAIS DA METRO É ENCAIXAR A HISTÓRIA

O HOMEM QUE VIVIA NA VÉSPERA

(Conto que devia ter sido publicado no número anterior)



Chamava-se Ricardo. Nunca vivia o dia de hoje. mas passava o tempo todo contando as proezas de ontem.

Raramente era visto na rua. Sempre alguém chegava e dizia:

«Vi o Ricardinho ontem».

Não tinha amôres, não saía com pequenas; vivia das recordações do passado.

Sempre que decidia fazer alguma coisa hoje, só confirmava no dia seguinte.

Há mais de 30 anos que comemorava seus aniversários com um dia de antecedência.

Vivia apressado, sempre dizendo que o dia de hoje era rápido demais, e que em 24 horas exatamente passava a ser considerado ontem.

Era piloto de avião a jato.

Hoje recebi uma carta comunicando-me o seu falecimento num desastre. E até na morte êle escolheu a véspera para acabar com a vida.

Morreu ontem.

Tic-tac

(Piadas à minuta)

O cinema brasileiro nunca pára. Todos vivem procurando emprêgo.

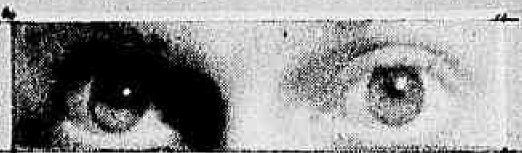
●

Estava com tanta fome que almoçou a cedilha.

●

Chegou na Central pouco depois da hora mas ainda conseguiu pegar o trem de ontem.

PONTOS DE VISTA



***GAVETA** é êsse lugar onde guardamos todos os nossos papéis, menos o que procuramos.*

●

***ISQUEIRO** é um acendedor metido a besta que faz o doce para acender.*

●

***SUÉTER** é essa pecinha de lã que as mulheres usam para fazer os homens suar.*

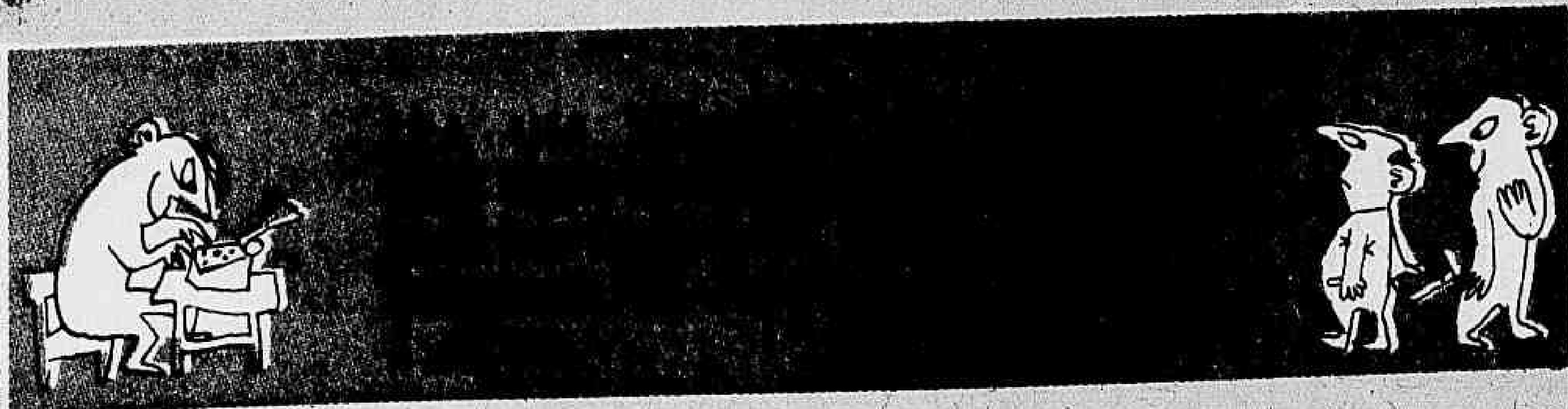


— E fique sabendo que v. não é nada mais que um borrão na minha vida!

NÃO COMPREENDO...
...porque em todo lugar que estacionamos o carro o olheiro só aparece na hora da gente sair.



Ilustrado por PIQUÍ





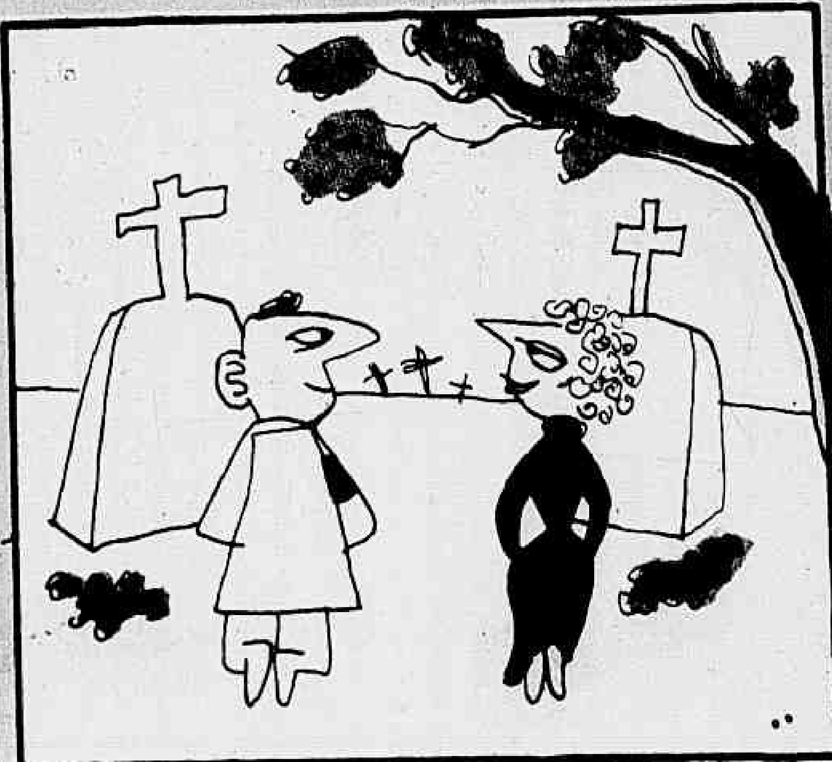
O DON JUAN — Estou completamente desiludido. Para mim a vida terminou ontem. Briguei com a namorada.

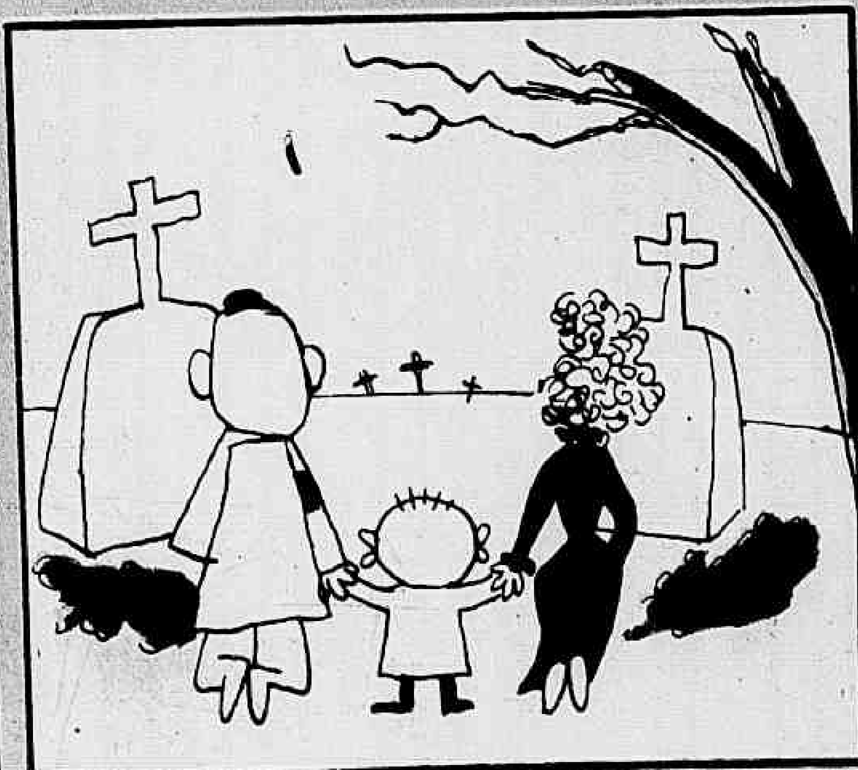
O OUTRO — Deixe de ser bôbo, há tantas pequenas por aí...

O DON JUAN — Eu sei, mas é que as outras tôdas eu já peguei.

CONHECERAM-SE NA MONTANHA RUSSA. MAS FOI EXATAMENTE AÍ QUE SE BEIJARAM PELA PRIMEIRA VEZ.







Um armista...

... é aquêle que distingue, entre os artísticos brazões de uma coleção heráldica, o de mais sugestiva significação e bom gôsto. E é êsse dom de discernir o melhor que leva os fumantes a preferir



hollywood

uma tradição de bom gôsto

H-88.247

UM PRODUTO SOUZA CRUZ